BULHÃO PATO

# MEMORIAS

## QUADRINHOS DE OUTRAS EPOCHAS

TOMO III

LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1907

# MEMORIAS

---

## III

BULHÃO PATO

# MEMORIAS

## QUADRINHOS DE OUTRAS EPOCHAS

TOMO III

LISBOA
Typographia da Academia Real das Sciencias
1907

PQ
9261
B8Z52
t.3

LIBRARY
FEB 29 1968
UNIVERSITY OF TORONTO

Este livro foi mandado imprimir

POR MEU AFILHADO

MARQUEZ DE JACOME CORREIA

# INDICE


Quadrinhos de outras epochas:

— Torres Vedras — Os desterrados ..... 1
— A Rainha — El-rei — Personagens politicos ..... 35
— A morte da Rainha D. Maria II e a regencia de El-rei D. Fernando ..... 69
— Marquez de Sá ..... ..... 81
Os missionarios na ilha de S. Miguel (1866-1868). 105
Freiras da ilha do Fayal:
I. Convento da Gloria ..... 125
II. Convento de S. João ..... 144
Pela Beira ..... 163
— Alberto Osorio de Vasconcellos ..... 179
— Antonio Fogaça ..... 187
— Julio Cesar Machado ..... 191
— D. Anna Lobo de Almeida Mello e Castro ..... 201
— João Pedro da Costa Basto ..... 205
— Albonistas e Novellistas ..... 209

– Os tres mosqueteiros da Revolução liberal: marquez de Ficalho, conde de Sobral, conde de Mafra ..... 217
– Um judeu que escapou a Shakespeare..... 221
– A minha Oração da Corôa ..... 227
– Em casa de Alexandre Herculano (1849) ..... 233
– Lisboa na minha mocidade — Aventuras nocturnas ..... 251
– Dr. Francisco Frederico Hopffer..... 265
– O Hotel Universal ..... 279
– D. Thomaz de Mello ..... 303
– A alveloa e o falcão..... 323
A andorinha e os filhos ..... 329
– Augusto Gil — Uma tarde no Monte..... 333
Procissão do Corpo de Deus. ..... 341
Recordações de 1848 ..... 355
– João Barreira ..... 371
Nas arribas do mar ..... 375
Na Galleria degli Uffizi — A estatua de carne... 385
A Sorrento e a Caprêa ..... 393
O dia 1 de maio de 1851..... 405
Quadrilheiros no Alemtejo ..... 413
Primeiro de dezembro..... 427
A minha noiva ..... 429

# QUADRINHOS DE OUTRAS EPOCHAS

## TORRES VEDRAS — OS DESTERRADOS

N'estes *Quadrinhos* ha de haver algumas manchas negras. Ahi vae a primeira.

No dia 22 de dezembro de 1846 deu-se a batalha de Torres Vedras.

A descripção pormenor vem no livro de D. Antonio da Costa — «Historia do Marechal Saldanha» —. Limitar-me-hei a algumas notas pessoaes sobre aquelle dia tragicamente memoravel e os que se lhe seguiram.

Duque de Saldanha tomara o pulso á revolução. Era de facto uma revolução popular de

sangue vivo do paiz e com homens á sua frente: Sá da Bandeira, conde das Antas, conde de Bomfim e o velho general Alvaro Xavier Coutinho da Fonseca e Povoas, soldado portuguez de que elle, Saldanha, mais se arreceava.

Povoas provou-lhe bem quanto valia nos desfiladeiros, valles e chapadas da Serra da Estrella.

Decorrido mais de meio seculo de paz podre, não se calcula hoje o que eram as paixões politicas d'aquelle tempo. Estou convencido, como já disse por vezes no percurso d'estas *Memorias,* que o medo d'essas paixões, que tinham rompido nos maiores impetos dez annos antes nos dias tôrvos da Revolução de Setembro e da Belemzada, é que levou os caudilhos da Maria da Fonte a ter mão n'um golpe decisivo, golpe que, sem abalar as instituições, poria em grave risco a corôa de D. Maria II.

Voltarei a este assumpto.

No dia 22 de dezembro de 1846 o duque de Saldanha achava-se porventura na situação mais

difficil de toda a sua longa e brilhante carreira militar. Na frente — Torres Vedras — estava o conde de Bomfim com a divisão onde havia soldados escolhidos, officiaes intelligentes e bravissimos, tendo por chefe do estado maior nem mais nem menos do que Luiz Mousinho de Albuquerque.

Conde de Bomfim, comquanto a sorte nem sempre lhe fosse propicia no campo da batalha, era destemido e general illustrado. A lenda do *confessionario* e da *bandeira preta* seria irrisoria se não tivesse o fel da calumnia. Na rectaguarda, a dois passos, Saldanha tinha em Tagarro, Alcoentre, Cercal, o conde das Antas, «que o podia e devia entalar a cada momento contra as posições invenciveis de Torres Vedras».[1]

O duque jogou um lance desesperado, e mais ainda do que a pericia e intrepidez lhe valeu a sua afortunada estrella.

---

[1] D. A. da Costa. *H. do M. S.*, pag. 503.

Dia sinistro. Já os outros haviam sido tambem tempestuosos; mas a tormenta redobrou n'aquelle.

Os rapazes da Maria da Fonte, rapazes e velhos, bateram-se com desenganada bravura.

A matança foi terrivel!

A batalha começou pelas onze da manhã. N'um relançar de olhos, Saldanha viu que a tomada do forte de S. Vicente era o ponto capital do assalto. O conde de Bomfim tinha lá dois mil homens da flôr da sua gente.

O duque, esfregando as mãos,—todos os homens de guerra teem o seu tique; o d'elle era este,—bradou:

—«A artilheria?»

—«Ainda não chegou.»

—«Ximenes?»

—«Marechal!»

—«O Sola que tome com a brigada o forte de S. Vicente á baioneta.»[1]

---

[1] D. A. da Costa. *H. do M. S.*, pag. 505.

Tomar o forte á baioneta parecia mais que uma temeridade, uma loucura.

Sola, com a sua cara de romano e a *impassibilidade de um automato* — conheci-o muito — desembainhou a espada e cumpriu a ordem. Tomou o forte, apesar de heroicamente defendido. Nas pontes, para a estrada da villa, a refrega foi medonha!

Alli o regimento 4, commandado pelo major Soromenho, do campo da Maria da Fonte, teve, por um momento, o inimigo desbaratado.

O general Galhardo, cunhado de A. Herculano e pae de Eduardo Galhardo, um dos valentes das nossas ultimas guerras de Africa, estava do lado de Saldanha, e foi elle que decidiu brilhantemente a batalha com a sua artilheria.

Fôra camarada de Soromenho no cêrco do Porto e na expedição que mandámos a Hespanha.

Narrando-me episodios da acção de Torres Vedras disse-me que Soromenho, por milagre,

escapara da morte cem vezes n'aquelle dia, como Ney, nas cargas successivas sobre os quadrados inglezes em Waterloo.

Ney cahiu ás balas de Luiz XVIII, Soromenho foi prisioneiro, degredado para Angola, e lá succumbiu ás febres do paiz.

O caso dos *Desterrados,* aos quaes se concederam espadas e bagagens, *por se haverem batido heroicamente,* palavras do marechal Saldanha no acto da capitulação, é uma nodoa sangrenta sobre o partido da rainha, nodoa que ha de apparecer rediviva na historia d'esses calamitosos tempos.

Sobre D. Fernando, como regente, D. Pedro e D. Luiz, que reinou tantos annos, não cahiram, felizmente, d'essas nodoas.

Em dezembro de 1886, voltando eu da ilha de S. Miguel pela Madeira com Silverio Augusto Pereira da Silva, hoje general de engenheiros e um dos raros que me restam da juventude, na vivacidade elegante da sua conversação, e commovido ainda apesar de tantos an-

nos decorridos, narrou-me os ultimos momentos de Luiz Mousinho de Albuquerque, seu tio.

Silverio era em 1846 rapaz dos seus dezesete para dezoito annos e ajudante de ordens de seu tio, d'aquelle privilegiado espirito que foi poeta, estadista, soldado, homem de sciencia e, sobre tudo e principalmente, sympathico e nobilissimo caracter.

No fim da batalha, Luiz Mousinho, ferido de morte, disse para o sobrinho, textuaes palavras:

— Como te bateste?

— Parece-me que cumpri com o meu dever.

— E meu filho?

— Como seu filho.

O filho era José Diogo Mousinho de Albuquerque, pae de Joaquim Mousinho, cujo nome é hoje mais um brazão do exercito portuguez.

O duque de Saldanha, vibrante ainda dos ultimos raios da batalha, abeirou-se da enxerga onde jazia agonisante Mousinho de Albuquerque e disse-lhe algumas palavras affectuosas; quero crer que sinceras, porque a alma do

grande leviano e grande general era bôa. Mousinho encarou com elle e não lhe respondeu.

Que sinistros clarões, nas proximidades da morte, não passariam por aquelle cerebro lucido ainda!

Apesar da noite tormentosa, dos caminhos de Torres Vedras n'aquelle tempo, a noticia de Saldanha ter ganho a batalha chegou a Lisboa com espantosa rapidez.

Logo de manhã o aspecto da cidade tornara-se sepulcral. Nem os proprios vencedores se atreviam a manifestar as alegrias da victoria. Centenas de pessoas tinham nos dois campos parentes carnaes e amigos. Havia como que um cheiro a sangue e a morrão de entêrro.

Mulheres, mães, irmãs, amantes, reviam no rosto contrahido pela anciosa incerteza alguma coisa da loucura, e, não raro, faziam perguntas desvairadas!

No crescer do dia chegavam ao hospital da Estrella os feridos; alguns moribundos.

Os grilhêtas, a legião sombria d'aquelles des-

graçados que andavam a dois e dois pelas ruas, atrellados como cães por grossas correntes, fôram separados para serviço das macas.

Que prestito funebre!

Pedro Canavarro, moço que em proporções humanas tinha a correcção e a elegancia do Neptuno de João de Bolonha, logo ás primeiras descargas cahiu com uma bala que lhe levou ambos os olhos.

O desgraçado pediu aos camaradas que o acabassem.

João Carlos de Lara Everard, do campo dos patuléas, rapaz loiro e espigadito, fervia-lhe a bravura no sangue.

Era aspirante de infanteria. Vendo-se, no impeto da avançada, separado dos camaradas, e cahindo-lhe aos pés um soldado de cavallaria, deitou mão da espada do defuncto, montou a cavallo e atirou-se para o vortice do combate.

D'alli a pouco estava com mais cutiladas e lançadas do que as vinte e cinco do cavalleiro da lenda da Bella Infanta.

No mesmo dia da nova da batalha soubemos que Everard, o nosso condiscipulo da Escola Polytechnica, ficara morto no campo. Lembro-me das lagrimas que chorámos com a sensibilidade dos dezesseis annos. Essas lagrimas foram-nos compensadas quando d'alli a pouco tivemos a noticia de que havia escapado como por milagre e estava em caminho de completo restabelecimento.

Aquelle corpo delgado e elegante era tão sadio e vigoroso como a sua alma lavada e energica.

Passada a guerra, voltou aos estudos. Ahi está o filho, Lara Everard, distincto funccionario da Alfandega e jornalista.

Á extrema anciedade que agitava a capital seguiu-se a apathia morna que sobrevem nas grandes catastrophes.

A chegada dos presos de Torres Vedras a Lisboa e a entrada d'elles nas presigangas do Tejo augmentou ainda o tom mortuario da capital.

Uma necropole!

Quando algum raro dia d'aquelle tempestuoso inverno rutilava todo azul e oiro, faiscando no Tejo, illuminando os quintaes e as hortas da cidade, Lisboa era porventura mais triste. Ermas as ruas, desertas as praças, janellas cerradas. Aqui e além ouviam-se as risadas crystallinas do rapazio desenfreado, com bandeiretas de farrapos, espadas de canna, divididos em dois bandos, simulando a batalha das vesperas e prenunciando as que deviam seguir-se.

As creanças a foliar no meio das grandes tragedias comprimem-nos amargamente o coração, porque nos lembram o *durum genus,* a ferocidade da origem humana!

Via-se a cada passo, não só a tristeza, mas a miseria impacta nas physionomias.

No Limoeiro os presos politicos, homens respeitaveis como D. Christovam Manuel de Vilhena, Antonio Lucio Tavares Magessi, José Manuel Teixeira de Carvalho, Antonio Palha, etc., etc.

Os operarios absolutamente sem trabalho, todos os generos de primeira necessidade pela hora da morte; nenhuma transacção commercial.

Os empregados publicos, com muitos mezes de atraso, acudiam a rebater os ordenados por um desconto enorme.

Quantos d'esses empregados, que pertenciam a diversos batalhões, vi eu trazerem, em pleno dia, debaixo do braço, o pão de munição para o repartirem pela familia.

As notas do banco trocadas por menos de metade do seu valor; os cabos de policia deitando mão aos moços adolescentes, sem distincção de classe, para lhes sentarem praça no exercito da rainha.

Depois da batalha, como já disse, os proprios adversarios não se atreviam a celebrar ruidosamente o enthusiasmo do triumpho.

Só a rainha não poude ter mão em si.

Quando a guarda de honra chegou ás Necessidades, D. Maria II, abrindo com as proprias

mãos a realenga sacada, na sua voz sonora e vibrante de jubilo, clamou:

—Victoria, rapazes!

Os cabellos, em saccarôlhas, fluctuavam ás refregas da quadra tempestuosa, as rosas da mocidade saltavam-lhe das faces accesas pela commoção da victoria. O que podem as paixões politicas! Esta senhora, exemplo de esposa e de mãe, não se lembrava de tanta viuva e de tantos orfãos; de Mousinho de Albuquerque, gloria da patria e amigo de seu pae nos dias da adversidade; do sangue fraterno que tingia a corrente arrebatada do Lisandro na força da invernia.

Alguns cortezãos quizeram negar o facto, mas fôram obrigados a engulir o impudor da lisonja, porque o facto teve por testemunhas centos de pessoas e uma d'ellas fui eu.

A rainha, palpitante de enthusiasmo,—sentia-se-lhe a mão convulsa a cada palavra—escrevia esta carta ao duque de Saldanha:

«Meu querido duque

«Não quero perder mais tempo em agradecer-lhe a importante victoria que o duque alcançou em Torres Vedras, mostrando assim a sua inabalavel dedicação á minha pessoa e á Carta Constitucional. Estimo muito congratular-me com tão digno general pela briosa e distincta conducta de todos aquelles que guiou á victoria.»

*A inabalavel dedicação á sua pessoa* lh'a provaria o duque d'alli a cinco annos, na noite de 15 de maio de 1851, no theatro de S. Carlos, obrigando-a a tragar o boccado mais amargo de toda a sua vida, sacrificio que ella fez com senhoril e regia dignidade.

D. Fernando, nas pegadas da mulher, tambem escrevia ao duque:

«Sinto um verdadeiro prazer em vêr a conducta dos seus soldados, e sobretudo os novos

e tão importantes loiros que alcançou o digno e denodado chefe, loiros dignos d'aquelles que já tinha alcançado no serviço da rainha e da patria; muito o honra o modo por que dispozera as coisas; isto aqui foi reconhecido por todos, mas sobretudo por nós.»

Ao povo chegou o *sobretudo por nós;* isto é, o enthusiasmo do Paço pelo desastre sangrento da causa popular.

Os odios recrescendo iam cahir sobre os mais altos: no Paço e nos Cabraes.

A rainha passava na sua caleche, batedores á frente, com o João Inglez, o famoso cocheiro no *pescante,* bonito rapaz de cabelleira empoada, olhando para o povinho da cidade com o desdem soberbo de quem tinha a Grã-Bertanha na barriga. Vendo o tiro de urcos e o auriga bretão, o povo rosnava, por entre os dentes, alguns realismos nacionaes assás pittorescos:

«Os nossos reis andavam puxados a mulas de Alter e os lacaios eram portuguezes.»

Quando apontavam os batedores, muitas janellas se fechavam, e grande numero de transeuntes se mettia por portas de escada para não cumprimentar a soberana odiada por toda a cidade e todo o paiz.

Luiz Mousinho expirou em Torres Vedras.

Em breve o seu *Espectro* appareceu na capital, nas provincias e no Paço. Não á hora dos demonios, pela noite velha, mas em pleno dia.

Esse *Espectro* apavorou a côrte e os magnates que cercavam as magestades.

A imprensa opprimida ainda é mais poderosa e mais terrivel do que em plena liberdade.

De onde sahia aquella folha sibyllina e tragica? Das sombras onde se occultava um homem que tinha o pulso de Armando Carrel. De onde viera? de que familia procedia? como se chamava esse homem? Viera de berço obscuro, pertencia á familia da grande aristrocacia da intelligencia, chamava-se Antonio Rodrigues Sampaio.

Alto, forte, mãos poderosas; a exuberancia da

sua musculatura dava idéa de uma estatua incorrecta na fórma ou antes tôsca no desenho, arrancada de um bloco da nossa pedra lioz. Não tinha curso superior, como não o tinha Alexandre Herculano e tantos outros; mas era forte em humanidades e latino de primeira ordem. Filiou-se no partido popular avançado — Revolução de Setembro — e não tinha rasto onde os inimigos lhe podessem morder.

De toda a sua força physica e vigor moral precisou Sampaio, porque para abrir caminho teve o rude trabalho de cabouqueiro: fender a rocha, fazendo saltar as lascas de pedras ás picaretadas, sempre a braços e suando.

No estado dos espiritos n'aquella epocha, o *Espectro,* que parecerá hoje rhetorico, era um papel de sangue e de fogo.

Com grave risco de serem espancados, e alguns o fôram, os patuléas alcançavam o jornal, e, com as maximas cautelas, difundiam-no por amigos e correligionarios. Lia-se nos recessos da casa, em voz muito baixa, á familia e pes-

soas de toda a confiança, tremendo de cima, do lado, de alguem que subisse a escada. O nome de Antonio Rodrigues Sampaio pronunciava-se como se fôsse o de um apostolo inspirado, vingador sublime d'aquellas iniquidades.

Não ha nada para engrandecer as coisas como o ambiente de uma revolução.

Parece que as correntes do ar nos accendem o sangue como o vinho capitoso.

Tudo toma côres e proporções extraordinarias: os laços de estima dados de momento, um aperto de mão por leve fineza, transformam-se em pacto sacrosanto de amor fraterno; o plectro da melancholia converte se em clarim que despede notas de fogo.

Do Campo Santo sae a elegia para os tristes; das pradeiras floridas o idyllio para os amantes; dos campos de batalha a ode que leva, não só os intrepidos, mas até os timidos, á heroicidade.

Quantos rapazes de hoje, n'este momento de frieza e positivismo, se as coisas mudassem não

entrariam cegos no turbilhão do combate! O nosso sangue peninsular, tão apodado, é ainda o mesmo; tudo está em aquecêl-o.

O exemplo tivemol-o na Africa.

Fôram precisos exploradores? — paiz algum os teve mais ardentes e desenganados.

Tocou ao combate? — todos sabem o que fôram os nossos soldados. Os factos passaram-se hontem. Aos 72 annos é provavel que acredite em poucas coisas; no temperamento da nossa raça, sendo preciso luctar, acredito ainda.

Tremiam todos que se descobrisse o paradeiro onde se occultava o grande jornalista. Quando se falava em *trapeira,* Sampaio sorria com o fino sorriso de humorista que elle era!

Antonio Rodrigues Sampaio, durante muitos annos, com modestissimos meios, *sem medo e sem macula,* esteve sempre na brecha, repellindo os mais furiosos assaltos. Depois o animo vigoroso dobrou-se-lhe ao coração. Alguma coisa quiz deprecar de Roma. Não o conseguiu. Custou-lhe caro.

Os seus adversarios aproveitaram o ensejo e fôram crueis. Elle, pela primeira vez, teve de tragar o fel da satyra em amargo silencio!

Logo depois da capitulação começaram a correr boatos de fuzilamentos, boatos que recresceram e aterraram a capital. Attribuia-se a intenção nefanda á corôa. Não o creio. Parece que vendo a revolução popular erguer a cabeça por toda a parte, e sentindo o odio que os patuléas lhe tinham, a rainha enfurecida clamara:

— Mereciam ser fuzilados; mas hão de ser desterrados.

Isto foi o que me disse, muitos annos depois, uma alta aristocrata, espirito fino e culto, que viveu desde a infancia com D. Maria II, não só como dama, como irmã.

Foi com a mão na consciencia que a nobilissima senhora me affirmou estas palavras.

A calumnia sahiu do Paço, onde não ha dia do Senhor em que se não inventem algumas, e ás vezes os capitaes inimigos dos reis são os que tudo lhe devem.

Paremos aqui um momento e voltemos nove annos atraz, para falar de um homem de quem fui amigo e cahiu prisioneiro em Torres Vedras.

A batalha do *Chão da Feira* — 1837, na celebre *Revolta dos marechaes* — correu rapida, não chegou a durar duas horas, mas foi sangrenta.

Lá ficou João Nepomuceno de Macedo, barão de S. Cosme, o Ney portuguez, o pobre moço conde da Redinha, e, ferido gravemente no peito, o destemido e sympathico Fernando Mousinho de Albuquerque. De tantos que assistiram á refrega, e viveram na minha intimidade, só me resta hoje D. Luiz da Camara Leme, que tambem lá se bateu como um bravo que sempre foi.[1]

---

[1] Esta parte foi publicada no *Brazil Portugal* de 1 de dezembro de 1901.

O duello mortifero do *Chão da Feira* dava-se entre homens que havia muito poucos annos ainda se tinham abraçado nos dias da adversidade e nos dias triumphaes, e davam-se apenas por discordias caseiras.

Mal empregados actos de heroicidade que alli se praticaram!

O acaso fez com que o combate rebentasse no mesmo *Chão* onde seculos antes Nuno Alvares Pereira e o Mestre de Aviz desbarataram o rei de Hespanha e firmaram a nossa nacionalidade.

As causas fôram completamente diversas; uma grandiosa, outra insignificante; mas o animo dos soldados, nas duas e remotas epochas, egualmente decidido.

No principio da acção os setembristas perdiam terreno. Saldanha aventurou uma carga de cavallaria, arma de que no momento podia principalmente dispôr. Encontrou, porém, caçadores 2 em quadrado.

Lá estava n'esse regimento Sebastião Fran-

cisco de Assis Drago Valente Leão de Brito Brim Cabreira.

O nome tem o retumbar de um parque de artilheria!

A bravura d'aquelle que o usava era digna de tal nome.

Não houve nunca ninguem mais intrepido.

Não descrevo a batalha; narro apenas um relance.

Quando a testa do esquadrão, com o barão de S. Cosme á frente, veiu ao chão quasi toda, o chapéo do marechal Saldanha cahiu-lhe da cabeça, isto sobre o quadrado, que se desfazia em constantes descargas.

Miguel Ximenes, ajudante de ordens do marechal, apeou-se como se estivesse n'uma parada, e entregou-lhe o chapéo. Eram homens d'estes!

Que pena, repetimos, malbaratados em pugnas miseraveis!

A Revolução de Setembro, contra os da Carta e da rainha, como é sabido, ficou vencedora,

porque o conde das Antas — visconde ao tempo — na volta de Hespanha, não quiz adherir aos Marechaes.

José Eduardo de Magalhães Coutinho, completara o seu curso no Hospital de S. José e acompanhava o pae, official de cavallaria, não sei se do lado dos cartistas se dos setembristas, como cirurgião militar.

Terminado o combate do *Chão da Feira,* Magalhães Coutinho percorria o campo quando se lhe deparou um rapaz, uma creança quasi, horrivelmente mutilado. Julgou que fosse francez ou belga, por uma exclamação sumida que soltou em francez. Uma bala de canhão tinha-lhe despedaçado uma perna.

Transportado, como Fernando Mousinho e outros feridos, para um logarejo, Magalhães Coutinho tratou de proceder á amputação. Faltavam-lhe instrumentos; os poucos que possuia haviam-se desencaminhado.

Acudiu ás navalhas de um barbeiro e ao serrote de um marceneiro.

Durante a operação, o paciente só exclamou:

— Mon Dieu! Mon Dieu!

As suas mãos crispidas deixaram, porém, os dedos assignalados nos que o seguravam.

A boa organisação e a mocidade triumpharam. Em poucos dias estava em plena convalescença.

Magalhães Coutinho viu logo que o seu operado era moço intelligente e de fina educação. Falava portuguez, mas fôra educado em França. Disse-lhe que pertencia a familia portugueza e se chamava Fernando de Sousa.

Medico e enfêrmo eram já amigos de alma. Uma mulher solicita não seria mais carinhosa do que Magalhães Coutinho foi com o pobre amputado.

Um dia, duas senhoras apearam-se de uma liteira e entraram a porta da casa.

A distancia sentia-se, n'aquellas duas senhoras, a distincção da fidalguia portugueza, ra-

rissima no ambiente ranço em que respiramos agora.

Eram a condessa de Villa Real e sua filha segunda, D. Maria Thereza de Sousa, depois condessa da Ponte.

Falleceu ha poucos mezes a finissima senhora, exemplo de virtude durante uma longa vida.

Quando D. Fernando de Sousa,—conde de Villa Real,—partiu para Lisboa, a irmã tirou do seio uma bolsa de setim roxo e offereceu-a ao medico que lhe salvara o irmão. Eram cem libras esterlinas.

Cem libras n'aquelle tempo!

A ultima vez que Magalhães Coutinho me contou este episodio da sua mocidade foi em Valle de Lobos, ante-vespera de Alexandre Herculano expirar, e disse-me, como dizia sempre que narrava o facto:

—Julguei-me um rei!

Magalhães, tão estimado em casa do conde de Villa Real pela gratidão que lhe tributavam,

era querido e admirado tambem pela vivacidade e graça de espirito.

O medico entrava, pois, na flôr da grande roda portugueza e da grande clinica.

Era alto e moreno; feio; olhos pretos retinctos, ardentes como duas brazas; bocca rasgada, de beiços grossos, mas expressiva.

Vida petulante a saltar-lhe da musculatura, da arca do peito, do gesto, dos movimentos, da palavra, sempre colorida e fecunda.

Homem extraordinario.

Alexandre Herculano disse-me muitas vezes que era a mais vasta intelligencia que tinha conhecido. Possuia todas as condições dos cerebros excepcionaes; via as coisas em largas syntheses, sendo ao mesmo tempo analytico e penetrante observador.

Andava estudando medicina e era professor de grego. Tinha a vocação da sciencia e das lettras. Em historia da medicina, nem antes nem depois, em Portugal, teve quem hombreasse com elle.

Cursou mathematicas e levou os primeiros premios. A astronomia prendeu-o sempre.

Escrevia com elegancia e correcção; era didactico e artista.

Por que não deixou na sciencia um grande nome? Pela paixão absoluta, pela paixão cega que o dominava: as mulheres! Rompia por tudo, esquecia tudo, familia, sciencia, amigos, e lá ia na piugada de uma saia, de cabeça levantada, a *ventos,* como perdigueiro de finissima raça, e *parava e entrava,* sem que o *mandassem,* no portal de escudos timbrados e na cabana do pescador.

Isto de *cabana de pescador* não é rhetorica.

De uma vez desappareceu de casa, abandonando doentes e discipulos, e andou perdido por essas praias do norte com uma ondina de tamanquinhas, brunida dos salgadios do mar, risinho de perolas, covitas nas faces, ancas roliças, sacudindo a saia curta, cinta quebrada, chapelito braguez firmando-lhe na cabeça o lenço fluctuante de côres lubricas, arrecadas e cora-

ção de filigrana, mais appetitosa e picante do que a *viva da costa!*

Já com os setenta puxados adoeceu em certo aposento. De improviso apparece um eminente personagem e encontra-lhe á cabeceira, não uma dama do Paço, mas, posto que já no declinar do sol, uma rainha da belleza!

Conde de Villa Real estava na lista dos desterrados.

A irmã do conde, D. Isabel de Sousa, condessa de Rio Maior, e a mulher do conde, da casa Braamcamp, fôram deitar-se aos pés da soberana.

D. Maria II foi inabalavel, dizendo depois das encarecidas e angustiosas supplicas:

— Olha, Isabel de Sousa, sinto deveras por que fui muito amiga de teu pae.

Então a condessa de Rio Maior, elevada intelligencia, a mais robusta intelligencia de mulher que tenho conhecido, com a legitima altivez do seu dignissimo caracter, disse-lhe:

— Pois não o parece, minha senhora. A con-

solação que me resta é que Vossa Magestade ha de ter remorsos e ha de arrepender-se amargamente do que vae fazer.

E sem esperar que a rainha a despedisse, com o coração traspassado de dôr, sahiu, grande e senhoril, pelos salões realengos, onde os seus antepassados entravam de chapéo na cabeça.

Conde de Villa Real era de mediana estatura, delgado, mas todo nervos e musculos, valente, da valentia cega que se chama intrepidez.

Nada abatia aquelle animo.

De Angola escrevia a uma das suas irmãs, não sei qual das tres:

—Em breve a minha boa estrella me tirará d'aqui.

A *minha boa estrella* tem graça! Quasi uma creança, entrava n'uma batalha; a primeira bala de canhão levava-lhe uma perna. Passados nove annos, no castello de Torres Vedras, batia-se como um leão até á ultima descarga; era feito prisioneiro, desterrado para a Costa d'Africa, deixando a sua grande casa, patria, amigos, fa-

milia; um filho nas entranhas da mulher que adorava, e com o mais desenganado bom humar gabava-se da sua *boa estrella!*

Angola reputava-se então terra para galeotes.

A viagem poderia durar seis mezes na ida e seis na volta.

Ainda quando n'essa epocha partiam navios para a Africa, mercantes ou de guerra, se ouvia o povo repetindo a lettra tradicional e agoirenta:

—«Quantos irão que não voltarão!»

E aquelles, coitados, de mais a mais, iam para ferros de el-rei, funestados pelo rancor dos odios politicos!

O destêrro deu-se contra a espectativa de toda a gente humana e honesta.

No dia 1 de fevereiro de 1847, no brigue *Audaz,* lá fôram. Eram 43!

—«Quantos irão que não voltarão!»

Duas vezes tenho visto sahir navios do Tejo, saltando-me dos olhos lagrimas de dôr e de sangue. A primeira foi essa.

A segunda quando os francezes nos levaram *Charles et George*.

Depois, muito depois, já velho, de olhos enxutos,—é arida a velhice—vi, do cimo do casal d'este Monte, outra esquadra bordejando ameaçadora e sinistra como a Iniquidade Omnipotente!

A aragem fria e prenuncia do inverno, cahindo das assomadas de Cintra, enfunava-lhe o pavilhão soberbo e sangrento.

Na orla serena do horizonte, o sol do meu paiz, baqueando no mar, sumiu-se nas ondas rubro... de vergonha!

## A RAINHA — EL-REI — PERSONAGENS POLITICOS

El-rei D. Fernando era uma bella figura de homem. Busto soberbo, encantadora cabeça, cheia de luz e de ar distincto; feições pronunciadas, correctas e expressivas. Cultivava o desenho e a musica. Voz de barytono extensa e agradavel. Em rapaz montava quasi sempre cavallos de Alter, que ainda tinhamos n'esse tempo, de sangue puro e vivo. Um dia, em Mafra, apanhou um bom tombo e ganhou medo. Depois só andava em cavallos brandos, e já começando a pôr de parte o seu exercicio favorito. Não se

desperdiçava pela venatoria, comquanto da Allemanha o acompanhasse um bavaro a titulo de caçador, homem de estatura descommunal e que de caçador tinha apenas o nome. Temperamento de artista, o bavaro tornara-se notavel entendedor de obras de merito, principalmente gravuras antigas, adquirindo preciosas collecções para a galeria de seu amo. Fôram elle e o doutor Burnay, medico bemquisto e sympathico, os primeiros que tiraram retratos de daguerreotypo em Portugal, coisa que fez o espanto das gentes!

Chamava-se Wenceslau Cifka. Casou com uma menina pobre que fôra creada no Paço de Queluz. Singular formosura.

Um dia, era eu muito moço, D. Maria II, sahindo das Necessidades na sua caleche e passando pela casa de Cifka, que defrontava com a pharmacia, então chamada da *Correnteza,* disse adeus vivamente á mulher do famulo particular do rei, e cahiu-lhe uma pulseira. Eu ia entrar a porta de Wenceslau, que me convidara para

me tirar o retrato. A joia rolou-me aos pés, e entreguei-a a D. Manuel de Portugal e Castro, que se apeara para apanhal-a.

Ha coisas insignificantes, mas que nos ficam gravadas na memoria até o fim da vida. Lembro-me do dia e da hora: seriam tres da tarde; estava um céo deslumbrador: dia de Reis de 1846.

A predilecção que a rainha votava á mulher do bavaro mordeu a inveja da gente do Paço, e levantaram que a pupilla de Queluz era filha de um inglez e de uma infanta de sangue. Pura calumnia. De facto certo inglez, illustre e abastado, gentil homem na figura e no porte, namorou-se de uma das nossas infantas; solteira, muito galante e que representou largo papel na politica. O inglez foi correspondido, mas não deixou documento vivo da sua boa fortuna.

No Jardim Botanico da Ajuda havia um dragoeiro de tamanho desconforme, e cuja sombra era propicia aos idyllios. Um dia a *Bella Infanta* abrigara-se de um aguaceiro n'aquelle asylo de Venus com o moço inglez.

De subito apparece o jardineiro. O inglez tirou do bolso uma pistola e ia a desfechar com elle quando a Infanta, n'um bom impulso, lhe teve mão. O jardineiro, nos meus primeiros tempos da Ajuda, seria homem dos seus sessenta annos, e contava o caso a toda a gente.

Garrett, passando o verão de 1849 na casa de Herculano, improvisou a lapis, debaixo do sombrio dragoeiro, os versos das *Folhas cahidas* que se intitulam: «Gôso e Dôr.»

Quantos suspiros de amantes não terá ouvido o monstro vegetal!

D. Fernando era affeiçoado á arte. Durante muitos annos accumulou preciosidades no recinto da Pena.

Foi a sua obra.

D. Maria II subiu ao throno em condições excepcionaes; por pouco que o sangue dos seus valentes lhe não espadanou sobre as flôres nupciaes.

Antes do primeiro casamento, creança apenas de 15 annos, vira no Paço, á sua mesa, um tenente de cavallaria, fidalgo de boa origem e gentilissimo rapaz.

A impressão foi instantanea e violenta. Apesar da rara energia do seu caracter, não a poude dominar.

A politica, quando se ensejava o segundo casamento com D. Fernando, para obstar a esse consorcio, começou em enredos e deitou mão a todas as perfidias.

No livro, precioso livro, direi: «Luctas caseiras», de Marques Gomes, de pag. 614 a 617 vem a narração pormenor, com uma carta em francez dirigida a D. Fernando e assignada: Francisco de Sousa Canavarro. Canavarro era o tenente de cavallaria em quem os olhos da filha de D. Pedro IV se haviam cravado por um momento, antes das suas primeiras nupcias.

A carta é evidentemente apocrypha.

Nem o idyllio de um dia de primavera, n'uma alma virginal, idyllio que nasceu n'um sorriso

e morreu n'uma lagrima, escapou ao rancor protervo da calumnia politica!

D. Fernando casou muito moço. A mulher adorava-o, e desde o dia do noivado — janeiro de 1836 — até áquelle em que morreu, dando á luz um filho, foi modelo de esposa e de mãe.

Como rainha teve grandes defeitos, defeitos de que resultaram terriveis catastrophes para o paiz. A historia não pode esquecer esses factos. Era radicalmente despotica. Se fôsse rainha absoluta, ai d'aquelle que se atrevesse a contrariar-lhe as supremas vontades! Provou-o sempre que teve ensejo propicio!

Quando poude exercitar desafogadamente o mando, condemnou 33 prisioneiros de guerra para a costa de Africa.

Em se exaltando, davam-lhe as allucinações epilepticas do pae.

O marido estava acanhado na sua posição; era um esposo timido, e a timidez lhe enfatuou os meios de que podia dispôr. Tornou-se n'um

pupillo da tutela regia, e isto o levou por vezes a posições dubias.

Chegou a pôr-se á frente de movimentos determinados pelo Paço; mas ia e voltava quando o mandavam, como em 1846 e 1851.

A soberana consultava os que lhe convinham, amigos e inimigos, quantos podessem dar luz aos seus planos. D. Fernando ficava sempre como Pilatos no Credo.

Em 1847, n'uma crise apertada, antes do Alto do Viso, D. Maria II mandara chamar Rodrigo da Fonseca Magalhães para confidenciar. Rodrigo, no dia seguinte, escrevia a José da Silva Carvalho:

«A rainha estava só; el-rei tinha ido ao S. João da *Outra-banda! Promenade de plaisir!*», dizia o ironico e finissimo estadista.[1]

Quando o caso era grave, abrandava nos seus rigores de mulher zelosa e mandava para o S. João da *Outra-Banda* o pupillo, a andar de bur-

[1] Doc. para a hist. cont., pag. 406. J. da S. C.

rinho, a tomar um pouco de ar, em ferias, a espairecer! Elle voltava; chegavam-lhe rebates do perigo imminente, e muito ás furtadelas, como se fôra um extranho n'aquelle Paço, onde era rei, marido e pae, dizia a Rodrigo:

«Como acabará isto? Fale-me com franqueza, que tudo ficará entre nós. Quero que falemos e peço-lhe que me diga o seu sentir.»[1]

Não sabia nada! Os negocios estavam fechados na mão da rainha. Irresoluto, ás apalpadelas, assustado, ia para o seu gabinete distrahir-se desenhando, soltando na sua voz redonda e sonora alguns passos dos *Puritanos* ou dispondo artisticamente as suas preciosidades adquiridas no *bric-à-brac*.

Um escolar que não chegara ainda a emancipar-se.

Nunca, nas crises decisivas e violentas, D. Fernando teve a minima influencia. Quando desterraram os homens de Torres Vedras, que eram

---

[1] Doc. para a hist. cont., pag. 456. J. da S. C.

prisioneiros de guerra, e se haviam batido leal e denodadamente, desterro que repugnou a todas as consciencias honestas, el-rei pediu, implorou, com lagrimas nos olhos — e o acto partia principalmente da rainha — pois não foi attendido.

D. Fernando sentia a onda rancorosa e sangrenta que bramia em todo o paiz contra a soberana, mas não tinha força para contrastar a violencia das paixões de sua mulher.

A revolução prolongava-se e augmentava. Minho, Traz-os-Montes, Alemtejo, Algarve, onde a palavra de José Estevam inflammava os espiritos, levantavam-se em grandes massas. Da cidade de Evora o conde de Mello, referindo-se ao poder genial do extraordinario tribuno, escrevia:

«Alli (no Algarve) tudo respira guerra! Organisa-se, como por encanto, uma força de cavallaria; compram-se armas, alistam-se soldados e faz-se um parque de artilheria.» (*Espectro*, n.º 17.)

A rainha, apesar de todo o seu animo e altivez, começava a trepidar; sentia faltar-lhe de-

baixo dos pés o solio e vacillar-lhe a corôa na cabeça. Lord Palmerstron, depois de umas ambages arguciosas, intervinha; mas a amnistia tinha de ser amplissima. Para a rainha punham-se condições amargas de tragar!

«Sua Magestade dará immediatamente uma amnistia a todos que pertencem ao partido da Junta, não havendo alguma excepção, com a restituição aos empregados publicos e honras que quaesquer individuos tenham perdido. Chamamento á patria dos deportados, etc., etc.»

E para lhe abater o orgulho:

«Menção muito honrosa ao duque de Palmella»,[1] ao homem que ella havia aprisionado no proprio Paço, na traidora e sinistra noite de 6 de outubro!

A rainha, enfiada, em silencio, mordia os beiços, até deitar sangue, sopitando os repelões da vindicta.

As portas do Limoeiro, a 29 de abril de 1847,

---

[1] Doc. para a hist. cont., pag. 457. J. da S. C.

abriram-se. Se tivesse havido combinação com Bernardo de Sá, o golpe era decisivo. Os patuléas agarravam o inimigo entre dois fogos. O governo receava a sublevação de toda a cidade e suburbios. Para defender Lisboa não havia quasi mais de que milicianos incipientes, e na maior parte alistados contra vontade. A tropa de linha, com o melhor da guarda municipal, estava sobre Setubal, de ouvido álerta e receando o ataque a cada momento. Não se calcula o terror da cidade quando romperam os primeiros gritos de alarma. Em todas as casas tremiam que os criminosos, sahidos das enxovias, viessem, porta dentro, de faca em punho, a roubar e assassinar.

Para os lados da Sé, Santa Clara, S. Vicente, Graça, Monte, a fuzilaria estrondeava sobre os fugitivos.

De cima de um telhado, atravessado pelos peitos, um dos carrascos veiu parar á calçada redondamente morto. O outro deixou-se ficar muito tranquillo na sua cellula hedionda.

Ambos tinham feito um bom par de execuções!

O pavor, e a falta de plano, imperdoavel, conteve a sublevação da cidade.

No Paço tremia tudo; a rainha occultava heroicamente o medo.

Os patuléas que ella apodava davam-lhe que fazer! Era a *canalha pé fresco,* como dizia mordida pela raiva, esquecendo a dignidade real e da sua pessoa, que sabia manter como ninguem.

Parece que um dia, no seu chancear desdenhoso, Maria Antonietta appellidou de *sans-culottes* a uns maltrapilhos da grande Revolução. No carcere, e proxima do patibulo, talvez que se arrependesse da irreflectida dicacidade!

D. Maria II foi mais feliz. Não tinha que recear do cadafalso; mas se não passou horas crueis com a abdicação do mando, a meu vêr, deveu-o a dois homens:

Conde das Antas e Bernardo de Sá.

Como se explica a inercia do conde das An-

tas, ouvindo durante muitas horas, firme e impassivel, o canhão de Torres Vedras? Aquelle valor leonino desfallecia deante da sciencia de Saldanha? Não é precisa a minima noção de coisas de guerra para vêr que o duque, ainda que tivesse o genio de Napoleão, com as forças de que dispunha, se lhe apparecessem na retaguarda alguns centenares de soldados, estava irremessivelmente perdido. Isto que se tornava evidente ao espirito menos atilado podia porventura passar despercebido ao conde das Antas, ao famoso Xavier, que, além de bravissimo, era muito intelligente e tinha larga experiencia dos campos de batalha?

No Porto, quando á ultima hora se decidiu a sahir, contra a opinião dos assisados, sabia que não podia forçar o cruzeiro inglez. Por que não partiu antes? Tinha a certeza de que, assomando á barra de Lisboa, a capital era sua. Duas vezes, pois, pelo seu procedimento, não quiz que a revolução vingasse.

Sá da Bandeira fez outro tanto em Setubal.

Antes que as forças da rainha, commandadas pelo Vinhaes, se avolumassem e ordenassem sobre a cidade do Sado, Sá da Bandeira, talvez sem disparar um tiro, entrasse victorioso em Lisboa.

Como de 1833 para 1847 as coisas tinham mudado!

Compare-se o duque da Terceira, com um terço de aventureiros, cahindo no dia 24 de julho sobre a capital, guarnecida por muitos mil homens de tropa regular e aguerrida! Embora tão proximos, ha um abysmo entre os dois momentos historicos.

O commandante de caçadores 5, o leão das Antas, general de vinte batalhas campaes em Portugal e em Hespanha, e o heroico mutilado da Serra do Pilar hesitavam agora!... Porquê?

Taes homens não souberam nunca o que era medo.

Depois de 6 de outubro, Antas e Sá da Bandeira entraram na lucta, suppondo que a rainha fraqueasse vendo a attitude do paiz, e,

sem o seu apoio, Costa Cabral baqueava para sempre do poder.

Com Saldanha tornava-se facil qualquer accordo, voltivolo e malleavel como sempre foi em politica. A coisa, porém, mudava de aspecto. O sangue accendeu as paixões, e a tenacidade da rainha converteu a ira dos adversarios em rancor entranhado. Se os da Junta entrassem em Lisboa, a soberana, antes de abdicar, teria de refugiar-se n'uma nau ingleza.

Como todos os homens da emigração e do Porto, Sá da Bandeira e Antas amavam D. Maria II. Entrada apenas na adolescencia, intelligente, formosa, expatriada, uma creanca quasi, fôra a estrella polar, ou, direi antes, a noiva immaculada e espiritual da grande revolução. Receavam que a democracia exaltada, na sua justa colera, lhes abatesse o idolo!

Periclitavam acaso as instituições quando a rainha abdicasse?

Quem falava n'esse tempo em Republica, não digo só em Portugal, mas em toda a Penin-

sula? Além dos Pyrineus, a revolução de 1848, movimento imprevisto e ephemero, ainda estava longe.

Para mim é fóra de duvida que a Maria da Fonte não triumphou pela tibieza das espadas d'esses dois homens.

Os academicos apertavam com Sá da Bandeira. Queriam combater:

Somos jovens, livres somos,
Somos de mais portuguezes,
O dever nos chama á guerra,
Affrontemos seus revezes!

Chegou o dia 1 de maio de 1847. Dia luminoso de primavera. As primeiras frechas de sol batiam nas serranias do Alto do Viso.

Quantos veriam aquelle sol pela derradeira vez!

Os clarins tocavam a alvorada no campo inimigo, e os academicos, na guarda avançada, trepavam o monte cantando:

Quando da patria
Soa o clarim
Ninguem nos vence,
Morremos, sim!

Tiros das avançadas, crescer do fogo, calar baionetas; cavallos á carga; troar dos canhões. Combate rapido, mas tigrino.

Castello-Branco, uma das nossas melhores espadas, aleijado da mão direita nos assaltos do Porto, matou com um tiro de pistola o Pancada, tambem um valente. Pancada era do campo de Sá da Bandeira; Castello-Branco do Vinhaes.

Galamba, o guerrilheiro, o dragão, acudiu a vingar o seu camarada, e decepou a cabeça de Castello-Branco com uma tremenda cutilada.

Fernando Mousinho, commandante dos academicos, que perdera o pae em Torres Vedras, cahia ás primeiras descargas, atravessado pelos peitos, como havia dez annos tombara no Chão da Feira com egual ferimento. Joaquim Guedes de Carvalho e Menezes, da casa dos con-

des da Costa, teve o braço partido por uma bala de fuzil. Os academicos deixaram cinco dos seus camaradas no monte ensanguentado. Dois d'elles fôram assassinados depois de prisioneiros.

Nas quebradas umbrosas do Alto do Visoquem, noite cerrada, vae subindo de Setubal para Azeitão, lá descobre uma luz como estrella pallida, luz que vem de uma ermidinha onde os dois inimigos, Pancada e Castello-Branco, descançam abraçados na paz da morte.

Galamba, passados annos, foi morto em Villa de Frades, se me não falha a memoria, com duas balas, que em pleno dia lhe metteu no peito um fraca figura.

O intrepido guerrilheiro era uma bella estampa de homem.

Quando veiu a Lisboa deputado, conheci-o e jantei com elle em casa de Joaquim Filippe de Soire duas ou tres vezes. Galamba estava então na força da vida. Herculeo, mas proporcionado e elegante. Barba negra retinta e anelada;

voz mansa; sentia-se, porém, ás vezes, n'aquella apparente brandura, como que um supitado rugido que lhe trahia a nativa ferocidade. Que lastima que aquelle desmesurado valente tivesse desvirtuado grandes feitos com mais de uma miseria e mais de um crime.

Na tarde de 1 de maio de 1847 a aragem do sul trazia a Lisboa os echos do canhão do Sado. Ao Terreiro do Paço, noite alta, chegavam as macas com os feridos, alguns moribundos.

Sangue em Torres Vedras, em Val-Passos, em Vianna do Alemtejo, nas ruas de Lisboa, no Alto do Viso!

As mãos, o rosto, o sceptro, o manto e o governo de D. Maria II reviam sangue!

A rainha começava a tremer agora.

Depois da intervenção, os tumultos provocados pelos sicarios da Carta davam-se todos os dias. Hoje os academicos no café Martinho; ámanhã João Nepomuceno de Macedo, filho do barão de S. Cosme, no Rocio, só, tendo de acudir

á sua bravura taurina, para sahir com vida de um grupo de scelerados.

Dias depois, Antonio Pedro Lopes de Mendonça, se não fôsse a espada de Francisco Maria Bordallo, o destemido official de marinha e brilhante escriptor, era acutilado no celebre Botequim das Parras.

A rainha sentia que, na capital e nas provincias, a serpente estava assolapada.

Começava a recear-se do fanatismo do marquez da Fronteira, cavalheiro, fidalgo de raça no sangue e no coração, mas fascinado e fascinado por ella.

Outro tanto se dava com seu irmão D. Carlos de Mascarenhas, o bravo e generoso!

Allucinado pela causa da rainha, chegou a praticar escandalos e crueldades, como as cutiladas de 4 de maio, em 1851, no largo de S. Carlos.

Para provar a nobreza de caracter de D. Carlos de Mascarenhas, uma anecdota mais, que não destoa da indole d'este livro.

Depois da pavorosa convenção de Evora Mon-

te — pavorosa sobre tudo pelas vindictas que se lhe seguiram — D. Carlos foi um dos encarregados de acompanhar D. Miguel de Bragança até Sines.

A canalha, a propria servilona que beijava os pés do rei no throno, vendo-lhe agora o sceptro abatido, apedrejava-o. D. Carlos Mascarenhas, muito moço ainda e gentilissimo, tirou da espada e correu sobre os bandidos despalmilhados, caterva lodacenta e feroz, salvando o principe da affronta e da morte. O principe proscripto!... Como lhe seria longa aquella via dolorosa! Elle, que amava entranhadamente o torrão nativo, sem patria, sem amigos — sem amigos não, ninguem os teve mais leaes. Os homens da *Nação* fôram exemplo para admirar e respeitar; mas vencido, desthronado, antevendo o exilio prolongado... eterno! Apesar do navio de alto bordo que o levava, e por bonançosa que fôsse a viagem, o mar devia de ser um abysmo revolto para elle: tudo lhe ficava entre aquelle mar e a terra adorada!

Pois as paixões do tempo eram de tal modo levadas ao rubro, ou antes ao branco, que um aspirante, que foi depois um dos nossos mais briosos officiaes de marinha, exercendo altos cargos no ultramar, Theodorico da Silva, se não me falha o nome, rapaz que alliava a um nobre caracter intelligencia lucida, como a familia lhe fôra cruelmente perseguida pelo despotismo, no momento em que D. Miguel de Bragança seguia para pôr os pés na prancha do escaler, firmou os olhos nos passos do principe, e, vendo a derradeira passada, foi-se a ella, e, tomando um punhado de areia, exclamou para os camaradas:

— Rapazes, aqui está a ultima pegada do tyranno em Portugal!

Este moço vira no dia 23 de julho, no Caes do Sodré, estrebuchar no patibulo infame dos malfeitores um amigo de sua familia, condemnado por denuncias e por não se poderem arranjar mais doze peças de ouro, quantia redonda por que se comprava certo juiz devo-

tado ao throno e ao altar, juiz com cuja alma ha muito se lambeu o diabo.

O ultimo trucidado pelo despotismo acabou n'uma circumstancia de inferno, ouvindo os tiros dos seus libertadores na *Outra-Banda!*

O meu velho amigo Antonio Ignacio de Avellar, que ahi está vivo e são com os seus 88 annos,[1] forte, e em pleno uso da sua intelligencia, viu passar na rua do Arsenal o desgraçado. Era na força do verão. Céo rutilo e azul. Janellas quasi todas fechadas; nas outras, entreabertas, espectadores de sinistra catadura; e o desventurado, alva vestida, descalço, corda ao pescoço, circumvagando o olhar desvairado, em busca de um fio de esperança impossivel, tremendo de todos os membros e agarrado ao crucifixo. Christo, quantas infamias se teem praticado invocando a tua face serena, luminosa e immaculada!

---

[1] Vivia quando se publicaram estas palavras. Ainda as leu e ainda viveu quatro annos.

Quando entraram no sitio da execução houve alarma, e o piquete de cavallaria chegou a debandar; mas a ferocidade venceu o panico e consummou-se o nefando attentado.

Esta narração ouvi-a de varios que assistiram a ella, como tambem da bôcca do pae de José Elias Garcia, e do tabellião Scola. A este — que estava de alva vestida para ir á forca no dia seguinte — ouvi contar muitas vezes o jubilo indizivel, sobrehumano, com que sentiram no dia 24 de julho as machadadas dos aspirantes e guarda-marinhas inglezes estralando, ao romper da alvorada, as portas do Limoeiro, onde centenares de victimas estavam clausuradas havia muito.

N'essa manhã, o duque de Lafões, com alguns mil homens de tropa aguerrida, fugia deante de meia duzia de aventureiros, commandados pelo conde de Villa-Flôr, cuja estatua, no mesmo local onde se deram cruentos morticinios, parece, olhando para o sul, lamentar, severa e triste, que os homens que vieram depois, e principal-

mente os de hoje, tornassem a liberdade na Venus-Vaga dissoluta, que dá exemplos de baixeza e temulencia moral raros na historia!

A rainha estava arrependida; tarde, mas arrependida. As nuvens da paixão rareavam. Começou a vêr mais claro. Tinha os filhos!... O mais velho tão meditativo, tão applicado ao estudo; recitando a Alexandre Herculano versos dos grandes poetas allemães, pronunciando a lingua como se fôsse nativa, reunindo á recitação correcta e á graça da voz sympathica o toque vivo do sentimento. Este filho primogenito, herdeiro da sua corôa, gloria da sua casa e encanto da sua alma, podia accusal-a um dia de haver por obstinação exorbitado dos seus attributos de Chefe de Estado.

Não raro mandava chamar Rodrigo da Fonseca. Convocou-se uma grande reunião. Cito o Diario de José da Silva Carvalho:

«Dia 9 de outubro, 1847.

«Teve logar hoje a reunião monstro do conde de Thomar na rua dos Mouros, presidida por

elle, secretario Vargas, oradores Albano e Laborim; fez a sua fala o conde de Thomar contra o ministerio; politica ingleza e associação do Arco do Bandeira. Disse que se não queria annullar, que queria e havia de ser poder, e só não aspirava a isso se aquella assembléa o não apoiasse e que provocava uma explicação. Todos o apoiaram, dizendo alguns que o desejavam quanto antes. A reunião comprehendia 600 pessoas, a maior parte empregados publicos. Sahiu acompanhado de toda esta gente entre Ferrugento e Lucotte.»

O duque de Saldanha esteve em casa do irmão José na vespera, seis horas fechado com elle.[1]

Duque de Saldanha ia ao Paço aconselhar a rainha a que chamasse o conde de Thomar.

A rainha respondia que não estava resolvida a admittir o conde; *que não queria nada com elle.* E a novas instancias de Saldanha, accrescentava:

---

[1] Doc. para a hist. cont., pag. 472.

«Mais facil me seria chamar Leonel de que o conde de Thomar. Tomara dizer isto do alto de um pulpito ou no Terreiro do Paço.»[1]

Como tinha mudado! Preferia Leonel Tavares, o *Burjaca*, o demagogo, e queria dizêl-o de sobre um pulpito, ao ar livre, no Terreiro do Paço!

Já lhe soava que Palmerstron não tardaria em mandar notas energicas para que se cumprisse o *protocollo*. Costa Cabral, apesar de tudo, retomou o poder.

A rainha cedeu. O odio contra os homens da Revolução de Setembro cegou-a.

Antonio Bernardo da Costa Cabral, conde e marquez de Thomar, em 1828 seguiu caminho da Galliza, por montes e valles, para a emigração. Se o agarram, enforcavam-no como ao Gra-

[1] Doc. para a hist. cont., pag. 472 e seg.

vito e aos outros desgraçados. Correu os passos da via dolorosa. O odio ao despotismo devia ter-lhe entrado fundo no sangue.

E assim pareceu, que não houve jacobino mais exaltado de que o celebre tribuno dos *Camillos*.

Deram com elle as grandes ambições. Poz os olhos na rainha e contou com o apoio incondicional da corôa, onde estavam latentes os rancores pelos que lhe haviam feito tragar os homens da Revolução de Setembro.

Entre esses homens havia alguns de superior talento; difficilmente poderia primar entre elles. Jogou-se de cabeça na corrente da reacção.

Tinha idéas; ninguem ignora que a obra iniciada depois pela Regeneração fôra planeada por elle. Não a poude realisar, que todo o tempo lhe minguava para se bater com os adversarios.

Era de estatura regular, sêcco de carnes, cabeça não gentil, mas bem modelada, feição portugueza e expressiva; olhos garços concentrados; quando a exaltação lhe vinha imprevista

e violenta, botavam chispas felinas. Tom de pelle bistre; delgado, elastico, forte; gesto decidido, lesto nos movimentos; todo vontade e acção; entendimento largo e lucido.

Como estadista, um dos seus defeitos era não ter mão nos impetos do temperamento, apesar de possuir extraordinario sangue frio nas crises solemnes.

Quando chegava o momento, jogava-se á brecha como o mais intrepido. Mãos largas para os partidarios; implacavel com os inimigos.

Pouco depois da Belemzada, com a pupilla penetrante, entreviu no horizonte ensejo propicio.

Abjurou o passado, e, batendo nos peitos com ufania, jactou-se de transfuga.

Não queria ser parceiro n'um partido, queria ser primeiro no Paço, na Camara, no Paiz.

Emquanto foi poder, mandou como rei absoluto. Quando cahiu, acabou com a prepotencia do throno, porque o throno era elle!

Como orador faltavam-lhe colorido e fórma litteraria; mas sobravam-lhe recursos para a

defeza e para o assalto; não com o dito agudo, o equivoco salgado, a ironia fina e corrosiva do epigramma, porém com o rigor da dialetica e o punhal do sarcasmo.

O seu ultimo combate — duello terrivel — foi quando conseguiu, a grande aprazimento da rainha, que o duque de Saldanha fôsse despedido de mordomo-mór.

No livro *Entre duas revoluções,* de José Barbosa Colen, um dos capitulos que assume a fórma dramatica e tem mais alto relêvo é o d'esse duello mortal. Os seus adversarios provinham: uns das prisões medonhas que se haviam atulhado por todo o paiz, outros da emigração, muitos do campo da batalha. Com taes inimigos tornava-se difficil arcar peito a peito, havendo-lhes, de mais a mais, desertado das fileiras.

Costa Cabral recuara deante do protesto contra a lei das rolhas. Jogava agora a sua ultima carta com a demissão do duque.

Era preciso vêl-o á *l'œvre,* como dizem os francezes, e como eu o vi muita vez.

Na camara dos pares tinha como capitaes inimigos o conde de Lavradio e o conde da Taipa.

Lavradio, já entrado em annos, franzino, debil, com aspecto mystico, erguia-se venenoso e mordia quando se exaltava. Marquez de Niza dizia que o alto fidalgo, representante nem mais nem menos que de D. Francisco de Almeida, fôra baptisado com vinagre.

No fel da palavra ninguem lhe levava a melhor.

Conde da Taipa não resistia á puerilidade de pintar o cabello e a môsca com uns cosmeticos que lhe davam tons açafroados e chammejantes.

Gago como Demosthenes, e, por vezes, eloquente. Sarcastico como Aretino. Em lhe dando a ira, as contracções epilepticas do rosto moreno, os olhos esbrazeados, o tardo da expressão, a graça picante, o talento mordente, não raro, nas apostrophes com manchas profundas, produziam o effeito indefinivel da comedia e da tragedia no mesmo lance.

Uma vez Taipa jogou a Antonio Bernardo este madrigal:

«O senhor ministro jacta-se de ser conde de... Thomar. Assim podesse ufanar-se de ser cavalheiro. Um conde fal-o o rei com meia folha de papel. Um cavalheiro fal-o Deus!»

Passados dias, Costa Cabral, falando com grande exaltação, n'um momento desvairado, deu uma pontuada com um lapis n'um olho, e de tal modo forte que lh'o ia vasando. Muitos lhe acudiram alvoroçados.

Conde da Taipa disse:

«Como não pode tirar os olhos aos inimigos volta-se contra os d'elle.»

O ministro favorito do Paço não fraqueava.

Aos jornalistas que o insultavam nas folhas do dia, aos pares que o abocanhavam, atiravalhes affrontas viperinas, entrava-lhes pela familia, pelos refegos da vida particular, queimavalhes as escoriações e as mazellas com ferros em braza.

Ás vezes as risadas nervosas tinham silvos de serpente, e quando cruzava os braços, encarando com despresivel acinte os antagonistas,

irradiava-lhe o rosto com a alegria malevola do odio que lhes inspirava.

Os talentos do estadista, os vastos planos que traçara, consumiam-se na peçonha d'aquelles rancôres.

Houve um momento em que teve tudo: um partido dedicado, uma espada triumphadora a seu serviço, o formidavel apoio da corôa, a protecção de um despota truculento em Hespanha (Narvaes), as victorias de Torres Vedras, Val-Passos, Vianna do Alemtejo, a intervenção extrangeira, tudo, n'uma palavra, e nada lhe poude valer. Porquê? Porque no meio das miserias e atrocidades d'aquelle tempo havia opinião publica, havia crenças, o que não ha agora.

Cahiu na força da vida. Cahiu com os seus erros, traições, apostasias, crimes e grandezas, para nunca mais se levantar.

Viveu ainda quarenta annos.

Não soltou uma queixa. Nem ao menos n'um livro de Memorias.

Que pena!

# A MORTE DA RAINHA D. MARIA II E A REGENCIA D'EL-REI D. FERNANDO

—

No dia 15 de novembro de 1853 andavamos no Tejo, atirando ás gaivotas, Joaquim de Mello (Murça), Manuel Bento de Sousa, então apenas entrado na adolescencia, e eu, quando sentimos da Torre de Belem, dos navios de guerra e do Castello os echos da artilheria, repetindo-se a curtos intervallos.

Annunciavam aquelles echos a morte da rainha, que todos, ou quasi todos, julgavam de perfeita saude. Succumbira, em poucas horas, a um parto infeliz. A noticia cahiu como um raio e al-

vorotou toda a cidade. Os odios politicos haviam acabado. Os proprios que lhe haviam sido accêsos e capitaes inimigos se commoveram com a sua morte imprevista e desastrada.

A 19 foi o enterro. Estava um dia deslumbrador.

A Lisboa deserta d'esse tempo, a Lisboa de que os rapazes de hoje não podem ter a minima idéa, transformou-se. Eram ondas de gente de todas as classes pelas ruas do transito. As janellas disputavam-se por avultados preços; o sol dardejava sobre o lucto dos trajos e os crepes dos coches mortuarios.

A dôr inundada de luz torna-se mais funebre.

Os clarins dos esquadrões vibravam gemidos, que pungiam na sensibilidade do espirito como o gume da lamina de aço fere nas carnes. Os velhos generaes de D. Pedro IV seguiam a filha, que fôra para elles idolo e clarão dos dias tenebrosos da mocidade no exilio, nas prisões, no campo da batalha, contrahido o semblante de angustia e olhos rasos de lagrimas.

Quando o prestito subia para S. Vicente, uma pomba branca de neve, aos pairos, descendo do azul luminoso, e fechando as azas, pousou sobre o ataúde da morta. Lá se conservou até á entrada do templo como annunciando que as tempestades humanas haviam acabado.

Um poeta eminente e um nobre caracter, João de Lemos, aproveitou o singular acaso, e elle, que era um dos primeiros batalhadores do partido adverso, metteu a espada na bainha e tirou da harpa das tristezas humanas uma elegia maviosa e encantadora.

A morte subita de D. Maria II cortava o derradeiro fio de esperança do partido cabralista. O horizonte largo — que podia ter sido tão fecundo! — da Regeneração, não tinha, pois, uma nuvem.

Céo propicio, ondas serenas, o barco largava as vélas para a grande viagem, com bons timoneiros e alguns desenganados officiaes de catavento. Que dias aquelles para nós, os rapazes do tempo, que ainda tinhamos a boa fortuna de

possuir illusões, e que viamos a cada palmo de caminho de ferro em construcção resurgir a patria para futuras grandezas!

Rodrigo da Fonseca Magalhães, já velho, com perfidas caricias e lancinantes gracejos, desvirtuava as paixões. Fontes, na flôr da vida, e sincero ainda, clamava no parlamento:

«A organisação das finanças são as estradas, os caminhos de ferro, o desenvolvimento do commercio, das artes e das industrias; o aproveitamento das riquezas extraordinarias das nossas colonias.»

D. Fernando assumiu a regencia.

Muitos annos de sol peninsular tinham-lhe aquecido o sangue germanico. Estava na flôr da vida. A regencia dava-lhe férias; aproveitava os ocios de rei constitucional.

Por mais amplos que sejam os salões do Paço não ha nada como o ar livre. Entrava, por assim dizer, na propriedade do seu *Eu*. As coisas mais triviaes eram para elle novidade. Longe dos seus palacios e dos seus parques nunca an-

dara só. A propria cidade lhe era como desconhecida. Passava nas ruas principaes e nas praças publicas de carruagem, ao lado da soberana, flanqueado dos seus velhos camaristas, batedores á frente, ou, quando muito, a cavallo, com o seu ajudante de ordens, lacaios atraz, obrigado a responder ás continencias dos postos de guarda, dos transeuntes, das mulheres que acudiam á janella para o vêr passar. N'uma palavra: distracções que lhe andavam sempre entre uma grande semsaboria e um grande incommodo. Tudo era, pois, novo para elle, e, como tal, appetecivel.

Sahia de noite e vinha para as ruas da Baixa, não a correr aventuras de capa e espada, porém outras mais faceis e sem risco de apanhar o minimo revez.

Chegara uma companhia franceza para o theatro de D. Fernando, com algumas raparigas galantes. Entre ellas vinham duas de *primeirissima* ordem, como agora se diz. O rei ia hoje ter com esta, ámanhã com aquella, muito dis-

farçado: gola do sobretudo puxada para cima, um bonnésito de pala, á moda do tempo. Os curiosos seguiam-n'o a distancia, porque elle, com as suas pernas de Polyphemo, em duas passadas deixava-os a perder de vista.

Parece que até quiz experimentar o *gargarejo*. Tal capricho ia-lhe sahindo caro. A rapariga era linda; exemplar tentador de mulher portugueza, que tem um pico entre casto e lubrico, um chiste singular que lhe dá individualidade unica entre os typos feminis. O pae era capitão de navios; homem desenganado; dir-se-hia um busto arrancado de um tronco de madeira de téca e bem esculpido. Fôra tostado pelo sol e bracejara aos vendavaes de todos os mares do mundo. Quando soube que tão alto personagem lhe rondava a porta, perdeu o norte, largou o leme por mão, e, desarvorado, por um ai que não mata a filha que adorava.

Ter-se-hia dado uma tragedia se a coisa não parasse a tempo.

O principe D. Pedro seria acclamado rei den-

tro de dois annos. Preparava-se, aquelle sympathico e meditador espirito, estudando rudemente para desempenhar o complicado officio de rei.

D. Fernando limitava-se apenas a cumprir os deveres do seu cargo, abstendo-se completamente de intervir na politica do governo. Tambem a epocha era de grande serenidade. Tinha, pois, todo o tempo livre e todo lhe parecia pouco.

Abriram as salas do Paço para frequentes recepções de caracter particular; Paço, que durante muitos annos mantivera a severidade da mão com que o regia D. Maria II. Calcule-se o alvoroço da grande roda. E era uma bella grande roda a nossa: Cunhas, Belmontes, Linhares, Lapas, Bellas, Rios Maiores, Assecas, Pontes, Villas-Reaes, e tantos e tantos, não só da velha rocha, mas de familias distinctas que tinham entrada na côrte. Algumas d'essas familias não frequentavam o Paço por pertencerem ao antigo regimen. Imagine-se quantas ra-

parigas, de olhos accesos e seios palpitantes, não veriam as suas parentas e amigas partirem para as sonhadas festas, ficando ellas em casa esconjurando, em secreto, as caturreiras de paes e avós.

D. Fernando, com o prestigio das suas grandezas, a sua cabeça encantadora, e viuvo, era uma provocação perigosa, não só para a fraqueza, mas para as grandes ambições feminis!

N'essas festas começou para elle um episodio que o preoccupou e lhe deu alguns amargos de bôcca. Entrava n'esse episodio um amigo meu, gentil homem na figura e no porte. Esse homem viveu até ha pouco tempo exercendo funcções elevadas, sempre com a maxima dignidade. Foi par do reino durante muitos annos. Nos dias da regencia de D. Fernando, F. C. era um rapaz alto, bem posto, moreno, ou antes azeitonado dos climas d'Africa, onde passara alguns annos. Olhos castanhos de boa luz, sobrancelhas espessas e moço sobretudo distincto.

Quando, já velho, entrava na camara dos pares e cumprimentava o presidente, ninguem o fazia com mais senhoril e natural elegancia.

A condessa D... namorou-se perdidamente d'elle. A condessa D... era a tentação feita mulher. Ainda ha por ahi, senão muitos, pelo menos alguns velhos, como eu, que a conheceram. Estou a vêl-a!... Pupilla negra, nadando no crystal da esclerotica. Pestanas recurvas cerrando-se, ás vezes, com voluptuosidade de sonho sensual, para em seguida, entreabrindo-se, partir a seta faiscante, perfida, mortal e divina! Os arcos das sobrancelhas estreitos, porém pronunciados. Nariz delicado; as azas a palpitar, aurindo ás correntes vivas dos dias vernos dos vinte e cinco a vinte e seis annos. Labios carnudos, um pouco desunidos no meio, como o botão vermelho, e entremostrando apenas as preciosas perolas. N'uma das faces, proximo ao canto da bôcca, um pequeno lunar. Colorido forte, supremo encanto das morenas, em ondas, se a commoção era violenta. Delgada e flexi-

vel como o vime. Cingindo-se no amante appetecido teria a lubricidade venenosa da serpente e a ternura solicita das heras. Pagã e mystica. Aphrodite e Santa Philomena dos bosques. Invulneravel á dedicação constante e apaixonada, como se Cupido lhe houvesse inoculado o antidoto do amor ideal no sangue impetuoso. Hysterica; a hysterica na sensualidade é de tal modo ardente e requintada que não chega nunca a realisar as ambições desenfreadas dos seus nervos.

Ai do homem que lhe cae nos braços! F. C. foi, entre tantos, o unico que a voluvel condessa D... amou longamente; mas não podendo, coitada, resistir ao seu temperamento, veiu a trahil-o com D. Fernando.

Uma noite, no Paço das Necessidades, pouco antes de romper a alvorada, despediu-se cariciosamente do rei.

Á Pampulha metteu-se n'um bote, atravessou o Tejo, veiu aqui para Alfasina, que me fica a dois passos, e, n'uma casa situada n'um

ponto de vista deslumbrador, consorciou-se com alguem, que não sei se ainda vive.

F. C., ao tempo, era já casado, estava longe das verduras da mocidade, e, sabendo da ultima cartada que jogara a sua antiga amante, sorriu-se com motejador contentamento.

D. Fernando acudiu a Shakespeare para definir, despeitado, o caracter da condessa:

—«Perfida como a onda!»

# MARQUEZ DE SÁ

Desde muito moço vivi com homens dos mais notaveis da guerra civil entre D. Pedro e D. Miguel. Os acontecimentos estavam proximos ainda; vivas e sangrando, feridas de todo o genero nos contendores de ambos os campos; mas em espiritos elevados as paixões haviam serenado. Das narrativas que ouvi aos parciaes dos dois lados me veiu poder firmar linhas physionomicas de personagens que representaram na scena politica de uma epocha cuja historia, apesar de haver volumes sobre ella, ainda se não escreveu.

Para mim, de todos os homens do cêrco do Porto, o mais heroico é Bernardo de Sá Nogueira, marquez de Sá.

A ultima vez que o vi jantámos juntos. Foi no dia 4 de agosto de 1873, em Cintra, em casa dos duques de Palmella. Fazia annos a sr.ª duqueza.

O velho soldado e grande cidadão fôra saudar a nobilissima fidalga, que allia, ao talento artistico, a flôr mais perfumada de educação, e o dote de captivar quantos a conhecem, pelo poder irresistivel e supremo da sympathia. Marquez de Sá prezava, havia muito, as qualidades moraes de finissima tempera de Antonio de Sampaio, duque de Palmella.

Algumas horas antes de jantar, no parque da casa de campo dos duques, marquez de Sá, marquez de Sabugosa, e eu, conversámos, ou antes, nós dois ouvimos o deus Marte da serra do Pilar, que, apesar de manco, tantas vezes acutilado, uma vez quasi enterrado vivo, e já proximo dos 80, parecia ter o animo e vigor

da mocidade. Contou algumas anecdotas engraçadas, e, como prologo, disse:

«Agora, quando vejo nos jornaes noticia de coisa triste, não leio.»

Estas palavras tão simples deram-me mais uma nota das cordas d'aquelle coração.

O homem que presenceara tragedias pavorosas; que elle proprio curtira dôres cruelissimas de todo o genero; a dois passos do tumulo, ainda se commovia com os infortunios alheios!

Falou tambem do cêrco do Porto, narrando grandes actos de abnegação e intrepidez, que lá se praticaram, sem por sombras alludir ao seu nome. E foi no Porto, depois do funesto desbarato da Gandra de Souto Redondo, que elle praticou uma acção, que adeante referirei, acção que não tem rival vencedora nas mais nobres da historia.

Simão José da Luz Soriano narra o facto com a sua chateza habitual. Eu ouvio-o da bôcca dos homens d'aquelle tempo, e nenhum o contava sem commoção.

O auctor do cêrco do Porto, trabalhador incansavel, honra lhe seja, dá a noticia exacta e impreterivel para a historia d'aquella epocha; foi testemunha de muitas scenas; é sincero, mas não vê senão a superficie das coisas; desconhece os homens ou não tem olhos para os observar; está longe dos meneios diplomaticos; não falseia, mas amesquinha actos de heroicidade, ou porque os não comprehende, ou porque lhe são antipathicos aquelles que os praticaram; respira no circulo estreito dos seus parciaes. A falta de recursos como escriptor, ora o leva á confusão e obscuridade, ora a infatuar, sem intenção malevola, a verdade das coisas. Saldanha, cujos defeitos como politico por tantas vezes temos censurado no decurso d'estas *Memorias,* teve no Porto esses defeitos, que lhe estavam no sangue e o acompanharam até á morte, mas representou um papel eminente e brilhantissimo, desde a defesa da *Frecha dos mortos,* até que abateu os laureis orgulhosos do vencedor de Argel.

Luz Soriano acurta-lhe a estatura.

De Mousinho da Silveira, alma da revolução, como não póde encarar o minimo relampago d'aquelle cerebro genial, diz, inconscientemente, o que diria um gazetilheiro, d'esses a que os francezes appellidam de *fulicularios,* assalariado para o insultar.

Palmella é tambem injustamente apreciado. Faz pena que um escriptor brilhante, que já não vive, deixasse correr, propositadamente, os juizos futeis, acanhados, e por vezes empeçonhados, do animo miudinho e cabeça apoucada de Simão Soriano.

Varias injustiças do auctor do cêrco do Porto já estão corrigidas, pela rispidez dos factos, em algumas correspondencias diplomaticas, na *Historia das Côrtes Geraes,* e ainda nos volumes de J. da Silva Carvalho, *O meu tempo,* importantissima collecção de documentos para a historia politica d'este seculo em Portugal, publicados e annotados por seu neto, A. Vianna.

Antes de narrarmos os factos mais impor-

tantes da vida do marquez de Sá, dêmos, em dois traços apenas, a biographia do aventureiro soldado.

Tinha mais seis annos do que o seculo (1795); aos quinze sentava praça no regimento de cavallaria 11. Até 1814 bateu-se sempre. N'esse anno (13 de março), explorando a estrada de Tarbes, é envolvido pelo inimigo, acutilado, cae por morto no campo de Vielle, passa-lhe por cima um esquadrão. Prisioneiro dos francezes, restabelece-se, mas fica surdo para o resto da vida.

Termina a guerra, embainha a espada, matricula-se em Coimbra, fórma-se em mathematica. É uma linha recta no caminho da honra, aquella vida!

De 1826 a 1827 bate-se sempre. Em 1828 continúa a combater. Rejeita o camarote no Belfast, offerecido pelo duque de Palmella, para

salvar da forca a cabeça de Cesar Vasconcellos e levar os seus soldados até á Galliza.

Essa retirada foi digna de ser escripta pelo punho de Thucydides.

Em Hespanha dá-se o celebre dialogo entre elle e o façanhoso official.

Soriano narra o facto; mas eu prefiro a versão das *Lendas de Santarem*, do meu velho amigo Zeferino Brandão, por apresentar testemunha de grande valor.

Haverá bastantes leitores que não conheçam este passo.

O coronel de milicias hespanhol, D. Manuel Ignacio Pereira, á frente da sua tropa, tratou com grande rudeza Bernardo de Sá. Este, sereno, queixou-se de que tivessem feito fogo sobre o seu acampamento.

— Eso merecen ustedes, replicou o hespanhol, porque son ustedes rebeldes y criminosos.

— Rebeldes y criminosos son esos que os siguen, atalhou Sá Nogueira.

— Y se atreve v. a hablarme com esa altaneria?

— Yo le hablo a v. de la misma manera que v. me habla.

— V. me habla asi en cuanto no le cuerto la cabeza.

— Y v. me habla asi porque no tengo mi espada a mi lado.

O coronel arrancou da espada e mandou calar baioneta aos soldados.

Bernardo de Sá cruzou os braços, e disse-lhe com o maximo desprezo:

— Es una cosa gloriosa el sacar la espada contra un hombre desarmado!

Os officiaes hespanhoes tiveram mão no covarde sanguinario, clamando-lhe que não deshonrasse o exercito do seu paiz com um infame assassinio.

A testemunha presencial, que o meu amigo Zeferino Brandão teve para a sua narrativa, foi, nem mais, nem menos, de que o marquez de Thomar, em cuja casa Zeferino era recebido

pelo marquez e seu filho, actual conde de Thomar.[1]

Nas aguas dos Açores (1829) deu-se um caso com Bernardo de Sá e seu irmão José, caso que escapou á phantasia de todos os auctores de romances enredados e tenebrosos. Ambos haviam partido de Inglaterra n'um brigue que devia deital-os na Ilha Terceira. A principal carga do barco era carvão de pedra. O commandante, excellente homem, prevendo algum mau encontro, mandou abrir no carvão uma cova, onde coubessem, a custo, dois homens. Não mentira o coração presago do solicito lobo do mar.

Quando faziam prôa para a Angra, o cruzeiro miguelista cahiu sobre o brigue, julgando-o boa presa. Bernardo de Sá e o irmão foram para a sua cova. Não podiam mover-se, nem sequer levantar a cabeça. Tréva profunda! Correram oito dias esplendidos para o tenebroso *Inferno* de Dante!

---

[1] Vivia quando isto se escreveu.

Ancorados em S. Miguel, o brigue ia ser descarregado. José de Sá, bravo como um cavalleiro andante, disse para o irmão:

— Se fôr descoberto atiro-me ao mar.

— O peor que te póde succeder, observou-lhe Bernardo de Sá, é enforcarem-te. Não vejo necessidade de poupares esse trabalho ao incumbido da execução.

Estavam perdidos, quando a Providencia, encarnada n'um homem de coração, o consul inglez William Harding Read, pae do meu querido amigo Guilherme Read Cabral, com auxilio do bravo capitão, os salvou.

Quando comecei a gizar as feições do marquez de Sá referi-me a um acto da sua vida, dizendo que não conhecia no sangue frio e na abnegação nenhum mais elevado. Vou narral-o como o ouvi da bôcca dos homens

d'aquelle tempo. O facto, em si, é notorio. A noticia de Soriano, exacta no fundo, é contada a seu modo, e isso basta para lhe tirar toda a elevação.

Alvaro Xavier da Fonseca Coutinho e Povoas era um general; cabeça bem organisada e fecunda em planos. Os exaltados do partido absolutista não podiam com elle, porque em 1828, pela sua humanidade, não levára os vencidos á forca. Deviam de ter sido, n'esse momento, pavorosos os morticinios da vindicta sanhuda e cruel dos vencedores, que tinham como sinistra inspiradora Carlota Joaquina, mulher radicalmente má. Todavia Povoas impunha-selhes, como agora se diz, a tôrtô e a direito, quasi sempre a tôrto, pela sua incontestavel superioridade.

Conde de Villa-Flôr, depois duque da Terceira, valente como leão, não tinha nem a prudencia, nem o alcance impreteriveis nos cabos de guerra. No dia 7 de agosto (1832) atacou o inimigo, e na primeira refrega levou-o de ven-

cida. O coronel do 10, Pacheco, que, segundo a opinião dos homens como Saldanha, tinha capacidade para vir a ser general de primeira ordem, receando do modo por que Villa-Flôr dispuzera as coisas, poz em reserva o seu regimento. Essa previsão fez com que lograsse cobrir a retirada desordenada e medonha. Os constitucionaes avançaram com a intrepidez desenganada de homens que jogam a cabeça. Ás 11 da manhã o imperador recebia participação auspiciando a victoria como certa. De facto, nas primeiras arrancadas, os soldados do Mindello levavam a melhor. Povoas, porém, era homem de guerra e conseguiu attrahir os aggressores á propria Gandra de Souto Redondo. O ataque fôra desastradamente planeado. Povoas, n'um movimento acertado e rapido, mandou carregar á baioneta o regimento de infanteria de Bragança, gente escolhida, flanqueado pela cavallaria. Os constitucionaes foram como apanhados de improviso e em linha.

Começou o panico, que o grito de alarma

de um capitão de caçadores converteu em completa debandada. Então o coronel Pacheco, cobrindo a retirada, salvou o Porto, que esteve por um fio n'esse dia!

D. Pedro IV, no seu palacio dos Carrancas, depois da participação que de manhã recebera, esfregava as mãos, tendo a victoria como certa.

Bernardo de Sá estava com elle, quando o marquez de Loulé chegou de improviso. O marquez vinha extremamente pallido, e, apesar do seu caracter frio, tão commovido que nos primeiros momentos não poude proferir palavra.

D. Nuno José Severo de Mendoça Rolim de Moura Barreto, 24.º senhor da Azambuja, 3.º conde da Azambuja, 9.º conde de Valle de Reis, 2.º marquez de Loulé e 1.º duque de Loulé, casára com uma irmã do imperador, a infanta D. Anna de Jesus Maria.

Na epocha a que nos referimos tinha 28 annos incompletos e era tal belleza de homem que na Grecia poderia servir de modelo a um estatuario genial! Quando entrou a tomar alen-

tos, narrou o funesto desbarato. Fôra completo. Povoas perseguia os fugitivos e a entrada na cidade parecia inevitavel.

O imperador, incontestavelmente bravo, tremia como vara verde. Então ergueu-se Bernardo de Sá e disse para D. Pedro:

«Senhor, Povoas é um general. Basta que mande dois esquadrões carregar o inimigo para apossar-se do alto da Bandeira, tomar a vanguarda aos fugitivos e aprisionar desde o general ao ultimo soldado. No aperto em que estamos é preciso, unico recurso, que Vossa Magestade, com toda a gente que temos no Porto, embarque nos navios que ahi estão. A difficuldade consiste em realisar o embarque em presença do inimigo triumphante; mas para o defender me offereço eu, dando-me Vossa Magestade trezentos homens escolhidos.

— E o Bernardo de Sá? disse o imperador enfiado.

— Isso é commigo, senhor, respondeu serenamente aquelle intrepido coração!

Era com elle, coitado, era... que o fuzilavam em 24 horas, se o não enforcassem!

O duque de Bragança, altivo, mas generoso, não poude conter as lagrimas que lhe rebentaram dos olhos aos borbotões, e, apertando a mão de Bernardo de Sá, disse-lhe:

— Obrigado, meu amigo!

D. Pedro afivelou o cinturão e, sahiu com os que tinha em volta de si. Povoas, como que não querendo acreditar na demasiada fortuna ou arreceando-se de alguma cilada, ou finalmente por outros motivos que ficaram sempre na sombra, não perseguiu os fugitivos, cuja retirada, com prudencia e valor excepcionaes, ia protegendo Pacheco, á frente do 10 de infanteria, regimento que nos humbraes de pedra da porta do seu quartel da Graça tinha gravadas as gloriosas datas dos seus repetidos feitos. Quando já levantado o cêrco, cahiu com uma bala perdida, que lhe deu na cabeça, o laureado coronel.

Desastrado e obscuro fim de tão brilhante soldado!

No dia 8 de setembro, no Alto da Bandeira, Bernardo de Sá teve o braço direito partido por uma bala. Continuou a combater. Durante a amputação não soltou um gemido. Vinte dias depois montava a cavallo, e o braço esquerdo não brandia a espada com menos valor.

Proseguiu na carreira coruscante. Por vezes applicou rigorosos castigos, sempre com a maxima justiça. Habituado desde os quinze annos ao campo das batalhas, via impassivel medonhas carnificinas. Não raro, nos arrebatamentos da sua terrivel valentia, era temerario cruel como o foi na serra do Algarve; mas tinha coração profundamente humano. Em 1838, sendo presidente de ministros, dia de Corpo de Deus, defendia a porta de escada onde se haviam refugiado José da Silva Carvalho e Antonio Bernardo da Costa Cabral. Um sicario atirou-lhe uma baionetada ao peito: a commenda da Torre e Espada serviu-lhe de broquel. Correram sobre o assassino, para o acabar. Sá da Bandeira acudiu-lhe, bradando:

— Larguem esse homem, que não foi elle.

Na revolução da Maria da Fonte, em Valle Passos, Bernardo de Sá mandou entrar em fogo um regimento:

—«Passou-se para o inimigo.»

Ordenou que outro carregasse:

—«Passou-se para o inimigo.»

Restava o terceiro.

—«Que avance.»

—«Passou-se para o inimigo.»

Bernardo de Sá metteu a espada na bainha, e sem contrahir o rosto, sem a mais leve alteração de voz, respondeu:

—«Então vamo-nos embora, meus senhores.»

Não sei commentar.

Esta simplicidade seria para o pulso de Shakespeare dar o ultimo toque no retrato de um estoico, quando o estoico fosse um heroe!

Ao terminarem com a Regeneração as luctas civis, que foram como constante resaca dos mares da revolução liberal, os olhos do marquez de Sá — continuaremos agora a dar-lhe este titulo, comquanto o não tivesse ao tempo — voltaram-se para a Africa. Chamaram-lhe visionario, já se vê. A inveja, que se dá em todo o terreno, mas que feracissimo o encontra na mediocridade, appellidava-o de utopista, testudo e allucinado. A geração que lhe succedeu saudou-lhe a proficua iniciativa, e ahi estão hoje os aventureiros das armas e os do commercio, não menos uteis e valorosos estes, a perlustrar essas regiões, que se o nosso temperamento não levar o amor pela Africa até á cegueira, principalmente com jactancias fumosas de dominação, nos promettem largo e prospero futuro.

Sorriam-lhe a alma e os olhos ao marquez de Sá quando lhe falavam nas colonias. Essa paixão o distrahia da triste preoccupação que lhe dava o caminho que as coisas iam levando. Emquanto viveu D. Pedro V, o marquez não desanimou. Votava-lhe, com a admiração, affecto paternal. O nobre e sympathico principe pagava-lhe com egual extremo.

Quando o marquez de Sá, sendo ministro, cahiu gravemente enfêrmo (1859), D. Pedro V firmou-lhe n'uma carta singular a ultima consideração que tributava áquelle que offerecera a vida para salvar seu avô. A carta é conhecida; muitos haverá, porém, que a não lêssem, e tem cabido logar n'estas paginas.

«Meu caro visconde.—Recebi, por seu irmão, a carta em que me participa a impossibilidade absoluta de continuar a gerir os negocios das duas repartições, que lhe commetti com uma confiança que nunca foi trahida.

Transmitto-a ao marquez de Loulé, que me

proporá o meio de sahir do embaraço em que vem collocal-o a declaração official de um facto que o visconde se pode honrar de que não influisse, tanto quanto era natural, na marcha dos negocios.

Ao acceitar a resignação de um poder, que eu não podia desejar em mãos nem mais fieis, nem mais votadas ao bem do paiz e á honra do soberano, seja-me permittido exprimir-lhe, e sinceramente, o dobrado pezar que tenho do facto e das causas que o determinam.

Nos tres annos que servimos juntos, divergimos algumas vezes de opinião: fizemol-o como devem fazêl-o um soberano e um ministro constitucionaes; quer dizer, discutindo livremente, e sem nos entrincheirarmos, como muitos fazem, atraz da nossa auctoridade, ou das formulas particulares da nossa diversissima responsabilidade. Nunca abrimos, pelo menos todas as minhas lembranças me levam a crêl-o, nenhuma d'essas feridas da alma que se dissimulam e não se esquecem. Por isso nos despe-

dimos com eguaes sentimentos, e quer-me parecer que com pezar egual.

É que o visconde conservava no poder todas as excellencias, e, deixe-me dizer, toda a originalidade do seu caracter, toda a desprevenção da sua intelligencia. Foi ministro e nunca foi ministro.

Resta-me ao lado do sentimento da perda, e da difficuldade da substituição, a confiança de que a desoneração de um trabalho, que ajudava a extenuar-lhe as forças, póde contribuir para o seu restabelecimento.

Acompanham-o na sua ausencia estes votos, os quaes conto renovar-lhe pessoalmente antes da sua partida.

Creia-me, meu caro visconde, seu muito affeiçoado.— D. Pedro V.

Lisboa, 12 de março de 1859.»

Tinha 22 annos quando escrevia esta carta, que, além da elevação do pensar e sentir, tem a fórma onde ha periodos que, pela concisão elegante, parecem de A. Herculano.

A 6 de janeiro de 1876 morria o marquez de Sá.

Fui incumbido pela Segunda classe da Academia Real das Sciencias de representál-a no enterro do exemplar e austero cidadão.

Em Santa Apolonia encontrei-me com o marquez de Sabugosa. Estava um dos nossos dias de inverno deslumbradores. Se podessemos vender alguns d'esses dias, por anno, á nevoenta cidade de Londres, em breve teriamos os inglezes como nossos submissos devedores!

Quando chegámos á estação de Santarem demos logo com Alexandre Herculano, que lhe transpareceu no rosto a satisfação de nos vêr.

Estava commovido. Havia muitos annos era intimo do marquez de Sá.

Sobre a tarde, á sombra da nogueira que plantara e onde a Nympha de Ovidio soltaria dolorosos carmes, ia descançar finalmente o li-

dador aventureiro. Cahia o sol, atirando as frechas no occaso por aquella paizagem encantadora, onde os freixos rumorosos e frondeados são dos mais bellos da Europa, e o rio corta a campina, divertindo os seus regatos crystallinos pelas hortas e pomares.

Era já muito noite quando chegámos a Valle de Lobos. O jantar correu pouco animado. Herculano olhava pensativo para a labareda serena e azulada dos tóros de oliveira que ardiam no fogão. Depois animou-se, e falando sobre o marquez de Sá e sobre a historia da nossa vida politica e social, no percurso dos ultimos quarenta annos, esteve grandioso, porque Herculano, não tendo peito para orador nos grandes auditorios, era soberbo, e em certo genero sem rival, na conversação intima.

Pouco mais de anno e meio depois, n'aquella mesma casa, o marquez de Sabugosa e eu viamos apagar-se a luz faiscante e guiadora que nos illuminara nos dias alegres e fecundos da nossa mocidade!

# OS MISSIONARIOS NA ILHA DE S. MIGUEL

## 1866-1868

---

. . . . . .

. . . . . .

«Maria de Jesus, solteira, creada de servir de João Casimiro Franco, residente n'esta villa de Villa Franca do Campo (ilha de S. Miguel), de 20 annos de edade, disse: Que foi á missa cedo no dia 17 do mez passado (maio de 1868), que foi um domingo, e que, ouvindo a prédica do padre João Soares de Oliveira, este disse na mesma que se vendiam as cartas na botica e na loja de Eduardo, mandadas por um senhor Pato, que

eram contra os senhores missionarios e Nossa Senhora da Missão, que quem as tivesse comprado estava no inferno, e que as levasse, quem as tivesse, á egreja, para serem queimadas nas luzes de Nossa Senhora, e que mais cousa alguma ouviu, etc.»

«Maria das Dôres, solteira, creada de servir de João Casimiro Franco, residente n'esta villa, de 27 annos de edade, disse: Que foi á missa cedo no domingo de maio 17 do dito mez, e ahi ouviu a prédica que fez o padre João Soares de Oliveira, o qual disse na mesma prédica que se vendiam na botica e na loja de Eduardo umas cartas mandadas por Bulhão Pato, as quaes falavam contra os missionarios, e contra Nossa Senhora da Missão, e que quem as tinha comprado estava no inferno, e que as levassem á egreja para serem queimadas na luz de Nossa Senhora, e que mais cousa alguma ouviu, etc.»

Seguem muitas outras testemunhas, cujos depoimentos omittimos para não encher espaço.

Narremos agora os factos que determinaram este processo. É uma pagina de historia contemporanea, que tem o seu interesse e valor relativos.

Em novembro de 1866 era grave o meu estado de saude. Resolvi-me a ir passar a força do inverno na ilha de S. Miguel.

Mez e meio depois da minha chegada desembarcaram em Ponta Delgada alguns padres jesuitas, trazendo á sua frente, como cabeça, Carlos Rademaker, homem de talento e illustrado, de quem adeante falarei mais largamente.

O seu fim era exaltar, attrahir e dominar o espirito do paiz, começando subrepticiamente a missão pelos campos, no meio de um povo ingenuo, e que habituado á presença tão variavel do mar, ás maravilhas da sua natureza vulcanica, ás caldeiras das suas furnas, aos frequentes abalos de terra, mais facil é em se deixar surprehender pelo terror e dominar por idéas sobrenaturaes.

O terreno era propicio e os cultivadores habeis, habilissimos!

Carlos Rademaker aventurou um primeiro sermão na cidade. A maior parte dos ouvintes foram por curiosidade e ouviram com indifferença.

Não succedeu todavia outrotanto a algumas familias de elevada posição na ilha, familias cujas idéas eram ultramontanas. N'essas, principalmente no sexo feminino, Carlos Rademaker produziu grande e profundo abalo. Ao terceiro sermão estavam completamente fanatisados homens e mulheres de tres ou quatro casas principaes, e os conflictos domesticos começavam já a picar, pela divergencia de opiniões, até entre os parentes mais chegados e affectivos.

Isto, porém, tinha um caracter ainda particular na cidade, e nos campos a serpente estava cautelosamente assolapada!

Ponderei a alguns amigos, liberaes sinceros, o risco que me parecia grande e proximo. A

maior parte d'elles sorriu dos meus receios, julgando-os quasi puerís, tão convencidos estavam de que a liberdade seria invulneravel na terra da Ladeira da Velha, e de que o jesuitismo era apenas um ultimo arranco do passado, arranco impotente em presença das idéas modernas.

Encolhi os hombros, mas não convencido de que fossem falsos os meus vivos receios.

No dia 2 de março de 1867, ás tres horas da tarde, embarquei a bordo do *Açoriano,* de volta a Lisboa.

Passeava no tombadilho, na disposição de espirito propria de um homem que deixa amigos dedicados sem saber quando os tornará a vêr!

O mar não estava grosso, mas reclamava nos vãos e nas furnas da costa com som prolongado como subterraneo e doloroso. Bramidos surdos de leão que está faminto no antro. O horizonte mosqueado. No céo os rabos de gallo. De quando em quando algumas lufadas mornas.

A natureza vinha pesar ainda sobre o meu animo anuviado!

Ha momentos em que o homem, embora cercado pela multidão, se julga só, tal é a contenção do seu espirito.

Corria a faina dos ultimos momentos da partida.

Ainda um abraço; ainda um aperto de mão; ainda o derradeiro acenar dos lenços brancos! Está o ferro em cima; fogo á peça; é o tiro da despedida.

Boa viagem. Ao mar e ao largo!

Veiu o socego, quasi instantaneo, que succede á agitação de bordo depois de levantar ferro.

A poucos passos de mim, parado, a olhar-me, deparou-se-me um homem baixo, moreno, de olhos pequenos, mas vivissimos, com um sobretudo grosso e comprido; um bonnet de viagem na cabeça.

Encarei-o attenta, e talvez inconvenientemente. Elle deu dois passos, vindo para mim, e disse-me, estendendo-me a mão:

—Tem razão, senhor Bulhão Pato; quem foi

recebido por tal modo e deixa tantos amigos tem razão para estar commovido!

Era Carlos Rademaker, que se me apresentava para me ser agradabilissimo companheiro n'aquella tormentosa viagem!

Apertámo-nos mutuamente a mão, charlámos, discorremos pela litteratura, ceámos e despedimo-nos como bons camaradas.

No dia seguinte justificava-se o cariz que o tempo apresentara na vespera.

O sol appareceu amarellado e maculoso. Dentro de pouco as nuvens achatadas sobre o mar rasgavam-se ao fuzilar e estralar dos coriscos; a onda levantava-se em pyramides, rebentando fumante. Mar de arrebentação. Um temporal de folga e alivia n'aquelles mares!

Vinha grande numero de passageiros. Ficaram tres em pé: Carlos Rademaker, Luiz Monteiro e eu.

Rademaker, como todos os homens corajosos, não tinha bravatas; estava sereno, mas sério.

Ao cahir da noite, no meio de um balanço

horrivel, houve faina. Quando a manobra acabou, e vendo que eu tinha falado com o commandante, Antonio Telles Machado, Rademaker perguntou-me, com a voz sem a mais leve alteração:

— Julga que estaremos em perigo?

— O commandante disse-me que o navio ficava agora de capa, e que não havia perigo algum.

— Bem, então vou vêr o meu desgraçado companheiro, que é uma lastima de enjôo.

O seu companheiro era o padre João Rebello de Menezes, moço na flôr da vida, procedente de uma familia illustre, creio que d'entre Douro e Minho.

Durante os dias d'aquella viagem tive ensejo de apreciar a viveza, o talento, a variadissima erudição de Carlos Rademaker: erudição profunda n'alguns pontos — nas litteraturas classicas, por exemplo, e, comquanto capital inimigo do jesuita, fiquei sempre apreciando e estimando o homem.

Em fevereiro de 1868 voltei á ilha.

Os meus receios não haviam sido infundados. A missão talara os campos, e n'alguns pontos fanatisara completamente o povo.

Chegado a Ponta Delgada, fui no mesmo dia para Villa Franca do Campo hospedar-me em casa de um amigo intimo, Sebastião do Canto.

Em Villa Franca a influencia jesuitica tinha grande poder. Os liberaes sinceros, taes como o meu hospede, sentiam já amargamente os effeitos da sua primitiva incredulidade, e estavam arrependidos de não haver seguido o exemplo da ilha Terceira, que não consentira no desembarque dos padres da missão.

No seio de grande parte das familias reinava a agitação e a desordem.

As mulheres largavam a casa para passarem o dia e parte da noite em rezas, aterradas com

as pavorosas visões do inferno, e allucinadas com os milagres que fazia a cada passo a Senhora da Missão.

Nas ruas da villa, nas casas, nos campos, homens, creanças e mulheres cantavam em côro:

O nome de Maria tão bonito é,
Salvae a minh'alma que ella vossa é.

A pratica e a oração eram na rua.

No adro da matriz de Villa Franca os jesuitas levantaram um morouço de pedras e converteram-n'o em aras santas.

Refugiam do templo. O seu culto e as suas catecheses davam-se ao ar livre. Era mais proficuo e theatral!

O governador civil, Felix Borges, mandou desmanchar o morouço.

Felix Borges foi depois substituido por Poças Falcão.

As mulheres, não podendo luctar com a tropa, exasperaram-se. Depois, as desgraçadas, com

os cabellos em desordem, os olhos faiscando, a bôcca espumante, os punhos cerrados, voltavam-se para a egreja, e nos impetos do seu furor blasphemo chamavam-lhe egreja maldicta —jurando que não voltariam lá![1]

A missão, com os olhos seraphicos postos no Divino, não descurava completamente os proventos mundanos. As imagens de Nossa Senhora da Missão, em todos os formatos, eram impostas aos fanaticos e aos ingenuos por bom preço.

A mulher roubava o marido, e a filha roubava os paes para dar aos missionarios. Estes aproveitavam tudo: desde os grandes donativos das casas poderosas até aos cinco réis de funcho que as creanças iam apanhar ás sebes do campo.

Havia episodios eminentemente comicos no meio d'aquellas deploraveis miserias. Um missionario italiano — Prosperi — um dos farçantes

---

[1] Vidè *Cartas dos Açôres*, pag. 59.

mais finos d'aquella comedia ao Divino, mandou remontar um par de botas.

O povo confluiu á porta do remendão, que se viu em terriveis apertos, porque todos queriam um fragmento da *sandalia santa,* para a trazerem ao peito como efficaz e sagrado amuleto!

No pulpito ouviam-se coisas extraordinarias, estrepitosas!

Um dizia:

—« Deus *para se poder salvar* (!) foi preciso que viesse á terra padecer (!).»

Os prégadores missionarios chamavam a Christo capitão, e capitão a Satanaz.[1]

Trocavam os tempos dos verbos, baralhavam as passagens do Velho com o Novo Testamento. As imprecações, os brados desatinados, as punhadas estrondosas, os esgares de energumenos, substituiam o argumento, a imagem, a allegoria, a prosopopeia, a antithese, a apostrophe. Era a saturnal da palavra, no templo de Deus!

---

[1] Vidè *Cartas dos Açôres,* pag. 64.

Eu assistia a isto amargurado e indignado. Por fim resolvi-me a pegar na penna e a escrever as *Cartas dos Açôres*.

Essas cartas, escrupulosamente verdadeiras em tudo, produziram impressão nos liberaes da ilha, e por conseguinte levantaram contra mim o odio da piedade evangelica dos santos missionarios.

Os mais prudentes, abafando o rancôr no peito immaculado, eram de opinião que se guardasse profundo silencio a meu respeito, e, contando com a tibieza, senão adhesão da auctoridade n'aquelle momento, proseguirem na sua obra.

Outros entenderam que era impreterivel sustar a divulgação das cartas e accender o furor do povo contra o auctor d'ellas.

O momento era propicio. Villa Franca do

Campo estava exaltada. A casa de Sebastião do Canto, onde eu vivia, ficava em frente da egreja matriz.

Decidiu-se que no domingo 17 de maio de 1868 a minha humilde pessoa fôsse excommungada em missa plena!

Quando o povo sahisse da egreja, amotinado pela pratica salutar, devia eu sahir tambem de casa para a minha volta habitual ás codornizes.

Se tal se houvesse dado, é provavel, apesar dos dois canos da minha boa Gastine Renette, que não traçasse agora estas linhas.

O padre, como Cicero, estudara cuidadosamente o seu discurso.

—«Quem lêr as cartas do impio e do atheu está no inferno!» — exclamava elle.

As mulheres batiam nos peitos, esbofeteavam-se, choravam, bramiam!

Era edificante!

A peroração do inspirado levita foi digna do exordio. Como não chovesse havia tres semanas, e os chuveiros quási diarios são uma grande

riqueza agricola da ilha — o padre João Soares de Oliveira fechou a sua oração — que podia ter sido funebre! — com este rasgo de pittoresca eloquencia:

— «Olhae, meus irmãos, desde que está aqui aquelle impio, até os milharaes estão com as mãos para o céo, a pedir chuva!»

Isto, que faria rebentar as pedras de riso, fez rebentar o furor do animo simples d'aquelles pobres fanaticos!

Tudo calculara perfeitamente o padre, menos que eu tivesse tido uma boa inspiração, como vulgarmente se diz.

No sabbado, 16, escrevera-me o meu prezado amigo Ernesto do Canto para que fosse passar com elle o domingo á cidade. No mesmo sabbado, depois de jantar, como estivesse a noite magnifica, metti-me n'um carro e fui ficar a Ponta Delgada. Esta simples resolução fez com que o bom pastor perdesse completamente a sua rhetorica e eu salvasse a minha pelle.

O padre Tavares, irmão do que fôra prior de Santa Isabel, em Lisboa, era parocho nas Capellas. Homem intelligente, honrado, diligentissimo no cumprimento dos seus deveres. Os missionarios quizeram invadir-lhe a egreja. Oppoz-se energicamente. Elles appellaram para o Retiro Espiritual.

Vejamos o que era o Retiro Espiritual.

Quando um parocho bemquisto dos seus freguezes se oppunha a que os missionarios entrassem nos dominios da sua jurisdicção e estabelecessem catechese, primeiro, por meios occultos, tentavam abalar-lhe o animo, procurando as influencias locaes, peitando as pessoas que podiam exercer mais imperio sobre elles; isto todos os dias, a todas as horas, com a tenacidade caracteristica da vasta associação. [1]

---

[1] Vidè *Cartas dos Açôres*, pag. 70 e seg.

Depois dez, doze, vinte padres, iam para os suburbios da villa ou da aldeia, mettiam-se n'uma casa e convidavam o povo a rezar e pedir com elles á Senhora da Missão para que a Senhora allumiasse o espirito do pastor, que estava em trevas.

No primeiro, no segundo, no terceiro dia, o povo implorava resignado. Se via, porém, que o seu parocho continuava a resistir, ao quarto impacientava-se, ao quinto ou ao sexto, o mais tardar, levantava-se contra elle. Então, apertado por todos os lados e com as suas ovelhas em desordem, o parocho cedia.

O prior das Capellas teve a hombridade de não ceder.

O povo murmurava, mas não se atrevia a romper com elle, tal respeito lhe tinha!

Este facto principiou a abalar fortemente o animo dos que até alli se tinham conservado indifferentes.

O escandalo da minha excommunhão teve echo estrondoso na cidade.

Os jornaes fulminaram o padre. Eu reuni os meus amigos e partidarios e falei-lhes. Então principiou-se a trabalhar com a maior energia. Vinte e quatro horas depois estava uma representação assignada por todos os liberaes da ilha, que eram em grande maioria. A representação foi enviada no paquete d'esse mez para a metropole, e o facto deu brado em Lisboa.

O ministro da justiça, então o visconde de Seabra, com quem tinha relações de boa estima desde os meus tempos da casa de Alexandre Herculano, na Ajuda, mandou logo no paquete de junho retirar a missão.

A ordem estoirou como um raio no meio dos heroicos cenobitas, que ficaram assombrados!

Vieram commigo no mesmo navio. Vinham na segunda camara. Apesar dos vaticinios de alguns praguentos, a viagem foi uma viagem de rosas!

Os campos serenaram, e a ordem principiou a estabelecer-se em toda a ilha.

No anno seguinte, porém, sob colôr de ha-

ver falta de milho, romperam alguns tumultos de certa importancia.

Os liberaes estavam no seu posto e firmes. De Lisboa partiu a corveta *Estephania,* commandada por José Baptista de Andrade.

Eu fui na corveta.

Quando chegámos estava tudo tranquillo.

A experiencia fizera com que o partido liberal tivesse d'essa vez o olhó mais aberto e vigilante!

# FREIRAS DA ILHA DO FAYAL

## I.—Convento da Gloria

No riquissimo repositorio de factos para a historia açoriana—*Archivo dos Açôres*—de que é proprietario e redactor o meu velho amigo Ernesto do Canto, da ilha de S. Miguel, obra que funde já crescido numero de grossos volumes, encontrámos, a proposito das freiras do convento da Gloria, da ilha do Fayal, alguns episodios que talvez tenham certo interesse.

Qualquer romancista de mediocre imaginação podia fazer d'esses episodios, authenticos, um livro de muitas paginas. Nós, sobre as *Notas*

*Açorianas*, que temos á vista, vamos narrar os factos como se deram, segundo a versão documentada de Ernesto Rebello, filho do Fayal, e auctor das *Notas*.

No principio d'este seculo — 1809 — e ainda depois, difficilmente se encontraria na cidade da Horta um pae abastado que não mettesse as filhas no convento.

O amor divino não os levava a isso, mas sim o humano egoismo: livrarem-se da responsabilidade do futuro das filhas; não enfraquecer com alimentos e partilhas a opulencia das casas.

Quem conhece a encantadora paizagem do Fayal sente até que ponto devia de ser cruel o retiro do convento para o coração juvenil e caloroso das pobres insulanas! Que florescencia de jardins, que verdejar de hortas e pomares, que perspectivas, por aquelles picos e agulhas de onde se descobrem horizontes sempre variados, quasi a meio oceano, entre a Europa e a America do Norte!

As paredes humidas do claustro, e, em vez

do cantar dos passaros na alvorada, a voz rouquenha da abbadessa, a entoar matinas, devia de ser amargo!

Antes a serra bruta, o valle pedregoso, torrencial e fundo, do que a natureza a rir em volta de nós, sem que possamos, ao ar livre, receber os seus beijos frescos e virginaes!

O sr. Manuel Machado Sena, no principio d'este seculo, não era precisamente um pae romano, com direito de vida e morte sobre os filhos, mas pouco menos.

Um dia decretou que as filhas, D. Marianna e D. Bernarda, fossem para o convento da Gloria. Eram duas raparigas bem educadas, e ambas formosas, segundo se lê nas *Notas*.

D. Bernarda disse redondamente que não, á mãe, uma escrava submissa das prepotencias do marido. A pobre senhora ficou abysmada com a resposta da filha.

— Olha que teu pae mata-te.

— Pois que me mate, mas eu não vou para o convento.

O pae, quando soube da recusa da filha, entrou em accessos de furor medonho!

— Manda fazer-lhe os habitos e nem mais pio! A costureira que venha hoje mesmo tomar a medida, ouviste? Eu vou tratar da peste dos ratos; já cá tenho o rosalgar.

A filha percebeu o remoque.

A mulher, passiva como uma serva, obedeceu.

Veiu a costureira.

D. Bernarda, sorrindo, disse-lhe:

— Quero uma mortalha elegante, e escusam de me fazer outra.

Promptos os habitos, uma noite, á ceia, Manuel Machado Sena ordenou:

— Ámanhã, de manhã, ás trindades, marcham para o convento. Seu irmão Manuel que as acompanhe.

Era o filho mais velho, uma victima tambem da tyrannia paterna.

No dia seguinte, D. Marianna levantou-se cedo e foi bater á porta do quarto da irmã.

Bateu, rebateu, e nada. Fez-lhe grande estranheza o silencio e correu a prevenir a familia. Acudiram todos.

O pae, á porta do quarto, n'um vozear descomposto, injuriava a filha. Vendo que ella não respondia, n'um impeto de furor a besta ruim jogou um coice á porta, que foi dentro immediatamente.

D. Bernarda estava em cima da cama, com o habito de noviça, de costas, estendida e hirta.

Um candieiro de metal, accêso, sobre a mesa de cabeceira, um copo de agua esvaseado e uma colher.

Dizem que a physionomia da defuncta era de uma serenidade e belleza extrema.

Muito branca, sem a mais leve contracção no rosto, antes com um sorriso resignado e triste; as mãos transparentes e geladas.

O pae, vendo e palpando a filha, exclamou:

— Ora esta!... Querem vêr que a pequena me foi ao rosalgar dos ratos. Sempre venceu a teima. Ora esta! Esta só no inferno!...

Veiu o medico e verificou o obito.

O sr. Manuel Machado Sena, por honra da casa, e para a filha ser enterrada em sagrado, conseguiu abafar o caso.

A filha D. Marianna não teve a lugubre coragem da irmã, talvez por não estar namorada; mas namorou-se depois, e fugiu do convento, e fez muito bem!

As proezas do sr. Manuel Machado Sena não ficaram por ahi.

Queria obrigar o filho mais velho a casar com uma mulher de quem o rapaz não gostava. Como elle reagisse, taes despotismos e crueldades lhe fez que o desgraçado deu em doido furioso, e assim acabou depois de muitos annos de tormentos!

Transcrevemos as proprias palavras do auctor das *Notas:*

«Toda a gente da Horta, e não precisa ser muito velha, ainda se deve lembrar de n'uma torre de uma casa da Praça existir uma janella tapada com tabuas, atravez da qual se ouviam

os gritos de um doido, semelhantes ao uivar de um animal selvagem.»

Os legisladores romanos, se teem conhecido o sr. Manuel Machado Sena, da ilha do Fayal, achariam mais do que provavel o parricidio!

O sr. Lino José de Mello, tambem fayalense, não ficava atraz, em brios paternos, ao seu conterraneo Manuel Machado Sena. Lino de Mello tinha bons haveres; o melhorio da sua casa era em terrenos na ilha do Pico, terrenos que produziam o afamado vinho, raro ainda nas mesas opulentas. A filha unica do abastado proprietario chamava-se Rosa.

Nas *Notas Açorianas,* que vamos seguindo passo a passo, affirma-se que Rosinha primava entre as mais formosas raparigas do Fayal. Desde creança tinha pelo convento repugnancia invencivel. Quando entrou na adolescencia, n'esse crepusculo virginal em que o amor, in-

consciente ainda, bate as azas e canta no coração da mulher, com melodias ignotas e divinas, o pae disse-lhe brutalmente:

— Olha que tu vaes para o convento.

A pobre menina, assim que tornou a si do grande abalo que lhe produziu esta ordem, tratou de reagir. Começou então uma vida de inferno!

O pae promettia desbaratar todos os seus haveres e deixal-a na indigencia. A rapariga continuava a resistir, mas ia perdendo o animo com as attribulações constantes.

— Has-de ser freira; já t'o disse uma vez, e mais de uma. Esta é a ultima!

Rosa de Mello resolveu-se a entrar como recolhida, para vêr se o tempo abrandava o pae inflexivel.

Correram dois annos. Lino de Mello disse um dia á mulher:

— A Rosa vae professar, e agora é tratarmos dos arranjos da festa.

De facto preparava-se uma profissão estron-

dosa. As principaes familias da cidade e o mais graúdo da cleresia estavam convidados.

Chegou o dia, e a egreja a trasbordar de povo. Antes de começarem as cerimonias da profissão, ás grades do côro assomou a gentilissima figura de Rosa de Mello, e disse para os assistentes, em voz alta e firme:

— Saibam todos que eu não quero professar; obrigam-me a isso!...

Um raio que estoirasse no templo do Senhor não produziria maior assombro!

Copiemos agora, textualmente, um periodo do auctor das *Notas:*

«Lino José de Mello, a este tempo, estava na capella-mór, sentado n'uma das cadeiras que alli tinham mandado pôr para os convidados e pessoas de maior consideração, vestido de casaca e collete de seda da India, calção e meias de seda, sapatos de fivellas de prata, reluzente espadim, e sustendo debaixo do braço um chapéo armado.»

Enfiado, iracundo, Lino de Mello, n'um pulo

de besta fera, levantou-se, seguiu pelo carreiro aberto para dar passagem no ambito do templo, e disse á filha que pedisse licença á senhora abbadessa para chegar ao parlatorio a falar com elle.

A filha, branca como uma defuncta, esperava de encontro á grade.

O pae fechou sobre si a porta da entrada, desembainhou o florete, brunido e agudo como um punhal, dizendo-lhe:

— Tu não professas, mas eu juro, por estes cabellos brancos, que hoje mesmo vaes para casa, te enterro no peito este ferro, e mato-me depois. Maldita sejas!

A filha, cambaleando na vertigem do terror, respondeu:

— Professo, mas tambem lhe juro, meu pae, que ha de ser por pouco tempo!

Os bofes malevolos de Lino José de Mello respiraram!

Começou a cerimonia, e, quando no decurso da lithurgia chegou o momento preciso, Rosa prestou juramento com voz firme.

N'esse dia, e n'essa noite, houve grande e jubilosa festa em casa de Lino de Mello, emquanto a formosa e desventurada ancilla do Senhor tragava, em silencio, o fel das suas lagrimas!

Passados mezes, na bahia da cidade da Horta, em frente d'aquelle paradisiaco amphitheatro, que seduz o viajante, tendo a pouca distancia, cravando os dentes lascados nas nuvens do céo, o famoso Pico, fundeava uma corveta ingleza.

O commandante da corveta era um guapo moço, bravo, intelligente e de esmerada educação.

Rosinha tivera cultura de espirito não vulgar n'aquella epocha. D'entre as noviças e freiras só ella falava francez correntemente.

No claustro affeiçoara-se, com grande extremo, a outra freira, moça e bonita,—D. Marianna Izabel Labath—companheira de infortunio.

Os desgraçados amam com mais intensidade!

As duas raparigas adoravam-se. Constantemente, uma na cella da outra, phantasiando chimeras, planeando impossiveis, jurando que, fossem quaes fossem os lances da sua vida, se não separariam jámais!

O gentil commandante da corveta ingleza veiu ao parlatorio do convento, onde, como era de uso, as freiras colmavam de finezas e enchiam de gulodices os visitantes, principalmente estrangeiros.

O commandante falava francez. Rosinha servia de interprete. O rosto, emmoldurado na toalha alvissima; olhos radiantes, faces accesas, o coração no sorriso, e a pomba mystica sobre a cabeça da monja, arrulhando, alegre, as notas do primeiro amor, que é tambem divino, tornavam-n'a encantadora!

A corveta demorava-se, apesar de ter a bordo agua e refrescos.

Rosa e o commandante estavam perdidamente enamorados!

Uma tarde, em meio dos deliciosos dialogos

de Rosa de Mello e do commandante, a freira, em presença de noviças e professas, passou ao inglez um pires de crystal, com finissimos doces, coberto de guardanapo adamascado, de grandes franjas. Quando o pires voltou, trazia, entre o guardanapo, uma lima. A cella de Rosa deitava para uma travessa escusa.

A *lima na mão do obreiro,* diligente e apaixonado, fez maravilhas! As grades eram largas. Bastava tirar um varão para dar passagem a um corpo de mulher, demais a mais flexivel e elegante! N'uma noite escura, mas serena e avivada de estrellas, a janella de Rosa abriu-se sem o mais leve rumor, e a monja enamorada, debruçando-se, perguntou em francez: — Está prompto?

Damos a palavra ao auctor das *Notas:*

«Os marinheiros inglezes desdobraram, então, por debaixo da janella da cella, um bocado de lona, que haviam trazido de bordo, aguentando-a valentemente á altura do peito, e o commandante, que presidia, com a maxima cau-

tela, áquelles preparativos, disse para cima: — Agora!»

Rosa atirou-se como quem se joga ao mar de mergulho.

O amor precipita-se muitas vezes!

Os marinheiros eram dos mais possantes da tripulação e resistiram ao baque. O commandante e a fugitiva seguiram para a praia, onde estava o escaler. Os marinheiros ficaram á espera de mais alguem.

D. Marianna Izabel Labath devia seguir a sua companheira. Chegando á janella, e medindo com a vista a altura, esmoreceu. Não podia entender-se com os marinheiros, que talvez lograssem animal-a. Entre dois terrores — precipitar-se da janella ou ser descoberta — hesitava. Correu á cella, ás escuras, pegou dos lençoes da cama, atou um ao outro; mas tudo isto levou tempo, e os marinheiros, suppondo que a freira se não atrevia ao salto mortal, foram ter com o commandante; este, sabendo a nova, e sem tempo a perder, partiu de voga arran-

cada. D. Marianna Labath, apesar de não vêr os marinheiros, era tal o receio de que a apanhassem em flagrante, e quando o fosse teria logo carcere rigoroso, que prendeu os lençoes ao varão e tratou de descer. A meio, porém, o nó, que fôra mal dado, desatou-se e ella baqueou, felizmente, sobre um bastio de relva alta, que lhe amparou a queda. Ainda assim ia perdendo os sentidos, e maguou-se muito n'um pé. Tornando a si do primeiro abalo, a muito custo andou para a praia da Boa Viagem, onde se havia combinado o embarque.

Quando chegou, porém, apenas ouvia, lá muito ao longe, o som dos remos cortando as aguas serenas da bahia. O amor tem azas! Bradou, para que lhe acudissem, mas não foi ouvida. O susto, mais de que susto, o terror, e mais de que tudo a vergonha de ser descoberta em tão desastrada aventura, levaram a pobre e allucinada esposa do Senhor á suprema afflicção!

Debaixo da arcada do mercado estava D.

Marianna arquejando em convulsivos soluços, quando um bom homem, escrevente de cartorios, chamado Francisco do Canto, grande madrugador, que vinha comprar o seu peixe em primeira mão aos *Terraços*, pescadores, sentiu os lastimosos gemidos da atribulada freira.

Era homem compassivo, o matinal escrevente de cartorios. Approximou-se de D. Marianna Labath, que lhe contou, em chôro, a descabellada aventura. Francisco do Canto, cedendo aos impulsos do coração, disse a dois dos pescadores que tomassem D. Marianna nos braços e a levassem á sua casa d'elle, aproveitando o crepusculo da manhã, para que não rebentasse maior escandalo!

O negocio era enredado. Como metter a freira no convento sem que as companheiras e a abbadessa o não soubessem? Constar que em casa de Francisco do Canto, embora homem já maduro e com reputação de pacato, estava uma freira fugida do convento, era negocio grave! Chegando a casa entregou a freira ás filhas e

foi-se á procura do ouvidor, F. H. da Silva, ecclesiastico de reconhecida probidade.

O ouvidor escutou o caso e disse-lhe:

— Eu vou já a sua casa. O sr. Canto bate á porta do cirurgião Zeferino Gonçalves, e veja se o traz, que é homem de bom conselho, e nos pode servir de muito n'estes apertos.

Ouvidor, facultativo e o escrevente tiveram artes de metter a freira no convento, auxiliados, de certo, por alguem de lá, mas sem que a abbadessa e a communidade dessem por tal.

O cirurgião inventou que D. Marianna Labath, na propria cella, cahindo desastradamente, quebrara uma perna, e que o tratamento teria de ser muito longo. Quando o caso transpirasse e houvesse denuncia, o seu estado livral-a-hia do carcere, e depois o tempo faria o resto.

D. Marianna Labath não foi mettida na prisão, que pelo horror que inspirava a freiras e noviças devia ser medonha; triumpharam os liberaes, abriram-se as portas dos conventos, e a romanesca freirinha viveu muitos annos no

seculo, estimada e bemquista, morrendo com 75 annos, em 14 de julho de 1865.

Sigamos agora os dois aventureiros, D. Rosa de Mello e o commandante da corveta ingleza. Podemos imaginar a cara com que ficaria o sr. Lino José de Mello, o homem do espadim, quando soube da fuga da filha. Esbravejando como um possesso, foi-se ás auctoridades locaes, ao general, e conseguiu que o general se dirigisse officialmente á metropole, narrando o escandaloso passo. O governo inglez, n'um raro momento de amavel condescendencia, pareceu attender á reclamação, e o commandante da corveta foi barbaramente punido: uma estação de dois annos nas plagas adustas e inhospitas do Mediterraneo, ora em Genova, ora em Napoles, ora em Veneza!

Rosa de Mello passou tambem dois annos em Italia e nos portos onde surgia o seu amante. Expiado o rigoroso degredo, e voltando a Inglaterra, desposou solemnemente a amante.

Pena foi que não assistisse ás bodas, de col-

lete de seda da India, chapéo armado e florete, como no dia em que obrigou a filha a professar, o pae de Rosinha! A paixão do inglez não resfriou jámais. As lagrimas acerbas que D. Rosa chorara no claustro foram-lhe compensadas por dias serenos e luminosos! O marido era abastado e chegou a almirante. Morreu muito velho. Ella sobreviveu-lhe. Conservou-se sempre em Londres com uma filha, e lá a foram visitar parentes seus da ilha do Fayal. Sahira-se airosamente da arriscada aventura!

Foi bem mais feliz de que a outra desgraçada, que, para não professar e fugir aos tratos do pae inclemente, se envenenou na flôr da vida e da formosura.

## II.—Convento de S. João

Não é tão dramatico este episodio do convento de S. João do Fayal como os outros que se deram no convento da Gloria, mas tem interesse, porque dá uma idéa do movimento da sociedade fayalense — sociedade escolhida — nos annos entre 1823 e 1828.

Havia bastante tempo que viera para aquella ilha, no cargo de vice-consul inglez, um cavalheiro chamado Alexandre Graham. Era homem abastado, e tinha, em Inglaterra, um irmão muito mais rico do que elle, irmão que lhe mandava não só objectos de subido preço, mas sommas avultadas todos os annos.

Alexandre Graham era protestante, casara com uma senhora do Fayal e tivera tres filhas: D. Maria, D. Ignacia e D. Margarida, ás quaes dera esmeradissima educação. Chegadas á adolescencia, as tres meninas, de sua espontanea

vontade, quizeram professar. O pae adorava-as e annuiu immediatamente ao desejo das filhas.

Professaram, pois, no convento de S. João.

Diz o auctor das *Notas* dos Açôres, Ernesto Rebollo:

«Alexandre Graham mandou construir na cêrca do convento uma grande casa de tres andares — um andar para cada filha — precedida de larga escadaria, e mobilada com grande luxo, onde as mesmas residiam, com as suas creadas, sujeitas ás obrigações da clausura, mas ainda assim em relativa liberdade.»

Ao entrarem no convento dotou-as largamente, e dava todos os mezes cincoenta mil réis a cada uma, quantia exorbitante se olharmos ao valor do dinheiro n'esse tempo e á barateza da alimentação, principalmente nas nossas ilhas.

Alexandre Graham possuia baixellas de prata, loiças da India e do Japão, irlandas preciosas, que levavam, em muito, a melhor a quantos objectos ornavam as casas, aliás opulentas, dos principaes morgados do Fayal.

As tres filhas de Graham eram galantes; resaía, porém, das tres, Margarida Graham.

O sangue portuguez da mãe, mesclado ao sangue britannico do pae, produzira um soberbo exemplar de elegancia e graça feminil n'aquella Margarida, mais olorosa e plenamente desabrochada do que todas as margaridas que se dão pelas agruras e vallados d'aquelle luxuriante e accidentado paiz.

Alta, branca, a tez finissima; cabello negro retinto, fino, um pouco crespo, — são uma perdição dos sentidos as jubas d'estas leôas — olhos de um azul tirante ao morado das violetas; a bôcca um rubim, partido por gala em dois, como disse o grande poeta no D. João Tenorio; mãos finas, semelhantes ás mãos das figuras mysticas nos missaes medievos, mãos que fariam tremer os santos nos altares quando se erguessem supplices!

Ai do homem, pobre do homem, a quem uma d'essas mãos nervosa e tremula apertasse a sua!

Como é que esta ave ondulante, de lubrica e matizada plumagem, se foi metter na penumbra dos ferros de uma clausura? Pois não era debaixo da esphera immaculada, livre na sua virginal exempção, ferida pelo sol rutilante, que devia gorgear a voz e bater as azas?

O sol de amor penetra por toda a parte: lá foi illuminar-lhe o coração na sombra do convento.

Viviam no convento, além da grandeza, como diziam os nossos antigos, as tres filhas de Alexandre Graham.

Eram dadivosas; esmolavam a quantos vinham pedir á portaria, e soccorriam tambem, com mão larga, recolhidas e freiras menos favorecidas da boa fortuna.

Graham tinha um creado preto, que fazia as vezes de mordomo, conhecido, em toda a cidade da Horta, pelo *Mani*.

Merece um momento de attenção o original africano! Fôra rei no seu paiz e conservava ainda, na grave continencia do porte, no senho-

ril dos meneios, no pausado das falas, e na imponente altivez com que ordenava aos seus subalternos, os fumos da prosapia nativa.

Trajava com opulencia e fazia gosto em si: grandes collarinhos, relogio e grilhão de oiro, casaca, botas altas, envernizadas, carapinha enfunada, em alto topete. Substituia o sceptro por um bengalão e a corôa por um grande chapéo armado. No meio d'este apparato era submisso com os seus superiores, sobrio em bebidas de guerra, e manso, muito manso; mas cuidado com elle se o tornavam fulo: de olho em alvo, e revirado, rangendo os dentes, espumando e silvando de colera, pae *Mani* era terrivel!

Não tardará que o vejamos posto em obra!

Todas as manhãs, sempre com o mesmo respeitoso aprumo, chegava ao convento para receber as ordens das freiras, filhas de seu amo.

Passado tempo, depois da profissão das filhas de Graham, chegou ao Fayal o tenente-coronel Diogo Thomaz Rocheleben. O distincto official

do nosso exercito era oriundo de familia allemã, bravo, muito illustrado, grande amador de musica, primoroso tocador de violino, presença insinuante e extremamente polido.

A sociedade escolhida do Fayal tinha habitos elegantes.

A frequencia de estrangeiros que paravam alli, de passagem para a America ou da America para a Europa, desenvolveu animação e liberdade nos costumes, raras n'aquella epocha, no resto do archipelago. Rocheleben vinha investido em alto cargo e foi recebido na sociedade com todas as attenções, inspirando viva sympathia.

As monjas dos conventos do Fayal, embora separadas do mundo pelos muros e grades, faziam parte d'elle, e porventura a parte mais interessante. O tenente-coronel era um falcão real, nebri de primeiro sangue; mas, apesar das garras, não assustou as pombas mysticas; e se por acaso bateram as azas foi arrulhando alegres com a presença do novo visitante!

Apesar d'aquella terra ser dos Açôres, não tinha pairado, por taes alturas, outro tão bem pintado e bem posto como o nosso intelligente e destemido militar.

Margarida Graham, depois da primeira visita do tenente-coronel ao convento, começou a achar humidas as paredes do claustro, sombrios os aposentos, baixos os tectos, mortiças as lampadas, baços os resplendores das imagens do altar; as litanias soturnas; insipidas as proprias companheiras!

Lá por fóra afigurava-se-lhe o céo mais azul, o sol mais brilhante; mais vivo o aroma das roseiras e do pomar da cêrca; mais alegres e chilreadores os passaros que esvoaçavam em volta das grades da sua cella!

Alexandre Graham, a rogos da mulher e das filhas, baptisou-se, entrando no gremio da religião catholica romana. Foi caso estrondoso, de ruidosas festas no convento e na habitação do neophyto. Pois n'esse momento, em que a conversão do pae mais devia prendêl-a á vida

mystica, é que Margarida Gra am procurou, allegando melindroso estado de saude, obter de Roma um breve pontificio que lhe permittisse viver no seculo! E á força de dinheiro logrou a pretenção!

Diogo Thomaz Rocheleben tambem achava as perspectivas do paiz mais elegantes e pittorescas; mais mysteriosa a tremulina da lua á flôr das ondas; e nunca o *Carnaval de Veneza,* que ouvira em Londres ao famoso Paganini, o executara com tamanha perfeição e tanta alma no seu violino!

Uma das pessoas mais bemquistas do Fayal, n'esse tempo, era o major de artilheria João Pedro Soares Luna, depois commandante dos academicos, que fizeram prodigios na serra do Pilar e na Frecha dos Mortos.

Ao major Luna, Garrett dedicou o seu *Arco de Sant'Anna,* n'um prefacio que tem o sabor e sal portuguez, a fina e mordente ironia, a graça e sentimento, cujo atticismo foi d'elle, e sabe Deus quando virá a ser de outro em Por-

tugal! Margarida, na sua casa, onde acudia a flôr aristocratica do Fayal, fazia aos seus hospedes o mais selecto acolhimento.

Não tinha perdido no seculo o perfume do mosteiro!

Como nas salas se distinguia, e sobrelevava aos mais apparatosos trajos, o seu habito de monja! Mas aquelle habito, que lhe dizia tão bem, começava a ser-lhe tunica de Nessu!

Intentou outra demanda em Roma: obter um breve pontificio que lhe annullasse os votos.

Agora o pleito era mais serio!

Correram dias. No Fayal o tempo muda a cada passo. O céo de Roma é mais constante. Libras e libras esterlinas rolavam para o Vaticano e o breve não chegava!

Esperar! Antonio Vieira, que, além de grande orador, era fino psycologista, diz:

«O amor, em materia de ausencia, se é soffrido, não é grande; se não é impaciente, não é amor.

O coração de Margarida Graham palpitava

inquieto sob o habito implacavel; mas esperava!

A esperança, que ainda no occaso não amortece de todo, no crescer do dia é viçosa e robusta.

A tenacidade é condição impreterivel do verdadeiro amor.

As distracções succediam-se. Todas as noites uma partida familiar, n'esta ou n'aquella casa.

Rocheleben, apesar da sua elevada posição e do seu caracter sisudo, era folgasão. O major Luna, seu camarada e amigo, tinha o animo alegre e amava a arte, principalmente do theatro. Improvisou-se um theatrinho em que elle foi o primeiro influente.

A orchestra era de amadores tambem. Rocheleben empunhou a *batuta* de *maestro*.

Nas grandes cidades só se apreciam festas pomposas; n'um circo limitado, como aquelle, ás coisas mais simples se dá valor exorbitante.

Margarida Graham planeou uma excursão á montanha, para que os forasteiros pudessem

admirar a *Caldeira,* que só tem nos Açôres outra que lhe leva vantagem: a do Valle das Sete Cidades, na ilha de S. Miguel.

O major Luna cedeu uma barraca de campanha, que trouxera do continente, barraca muito campeira, como diz o povo, quando com uma palavra, apenas, quer descrever uma habitação commoda e desafogada.

Os preparativos levaram dias. Tudo corria por conta de Margarida Graham: eguarias, loiça da India, serviço de mesa, incluindo duzias de talheres de prata, fructas, dôces, preciosos vinhos do Pico.

*Mani* estava incumbido de tudo, e estava radiante como um general no campo da batalha quando tem certa a victoria!

Chegou o dia desejado. Arranjaram-se carros para que as senhoras pudessem jornadear mais commodamente. O tempo magnifico; ainda com as estrellas no céo, puzeram-se a caminho para as cumieiras, viagem que leva mais de tres horas de continua subida.

Chegaram cedo ás bordas da *Caldeira*, que tem 5:500 metros de circumferencia e 1:021 de profundidade.

O céo estava limpo, e a aragem fresca das montanhas tinha um halito perfumado e virginal.

A meia altura da cratera as nuvens conglobadas semelhavam um mar lacteo e dormente.

O sol, subindo, tocava em cambiantes de rosa e de purpura as nuvens, que principiavam a erguer-se d'aquelle thuribulo enorme como oblação terrena á grandeza de Deus! Subiam, subiam, já chegando ao nivel das cumieiras, e impellidas da brisa leve, como pombas enormes, batiam as azas pelos espaços.

Da cratera continuavam a levantar-se; a principio lentas, iam ganhando de velocidade, e attrahidas pelo sol, agora rapidissimas, voavam das sombras onde haviam pernoitado para as luminosas planuras do céo.

A cratera completamente limpa, deixando

vêr no fundo a lagôa semeada de ilhotas verdejantes e circumdada de viçosas relvas. Pelos corregos e vertentes, fetos, urzes, zimbreiros de bagas vermelhas, e um variadissimo matiz de floritas agrestes!

Ninguem tirava olhos d'aquelle encantador e grandioso espectaculo. Só Rocheleben e Margarida trocaram o olhar, abstrahidos, extaticos. É que nada é tão encantador tão grande e tão ideal como o mundo que se reflecte nas pupillas de dois amantes!

Correram horas espairecidas. No emtanto *Mani,* á frente dos seus ajudantes de ordens, dispunha o banquete.

Alguns camponezes, da povoação dos Flamengos, vieram coadjuvar os famulos da cidade.

Cravaram-se estacas para segurar a grande barraca; dispunha-se a loiça da India sobre toalhas de finissimo damasco; as fructas em pyramide; collocavam-se os talheres de prata; passavam-se os vinhos velhos e capitosos para

garrafas facetadas de crystal de Bohemia; festonava-se a barraca com grinaldas de folhas e flôres do campo.

Tomaram logar os convivas de appetite voraz e coração jubiloso!

O sol, na força do dia, dardejava na crista das cumiadas. Recrescia o enthusiasmo, jorrava o licôr nas taças e a eloquencia nos brindes.

Para completa consagração da festa nem faltava a sacerdotisa.

N'isto uma lufada subita enfunou os pannos da barraca, como a rabanada de vento intumece as vélas bambas da calmaria, e uma nuvem obscureceu o sol.

— Não é nada; temos o tempo fixo.

Outra lufada mais rija e outra nuvem mais densa! Um dos convivas, maritimo, levantou-se e foi consultar os astros. Não os achou de bom caris, mas não deu voz de alarma.

Entrava-se na sobremesa: a festa no esplendor! De repente uma refrega desenganada arranca duas estacas e desmantela-se parte da

barraca! *Mani* acode, a reparar as avarias, com a promptidão e audacia do marinheiro nas fainas da borrasca! Novo desgarrão; faisca o raio, e pelos vãos da montanha, e profundidades da *Caldeira,* o trovão echôa com medonho estampido! As estacas não aguentam; a barraca ameaça voar pelos ares; as mulheres, em prantos, invocando S. Jeronymo e Santa Barbara; os homens enfiados! A trovoada, n'aquellas eminencias, era séria!

Uns lembraram acoitarem-se nas furnas; outros, mais previdentes e entendidos, decidiram que o melhor era descer em procura dos carros e ganhar a toda a pressa a povoação mais proxima.

Assim se fez.

Em breve toldou-se todo o horizonte, e os coriscos, cruzando-se, rasgavam as nuvens!

*Mani,* como o commandante no temporal desfeito, manteve-se firme no seu posto.

Loiças e crystaes quasi tudo em pedaços!

Os camponezes, affeitos áquellas refregas e famintos de bons boccados, atiraram-se aos co-

mestiveis. *Mani,* tratando de salvar a baixella, deu por falta de tres duzias de colheres de sopa, de prata, nem mais, nem menos!

Então *Mani,* desconfiando que, entre os camponezes, o mais avantajado era o auctor do roubo, voltou-se para elle e disse-lhe:

— Colheres para aqui!

O homem negou.

— Tres duzias de colheres, da minha senhora, para aqui; já disse!

Nova negativa.

*Mani* perdeu a continencia; ferveu-lhe o sangue nativo; olho revirado e fulo de colera, esticou os braços para traz; acurvou-se, meneando horizontalmente a cabeça; soltou um rugido, jogando tal marrada aos peitos do adversario que o estendeu sem sentidos! Depois, como o toiro que sae do curro, rasgado pelo pampilho, varreu a praça!

Os homens fugiram contundidos e apavorados!

As colheres de prata appareceram. Serenou a tempestade.

*Mani* voltou para os seus com o resto do naufragio e completa a baixella. Vinha coberto de gloria, mas imperturbavel. O chapéo armado voara com o furacão e as marradas; o topete da carapinha conservava-se impavido!

O episodio da trovoada podia ter sido tragico! Não passou de comedia, e por muitos dias foi assumpto de picarescos commentarios em toda a cidade da Horta.

Outra tormenta apontava no horizonte e essa mais temerosa!

Com a subida de D. Miguel ao throno começou a picar na ilha a reacção absolutista.

João Pedro Soares Luna e Diogo Thomaz Rocheleben eram liberaes exaltados. Sem perda de tempo, uma noite, na bahia de Porto Pim, metteram-se n'um hiate extrangeiro e emigraram para Inglaterra.

D'ahi a um anno chegavam ao Fayal os echos da batalha da Villa da Praia, prologo do drama sanguinolento que, depois da Asseiceira, devia acabar com a sinistra Convenção de Evora Monte.

O major Luna commandou brilhantemente os Academicos. Veiu o governo de Costa Cabral. O futuro marquez de Thomar, com o seu grande talento, apreciando as qualidades de João Pedro Soares Luna, quiz chamal-o ao seu partido. Luna recusou-se obstinadamente. Viu-se a braços com a miseria o commandante heroico d'aquelle batalhão, em que havia homens como Garrett e José Estevão!

Soares Luna, ao cabo de muitas privações, morreu n'uma casa modestissima da rua de S. Bento. Era, como A. d'O. Marreca, da tempera de uns pobres caturras que houve em Portugal n'outro tempo!

Rocheleben não tornou mais á ilha do Fayal.

E Margarida Graham? Roma não lhe quiz annullar os votos; o amante não voltou.

Que havia de fazer, coitada, senão amortalhar-se no seu habito, confiada na piedade divina!

Deus havia de perdoar-lhe as culpas, porque tinha amado!

# PELA BEIRA

—

Nos ultimos dias de agosto de 1862 estava eu na povoa da Arenosa, em casa de Nicolau de Abreu. Já tenho falado d'esta casa e d'aquelle homem n'estas *Memorias*. Passava dos oitenta annos. Robusto ainda. Em rapaz, na primeira entrada do exercito de Napoleão no nosso paiz, os francezes mataram-lhe o pae ás cutiladas deante dos proprios olhos. Perguntando-lhe eu porque não tinha ido nunca a Lisboa respondeu-me:

— «N'estas penedias da minha terra, onde

são mais raros os homens, tenho conhecido tantos miseraveis e facinorosos que Deus me livre de ir para uma terra onde elles, os homens, abundem» [1]

Aqui a physionomia tomou-lhe aspecto meditativo e sombrio. Lembranças da tragedia que o deixara orphão de pae. Os seus dois poetas quinhentistas predilectos eram Camões e Rodrigues Lobo. Os encyclopedistas favoritos, Voltaire e Rousseau. Singular, porque ajudava á missa todos os domingos e dias festivos, na sua capella, e depois de jantar era o primeiro a levantar-se, a pôr as mãos e a dar devotamente graças a Deus!

Um dia, na Arenosa, entraram mais dois hospedes: José Dias Ferreira e Fernando de Mello. José Dias teria 24 annos; era lente da Universidade, fôra deputado e fizera um discurso que prenunciava o grande e futuro orador. Fernando de Mello, medico, falava com facilidade

---

[1] *Memorias*, vol. II.

e elegancia, um pouco ornamentada a phrase no estylo coimbrão do tempo. Á noite, quando a palestra se animara, entrou a metter mão commigo. Cruzámos os ferros. A um bote imprevisto, que eu lhe atirei, perguntou-me com mordente ironia:

—Por que não disse isso em verso?

Respondi-lhe de improviso com estes dois embrechados:

É filho de Pena Cova
Este doutor transcendente.
Arreda de lá tal penna,
Que traz a cova no doente!

De Pena Cova sahiu,
Fernando de Mello um dia.
Sabem que fez? Quem diria!...
A quantos doentes viu,
Co'a penna, a cova lhe abriu!

Embainhámos os floretes e reconciliámo-nos em seguida ao nosso jovial duello. Manuel Ni-

colau tinha entre os seus hospedes tres netas, sendo uma d'ellas a interessantissima filha de Perestrello Côrte-Real, de Santa Comba-Dão, e dono da casa de Sub-Ripas, em Coimbra, que passava na lenda por ter sido aquella em que fôra assassinada Maria Telles ás mãos da bestafera do infante D. João. Os hospedes, no bem estar da grata convivencia, iam esquecendo as horas e os dias. Era, porém, forçoso separarmo-nos.

Entrava a estação dos terriveis e subitos assaltos entre a Serra da Estrella e o Caramulo — as trovoadas. Dia magnifico, mas o olho perspicaz e experimentado do velho Manuel Nicolau notou uns farrapitos de nuvens brancas nos cimos de ambas as serras, guardas avançadas da refrega que não tardaria a rebentar. Não attendemos aos vaticinios do nosso hospede e resolvemos partir. Seguiamos caminhos oppostos. José Dias Ferreira, Fernando de Mello, Zeferino Brandão — com os seus 18 annos, de uma alegria estrepitosa, estudante

de mathematica, hoje general e homem de letras, auctor de um romance historico de subido valor, *Pero da Covilhã* — com os Perestrellos iam para Santa Comba. Eu para Ferminhão. A pouco trecho de sahirmos de casa rompeu a batalha. Apesar de irmos em caminhos inversos, a tempestade tomou grande area, e todos tivemos, por vezes, a morte imminente sobre a cabeça. Acompanhava-me um famulo da casa, a que davam ainda o nome de escudeiro, rapaz bem posto e destemido. Quando chegámos ao cimo de um oiteiro, cortado a meio pelo fio electrico e crespo de pinheiros, julgámo-nos completamente perdidos. O ambiente morno e açafroado. Nem um sopro de aragem. As nuvens, por cima e envolta de nós, cerravam-nos completamente o horizonte e estoiravam coriscando. O beirão invocava a Virgem em supplicantes *Magnificats*. Egual tormenta acompanhava os nossos companheiros que haviam tomado caminho opposto. Um lavrador que puxava a sua junta de bois e uma rapariga que voltava

da fonte foram fulminados. De repente, na paragem onde estavamos, uma lufada violentissima jogou com as nuvens sobre Nossa Senhora do Castello e entraram a desabar cordas de agua diluviaes. Estavamos salvos, comquanto encharcados até á medula dos ossos!

O dia seguinte rompeu deslumbrador. Antes de chegar a Vizeu fiz alto em Ferminhão para passar dois dias. Que bom quartel! Era a casa dos Campos. Que familia aquella. Ainda eram vivos os paes. Filhos, filhas, netos... Que familia!... repito. Eram tres os filhos varões: Francisco, Luiz e Antonio. Luiz de Campos, de que tenho falado mil vezes, surgia da rampa do tumulo, e vinha, como se voltasse dos *Campos Elysios,* para improvisar um idyllio n'uma sala, ou um discurso no parlamento. Antonio de Campos, que morreu general, official distinctissimo, foi amado e respeitado pelos seus camaradas. Resta hoje Francisco de Campos, o mais velho. Ahi está para manter, pelo talento e caracter, o lustre dos escudos da sua

familia. Foi presidente da Camara dos Deputados em 1889; é hoje par do reino. Que lhe importam honras, coitado! Todas quizera para as legar a um filho, que promettia muito; um encanto de rapaz, que succumbiu á mão brutal e maldicta, que lhe jogou uma pedrada!

Em Ferminhão recebemos convite para assistir ao casamento da filha mais velha de João Mendes com o visconde de Loureiro.

Partimos Luiz de Campos e eu. Não tenho idéa de ter visto um grupo assim durante a minha vida. Quem celebrava era o actual bispo de Coimbra e conde de Arganil. Que magestosa figura! Foi ahi que eu tive a boa fortuna de lhe apertar pela primeira vez a mão, e, passados mais de quarenta annos de amizade intima, o meu respeito pelo prelado exemplar é tamanho como a minha estima pelo amigo. Na sua casa da Carregosa, colmado de finezas, passei, muitos annos depois, gratissimos dias.

João Mendes e Francisco Mendes realizavam a belleza masculina, belleza como só conheci

em Portugal no duque de Loulé, general Guedes e José de Avellar. Ambos eram tão destemidos como prudentes.

João Mendes, pela Regeneração, entrou no quartel do 14, e jogando a vida, presa por um cabello, sublevou o regimento.

Um dia chegou, a S. João de Areias, João Brandão com a sua alcateia de lobos. O bandido gabava-se de entrar em todas as casas principaes. Foi bater á porta de João Mendes. Este disse para a mulher:

— Abraça-te nas pequenas e vae para o oratorio. Quando chegou ao alto da escada, em toda a imponencia da sua estatura, João Brandão ia entrar, muito ancho, dizendo:

— Quero ter o gôsto de o conhecer *pessoalmente*.

João Mendes respondeu-lhe:

— Saia, que na minha casa não entram assassinos.

A famosa clavina ficou silenciosa!

A filha mais velha, quando casou, tinha 16

annos. Um pintor ou um estatuario, se quizessem transladar na téla ou no marmore a distincção feminina, toma-la-ia por modêlo. Senhoril sem altivez, e modesta com a graça viva da intelligencia. Casou com o visconde de Loureiro, moço de illustre linhagem, de educação litteraria, intelligente e cavalheiro.

Maria do Céo, irmã mais nova, tinha 15 annos. Alta, esculptural, sem a rigidez do marmore. As linhas do marmore e do bronze não podem ter a ondulancia das curvas luminosas que só o sôpro de Deus concede á mulher. Cabello fino e ondado; podia envolver-se n'elle; seria uma estrella fuzilando de entre uma nuvem negra! Os olhos serenos, reflexivos, de tinta difficil de fixar, entre o azul e o morado das violetas. A pelle branco-mate. Pé estreito, firme, curvo e sem exaggero diminuitivo com relação á estatura. Andar desempenado e airoso.

Tinha mais, tinha a seducção que se não pode descrever, o ar que domina sem arrogancia e commove e subjuga pela reserva casta

de uma alma superior. Tudo lhe sorria quando a vi: no coração dos seus o amor, na sua consciencia a virtude, no seu talento a arte, e no seu espelho a formosura.

Byron, se a visse, dedicar-lhe-ia os arrebatadores versos a Yanthe, de que esta estancia é apenas pallido reflexo.

«Jamais nas terras, que por tanto tempo
Foram patria de rara formosura,
— Terras por onde andei ha pouco errante —
Entre tantas visões deslumbradoras,
Como tu, nunca vi nada tão bello!»

Esta senhora é hoje a unica que resta d'aquella privilegiada famillia.

A cidade de Vizeu, com os forasteiros que acudiam á grande feira, e os dias convidativos dos principios do outono, estava animadissima. Antonio de Albuquerque, filho de Antonio de Albuquerque e de uma irmã do marquez de Penalva, succedera, por morte do pae, no opulento morgado da casa do Arco, e fazia annos

a 16 de outubro. Convidou os seus amigos para um soberbo banquete. Seguiu-se ao jantar um serão brilhante, onde a mãe de Antonio de Albuquerque fez as honras da casa com a distincção do sangue dos Alegrêtes e Penalvas. Essa senhora vive ainda, e, segundo me consta, com a sua intelligencia perfeita. Depois de sahirmos da encantadora festa, e mudarmos de trajo, José de Napoles e eu partimos para Coimbra.

Dois dias depois de chegarmos á Lusa Athenas soubemos pelos jornaes que um episodio que se dera no jantar da casa do Arco podia ter tido consequencias muito desagradaveis. O caso foi este: Antonio de Albuquerque, com a sua gentileza, por fineza aos seus convidados, quasi todos constitucionaes, agradecendo as saudes que lhe tinham feito, disse, em duas palavras, que embora pertencesse ao partido do principe proscripto, por tradição e por si proprio, levantava um brinde á senhora D. Maria Pia, cujo anniversario se dava n'aquelle dia.

Nada mais requintadamente delicado. Uma folha da provincia annunciou, jubilosa, que Antonio de Albuquerque se havia passado com armas e bagagens para o partido liberal. O redactor da folha era um rapaz intelligente e serio.

Tinha sido uma diabrura da imprensa. Deram-se explicações verbaes e tudo ficou em paz...

Coimbra abria as portas da Universidade, n'aquelle anno, com um dos seus cursos mais brilhantes. Esperava-se o principe Humberto. Veiu o principe. Na noite da recita, camarotes a transbordar. Platéa, á cunha, de estudantes. Assim que o filho de Victor Manuel appareceu, acompanhado de Antonio Sampaio, actual duque de Palmella, o governador civil, Caetano de Seixas, que fôra deputado distincto nos pri-

meiros dias da Regeneração e homem honradissimo, surgiu á frente do camarote para dar os vivas do estylo.

Tudo em pé e silencio profundo.

Caetano de Seixas, muito enfiado e trémulo, clamou:

«Viva sua magestade el-rei o senhor D. Miguel I!»

Calcule-se!...

Nos primeiros momentos sentiu-se entumecer uma onda enorme de gargalhadas, reprimida a grande esforço, e de subito rebentar estrondosamente.

O governador civil, livido, cambaleando, e aos recuões, sumiu-se camarote dentro. Pediu logo a demissão, que lh'a não deram, mas teve tal desgosto que adoeceu. O resto da noite foi uma alegria delirante. N'aquelle curso havia dois rapazes que mais para o futuro seriam figuras principaes: Anthero de Quental e José Falcão. Duas almas limpidas e dois cerebros de fogo. Falcão, mathematico, nascera revolu-

cionario de temperamento e possuia a mysteriosa sympathia, força de attracção irresistivel. A mocidade voava para elle. Coitado, não o desampararam as illusões, porque depois da revolução de 31 de janeiro morreu sonhando com outra revolução!

Anthero de Quental, verbo candente, vibrava a alvorada do que então se dizia escola coimbrã. Com estes rapazes havia outros de elevado merito. Ainda restam alguns, poucos, e, d'esses, uns corrompidos, outros desenganados.

Anthero morreu desenganado.

Quanto mais leio e releio as ultimas cartas que me escreveu mais me convenço de que depois do *ultimatum,* ao impeto do enthusiasmo que se apoderou d'elle, succederam imprevistos e justificados desalentos. Não quero apontar nomes. Não faltará quem os marque, e com ferro em braza, quando alguns escriptores de pulso que ha por esse norte do paiz revolverem as coisas de uma epocha memoravel. Anthero escrevera o programma da Liga Patriotica do Porto. Esse

papel era a critica dos partidos em Portugal desde 34. Documento importantissimo. Foi largamente annunciado. Quando estava para sahir a lume alguem chegou ao Porto. Começaram a referver os enredos, e por tal modo se teceram as coisas que o programma desappareceu; nem ao menos foi possivel encontrar uma capilha do precioso libello nas varreduras da typographia. A liga, no meio de inauditas intrigas, dissolveu-se, e na sessão dissolutoria Anthero disse:

— A Liga era fermento na agitação patriotica do paiz. Logo que essa agitação se extingue não tem razão de ser.

Depois, por dias successivos, soltou alguns gracejos amargos, que tinham o travo de fel das grandes miserias que observara, e lá partiu para a sua ilha. Não foi a enfermidade de estomago — era homem superior ás dôres physicas — mas os lancinantes desgostos de coração que o levaram ao desenlace fatal! Talvez um dia venha ainda a instaurar-se o pro-

cesso d'estas coisas. Documentos não faltam. Então é possivel que alguns nomes benemeritos sejam desauctorisados e executados no fôro da vergonha publica, como se executa o official que atraiçôa o seu campo, arrancando-lhe as dragonas, ao rufar dos tambores e á frente dos seus camaradas.

- Monte, 1903.

## ALBERTO OSORIO DE VASCONCELLOS

—

Era de familia illustre, mas sentia-se que vivera mais com os livros de que nos circulos frequentados pelos seus parentes. Tinha ar, não esquerdo, nem encolhido, porém certo sabor de montanha, um pouco selvatico, talvez. Olhos garços e luminosos, tom de pelle desmaiado, pelle fina, deixando entrever o azul das veias; voz beirôa; feições regulares, estatura mais do que mediana para portuguez. Ouvia com muita attenção e quando falava era com a consciencia de si; certa auctoridade cathedra-

tica que tomam quasi sempre os estudantes premiados. Comquanto eu fosse bastante mais velho, sentiu-se attrahido para mim e eu para elle. Um dos seus collegas e amigos mais intimos era Manuel Pinheiro Chagas, que por esse tempo, quasi creança, já em varios jornaes mostrava a fecunda florescencia do seu brilhante e privilegiado talento. Osorio de Vasconcellos e Pinheiro Chagas queriam-se fraternamente e entendiam-se, porque eram ambos dois espiriritos elevados.

Ha um momento na existencia do homem de lettras e do artista, inolvidavel como o do primeiro amor. A esse momento chamarei a Revelação! É quando entrevemos, alvoroçados, receosos, attonitos, por entre um véo transparente e luminoso, meio sonho, meio realidade —deslumbradora, arrebatadora— a Arte. Como o coração enamorado nos primeiros assomos da adolescencia sente a necessidade irresistivel de se fundir n'outro que esteja em eguaes circumstancias, gostando deliciosamente o exquisito

prazer da confidencia, a confidencia da arte é do mesmo modo impreterivel e ineffavel! Chegado a certa edade, o homem de lettras daria quanto fosse comtanto que pudesse voltar aos dias azues da mocidade e á hora indefinivel em que revelou o seu sonho a um amigo! Alberto Osorio contou-me como a revelação se havia dado n'elle.

Desde muito creança o estudo fôra a sua predilecção, a ponto de não se molestar com o rigor do seu pedagogo. Tivera uma educação desenvolvida, principalmente em linguas; algum grego, muito latim; francez, inglez, allemão. Não lhe sahiam das mãos os livros classicos, tanto latinos como portuguezes, quando n'umas férias se lhe deparavam o *Camões*, a *D. Branca* e a *Adozinda*, de Garrett. Então na alma do moço estudante deu-se a revelação vibrante, electrica como o amor, mas porventura mais elevada ou antes mais castamente ideal e duradoira, porque o templo apartado e immaculado da arte é o unico refugio dos

corações lanceados pelos revezes da má fortuna, ou, peor ainda, desenganados pelas miserias de uma sociedade onde o egoismo, a inveja, a perversão completa do gôsto e a falta de caracter prenunciam um desabar, não estrondoso e sangrento, mas o esboroar prolongado.

Cursando com vantagem os estudos superiores na Escola Polytechnica, Alberto, em francez, inglez, allemão, italiano, devorava os seus livros, já bastante numerosos, e quantos lhe vinham á mão. Seria aquelle frenesi de trabalho que lhe precipitou os dias? Creio que o mal estava na sua compleição, porque Alberto Osorio dava férias á força do labôr, já passando temporadas na sua casa da provincia, já sahindo a discorrer por outros paizes. Tinha meios e levou sempre vida muito regular; rara vez entrava n'um café, rara n'um restaurante. Depois de terminar o curso, continuou com mais afan na carreira de jornalista. Apesar da procedencia aristocrata, filiara-se no partido democrata, onde estavam Antonio de Oliveira Marreca, um

dos maiores prosadores que tem havido em Portugal, Latino Coelho, José Elias Garcia, Bernardino Pinheiro, Rodrigues de Freitas e outros. Vivia intimamente com Latino Coelho, e no trato particular d'aquelle extraordinario talento e assombroso erudito ampliara a sua intelligencia e saber.

Um dia Alberto Osorio de Vasconcellos entrava na camara como deputado. Prestava-se-lhe egualmente o talento para as luctas da imprensa como para as discussões parlamentares. A sua organisação, apesar da sobriedade de vida, havia de resentir-se de taes esforços.

Alberto falou por muitas vezes e sempre bem; mas o seu discurso, quando chegou a noticia da morte de Victor Manuel, discurso que bem se lhe pode chamar improviso, foi elevado e brilhante. Por essa epocha já a saude de Osorio de Vasconcellos estava muito abalada. Outra circumstancia veiu precipitar a enfermidade fatal.

O auctor do *Eremita do Chiado* teve pela

primeira vez na vida, depois da revelação da arte, outra — a do amor. Fôra uma affeição tão séria e tão honesta quanto profunda. Achava-se docente; entendeu que não podia tornar feliz a pessoa a quem tanto queria, e nos seus brios de caracter superior julgou que devia fazer o sacrificio enorme de ser elle proprio a pôr termo áquelle engano de alma que a fortuna não deixou durar muito, mas que foi lêdo e cego! O combate tornou-se renhido e brusco dentro d'aquelle peito, que só a estalar se abriu com um amigo intimo. Era já tarde; o mal ganhara em pouco tempo proporções medonhas. A principio julgámos que fossem phenomenos nervosos, nós, os empiricos; mas o meu honrado amigo dr. João Cesario de Lacerda, homem de sciencia, affectuoso e nobilissimo caracter, com os seus olhos de medico, conheceu que era gravissimo.

Amigo, como irmão, do enfermo, receava auscultal-o, tremendo que se realizassem as suas suspeitas. Um dia, porém, decidiu-se a fa-

zêl-o. Horas depois encontrei-o. O aspecto da sua physionomia fez-me bater o coração.

— É preciso que o Sousa Martins o observe. Oxalá que eu me engane redondamente, senão o nosso Alberto está morto.

Não se enganou, mas teve artes de enganar o doente, durante algum tempo, convencendo-o de que eram nervos os terriveis symptomas da lesão cardiaca. De mez para mez, de semana para semana, de dia para dia, entrou a precipitar-se o desfecho fatal. Por fim Alberto Osorio de Vasconcellos sabia o seu estado; mas ainda assim, á mais leve melhora, fuzilava-lhe um clarão salvador. Eu visitava-o todos os dias. Ainda escrevia artigos politicos. Começou a minha biographia como prologo do Ruy Blas, que eu tinha no prelo.

— Vou concluil-a na provincia, disse-me elle.

Abraçámo-nos. Foi um abraço apertado, como são aquelles em que dois amigos se despedem com a certeza de que nunca mais se tornarão a vêr!

Em vez de terminar a minha biographia, o desventurado, procurando o torrão nativo, foi acabar com a vida, que na flôr e na esperança tinha ainda para elle, como apanagio, o talento e a honradez!

## ANTONIO FOGAÇA

Estava no terceiro anno de direito. Brioso e gentil; a mãe adorava-o; os condiscipulos applaudiam-n'o; tinha pouco mais de vinte annos; era um poeta. Morreu hontem!

Não conheci d'elle senão algumas notas fugitivas; mas n'essas notas faiscava o talento.

Phantasia, colorido, graça, naturalidade e simpleza no dizer. Vinte annos! A eterna canção do amor gorgeando-lhe na bôcca adolescente, sem o travo ironico dos desventurados que, começando a existir, começam a descrer. Amava!

Perguntando á morte quando viria leval-o, a morte, sabendo que seria muito breve, parece que teve dó do pobre rapaz, e respondeu-lhe por um euphemismo:

— Quando a tua amante te esquecer!

Assim nol-o disse o poeta n'estes deliciosos versos:

Deparei com a morte e interroguei-a:
— Quando é que ao certo devo acompanharte?
Diz-me ella, sempre a caminhar na estrada:
— Vae perguntar á tua enamorada
Quando faz conta de deixar de amar-te!

Pela estrada florida, logo aos primeiros passos, a aurora no coração, e a esperança no horizonte, parecia que era prematura a pergunta: mas não foi, desgraçadamente, para os que o amavam e o perderam, porque emquanto a elle... «Morrer, dormir, dormir! sonhar talvez.»

N'um jornal do anno passado encontro agora estes versos do juvenil e mallogrado poeta:

## Sonhos

Eu já fui rei n'um sonho abençoado.
Todo o mundo era meu:
Quando subia ao throno constellado,
De mais brilho e mais oiro do que o céo,
Tinha-te sempre ao lado.
Mas acordo do somno...
E vae depois — roubaram-me esse throno.
Olho, já nada tinha...
Nem tinha o mundo, nem te via ao lado
E eu não chorei o throno constellado...
Chorei só a rainha!...

Sonhava, mas de subito uma estrella
Cahiu-me sobre o leito,
E disse: A minha luz immensa e bella
Vae aclarar as sombras do teu peito!
Mal podendo fitar brilhos do céo,
Eu respondi então:
(Ou na verdade até quem respondeu
Foi meu cançado e triste coração):
Volta ao scio do azul formosa estrella;
Eu te agradeço a luz e o teu sorriso;
Bem vês que sobre a terra não preciso
Mais que dos olhos d'ella!...

Esses olhos tel-os-ha encontrado agora nos paramos do espaço?!

Pobre rapaz!

Dizem-me que a desventurada mãe já perdeu mais dois filhos. Que insondaveis e indescriptiveis mysterios de dôr encerram os labios da mulher que já beijaram tres filhos na cova!

Monte, 1888.

## JULIO CESAR MACHADO

—

Quando pela primeira vez o vi tinha elle pouco mais de quinze annos. Foi em casa de A. P. Lopes de Mendonça, como já disse no livro dos *Cyprestes*.

Mendonça, cujo caracter era tão generoso e bom como elevada e poderosa a intelligencia, protegia, com solicitude paterna, o moço escriptor, que havia publicado um romance intitulado *Claudio;* paginas romanticas, da escola então na força ainda, livro hesitante no tecido e no estylo, mas faiscado de talento.

Julio Machado era rapaz espigadito, de fórmas regulares e ar distincto. A cabeça, resahindo dos hombros, agitava-se-lhe n'uma ondulação elegante; cabello negro, não crespo, comprido e deitado para traz, desafogando-lhe a testa. Olhos castanhos; as pupillas muito vivas e alegres, radiando na esclerotica azulada; e tom da pelle um pouco bistre. Ventas pronunciadas, beiços grossos, lembrando o crioulo; dentes muito brancos, sorriso aberto: era um clarão o riso d'aquella bôcca, clarão que inundava toda a physionomia; alvorada ridente de um coração que teria de abysmar-se n'um occaso sangrento e medonho; esperança desabrochada, pela fé, n'um beijo, e, pela descrença, aniquilada n'um suicidio!

Nunca tirou retrato que não ficasse elle todo. Quando contemplamos o retrato de alguem que nos foi caro, e que já não existe, essa imagem morta revive no nosso espirito, atravez de um véo de lagrimas!

Nos cerebros mais luminosos de Portugal,

nos ultimos annos, parece que deu um sôpro pestifero! Camillo Castello Branco, Anthero de Quental, Julio Cesar Machado, Soares dos Reis, um estatuario de genio — suicidas.

O auctor do *Claudio* aos quinze annos era orphão. Patrimonio escasso; o melhorio hypothecado, apenas a casita da travessa do Moreira, e o torrão da Darruivos, onde elle plantou saudades, que dão agora perfume e lagrimas a todos que o amavam.

Os pobres, de grande alma, legam desafogados a sua herança de amor, e essa herança reparte-se egual por todos os herdeiros, sem as picadas da inveja, nem o veneno dos litigios.

Os ricos, ordinariamente, teem mais sombras ás portas da morte!

Quando vi Julio Machado a primeira vez, trajava elle ainda lucto pela morte do pae, que adorava. Senti logo que havia de caminhar resoluto, olhos postos na estrella da arte, sem medo de romper por este sarçal espinhoso e maninho das lettras do nosso paiz.

Lopes de Mendonça, deixando o folhetim da *Revolução de Setembro* para se engolphar em trabalhos de maior tomo, apresentou Julio a José Estevão, e cedeu-lhe o seu logar na folha fundada pelo grande orador e por Mendes Leite.

Succeder a Lopes de Mendonça era serio!

Machado não desanimou, e o primeiro a applaudir o bom exito do discipulo foi o mestre.

Ai! de mim! que em tudo teria de ser fraterno o beijo de mestre e discipulo: Mendonça morreu louco; Julio louco se matou!

Os dois infelizes podiam exclamar como Job:

«Os meus dias passaram mais depressa do que a teia é cortada pelo tecelão, e consumiram-se sem nenhuma esperança.»

Um dia, no Marrare de Polimento, o novo folhetinista da *Revolução* leu-me, com grande timidez e alvoroço, uns versos. Até alli nada escrevera senão em prosa. Eram cheios de sentimento e de calor, os versos. Fôra a primeira borrasca da primavera da vida que os

provocára. Não me consta que tornasse a fazer outros. Elles por ahi devem andar impressos. Lembro-me do principipio:

> Teimaste! Ao baile esta noite
> Irás, pois, mas já sem mim...

Não me recordo do resto; sei que havia lá umas notas dolorosas; presentimentos amargos!... Os que trazem quasi sempre a alegria no rosto, rara vez deixam de ter, no fundo da alma, uma nodoa negra. Exemplo — e bem recente — o nosso pobre e querido Manuel de Assumpção. Na rua, na camara, na arcada, no restaurante Silva, aquelle lacerado coração ria nos labios!

Julio Machado metteu-se no terceiro andar da sua casita da travessa do Moreira, e, de vez em onde, ia a França, Inglaterra, Italia, jornadeando tambem por Portugal. Todas essas digressões estão narradas de leve, com elegancia e graça, nos seus livros. Tinha raro juizo para se governar. Nem sombras de ex-

travagancia. Entrou uma vez n'uma casa de jogo para estudar o genero; perdeu um cruzado novo e disse:

— «Ainda bem que o perdi; fez-me muita falta, que era o unico; mas, se ganho dois, talvez tornasse pelo vêzo e pegasse no vicio!»

Sempre trajando com esmero e bom gôsto. Alguns amigos, dos mais intimos, iam jantar com elle. N'esse dia punha um gorro de papel na cabeça e era todo cozinha; a caldeirada e o assado absorviam-n'o. As anecdotas, que nos contava á mesa, não eram menos adubadas e appetitosas.

Ha annos, já bastantes annos, comecei a ter apprehenções vagas sobre o seu estado mental, e disse-o a alguns amigos de Julio que estão vivos. Notava-lhe impaciencias sem motivo, reviramentos subitos, e até repentes de colera inexplicaveis.

Julio contava-me os seus maiores segredos. De uma epocha da sua vida fui o particular confidente. Sahi de Lisboa; durou a ausencia

alguns mezes. Cheguei. Um dia, á tardinha, encontrei Julio Machado, que descia do Gremio, então no palacio Farrobo, á rua do Alecrim. Já nos tinhamos visto, mas só era a primeira vez, depois da minha chegada. Naturalmente, e na intenção de lhe ser agradavel, perguntei-lhe pelo seguimento da historia de que eu tinha sido principal confidente. Machado mudou de cara, rajaram-se-lhe os olhos de sangue, e com insolito desabrimento disse:

— «Sou teu amigo, muito teu amigo; mas não consinto que me tornes a falar em...»

Voltou as costas, deu quatro passos, revoltou para mim, que ficára attonito, abraçou-me, e, a chorar como uma creança, disse-me.

— «Perdôa, meu querido amigo!»

Alli começaram os meus rebates. Seguiram-se depois scenas com outros, e ainda commigo, que me deixaram grandemente inquieto.

A ultima vez que o vi foi no casamento da terceira filha do nosso velho e querido amigo Miguel Queriol. Estava Julio Machado com o

filho. Foi no verão de 1889. Disse-me, muito alegre:

— «O pequeno sahiu-se bem nos exames. Vou leval-o a Paris. Uma viagem d'estas, na edade d'elle, é util.»

Quando o pobre rapaz se matou estava eu doente. Escrevi; Julio Machado não me respondeu. Depois deu-se a tragedia.

Vou contar como recebi a noticia, que me ia sendo fatal.

Em janeiro de 1890 vim para a casa onde vivo n'este Monte. No dia 13, logo de manhã, sahi á caça das gallinholas e fui até aos pinhaes da Oliva e da Rosa, que ficam aqui perto. Estava um dia encantador. O sol, o mar, a verdura tenra dos campos, a viração fresca, pareciam trocar beijos no virginal idyllio dos primeiros sôpros da primavera. Sobre a tarde regressei a casa. Havia aqui um pequeno que trazia o correio do Monte; era de Aveiro, muito vivo; meu affeiçoado, mas uma creança. A poucos passos da minha morada defrontei com elle.

— «O senhor, em chegando a casa, sempre vae ter uma noticia... e olhe que é bem má!»

Faltou-me o chão debaixo dos pés, vi uma tremulina deante dos olhos, fiquei sem fala, mas ouvi o pequeno continuar:

— «Foi um senhor e uma senhora seus amigos, casados, que se mataram em Lisboa. Vem no jornal.»

Cambaleando como um ebrio, transpuz o espaço que me separava da minha porta. Entre as lagrimas dos que tambem amavam Julio Machado, narraram-me rapidamente a pavorosa catastrophe.

Todos sabem o que a originou.

Não ha piedade, nem a piedade de Deus, que possa perdoar áquelles que, nas infamias anonymas, lhe suggeriram o nefasto desatino!

O momento é de elegia, mas a elegia, embora pareça absurdo, é irmã da satyra. As grandes miserias, gerando as grandes tristezas, provocam a indignação.

As satyras de Juvenal são mais tristes do que as *Tristes* de Ovidio!

Agora vão levantar-lhe uma estatua.

D'entre as arvores dos mortos, ainda a pedra fria ha de sorrir com o riso alegre do pobre Julio; mas lá em baixo, na cova, está o desgraçado suicida, abraçado no cadaver do filho suicida!

Quando os homens o criminem, a aragem agreste que o affagou tanta vez na mocidade, a aragem de Deus, passando ao de leve, beijará sempre aquelle lacrimoso epitaphio!

Monte, 1893.

## D. ANNA LOBO DE ALMEIDA MELLO E CASTRO

—

Esta manhã, quando me chegaram os jornaes, li n'um d'elles: «Morreu a sr.ª D. Anna Lobo de Almeida Mello e Castro.»

A edade devia dar-nos a indifferença deante do tumulo, mas não é assim; pelo menos em certas organisações.

Singular familia a da casa Galveias, cuja filha era a virtuosa e distinctissima senhora que expirou ha pouco! Fidalgos de raça, porém de boa raça, que ha muitos de solemne prosapia, com sangue mais vil que o dos cafres.

O conde, gentil-homem na estatura, no rosto, na educação, no ar elegante, na bizarria da alma e no rasgo das acções, foi um grande desventurado! A condessa — da casa Palmella — formosa, e do mais fino trato da nossa antiga nobreza, tambem o acompanhou no grande martyrio!

Amavam-se; possuiam grandes haveres; tinham filhos de boa indole e sympathicos. Eram muitos, não sei quantos: rapazes, raparigas; intelligentes todos; descuidados da vida, largo futuro, alegres.

Viviam no seu palacio do *Campo Pequeno*, que era um lar aberto, franco, senhoril; sem altivez petulante, recebendo sem cartões de visita; n'uma lhaneza polida e urbana. Enxugavam muitas lagrimas, valiam a muitos desgraçados, na sombra, sem os reclamos sonorosos da caridade esplendida. Os filhos, chegando á adolescencia, começaram a morrer. Um horror!... Que rapazes se foram entre os vinte e vinte cinco annos! D. Pedro, D. Alexandre, e

tantos, tantos irmãos, de espirito vivo e de bondade summa!

As raparigas, umas solteiras, outras recem-casadas; todas de primorosa cultura e algumas de rara belleza!... Pois a morte, temulenta de sangue, a morte besta ruim, entrou alli e começou a esfaquear a mocidade, a formosura, a innocencia, a virtude!..

O conde das Galveias, um dia, lembro-me bem, entrou na egreja dos Martyres para acompanhar o enterro de um parente ou de um amigo. Havia pouco perdera a mulher que adorava. A pobre condessa ainda resistiu, por causa dos outros filhos e do marido, mas no meio da matança esmoreceu, cahindo tambem na cova!

O conde entrou na egreja, como ia dizendo; era homem que tinha mão em si; porém, deante do funebre apparato, veiu-lhe a onda da sua dôr, tão violenta que deitou a mão crispada ás barbas, longas e brancas antes de tempo, e levando-as á altura dos olhos enxugou com ellas as lagrimas. Ainda as lagrimas se não ti-

nham estancado n'aquella bella alma! A sr.ª D. Anna, que morreu agora, assistiu a toda a grande tragedia! A ultima vez que a vi foi no casamento de uma sua parenta.

Tinha na physionomia os vincos das amarguras; porém nos olhos transparentes e resignados revia-se-lhe o coração immaculado.

Não foram só as dôres moraes que lhe trespassaram o peito como espadas de dois gumes; foram tambem as physicas, que as passou cruciantes na sua prolongada agonia!

De certo essas dôres não eram para se purificar das culpas mundanas, que as não teve nunca.

Pobre e encantadora alma!

Monte, 1897.

# JOÃO PEDRO DA COSTA BASTO

—

Enterrou-se hontem, no cemiterio dos Prazeres, pelas 11 horas da manhã, debaixo de um céo crystallino e immaculado como o seu caracter, João Pedro da Costa Basto.

O que elle valia sabem-n'o todos... sabem-n'o poucos; era muito, era tanto, que, entre homens de talento e de estudo, que não faltam ahi, difficilmente se encontrará quem o substitua na publicação da *Portvgaliæ Monvmenta Historica,* sequencia dos trabalhos de Herculano. Não é, porém, da erudição e intelligencia d'este ho-

mem... d'este santo ia dizer, que tratarei agora, mas da sua elevada e nobre estatura moral.

Austero nos costumes até á severidade, havia n'elle sempre um conselho, um sorriso, uma lagrima para as fraquezas humanas. Viveu na casa e na Torre do Tombo. Na casa tinha a adoração dos seus, e, na penumbra da Torre do Tombo, a saudade coloria-lhe as figuras venerandas de seu pae, Aureliano da Costa Basto, e do seu mestre e amigo o grande poeta da *Harpa do Crente*.

A saudade tambem illumina as almas como a esperança.

O irmão, Raphael Basto, dezeseis annos mais novo do que elle, e que era para João Pedro da Costa Basto como um filho, lá ia hontem acompanhando o prestito resumido, e tragando as suas lagrimas, coitado!

Foram poucos os que acompanharam á cova o escriptor consciencioso e benemerito; mas eram seus admiradores sinceros e alguns amigos intimos de muitos annos, como o duque de

Palmella, Gama Barros, Teixeira de Aragão, etc.

Nas suas ultimas palavras desejou que o seu funeral fosse modesto.

Pertencia ao raro numero d'aquelles que se comprazem em viver na sombra para dar luz aos outros.

Monte, 1898.

# ALBONISTAS E NOVELLISTAS

—

José de Avellar, querido amigo.

Ha justamente doze annos que me desappareceste; mas estás commigo, aqui, no centro do meu coração.

Durante quarenta e cinco annos fomos como irmãos gemeos. Confundimos, ou, antes, fundimos as nossas vidas durante esse longo periodo.

Desde que me deixaste continúo a sentir-te: na voz, no gesto, no talento, no caracter; vivo e na tua individualidade unica!

Vivo, sim, na tua varonil physionomia, na tua completa e absoluta expressão. Para mim nem uma sombra da morte te desbota o semblante, nem te amortece os olhos. Existes; não ha duvida.

A sciencia, desde que partiste, tem feito prodigios taes que não ha maravilhas sobrehumanas que nos pasmem. Estou seguro de que me ouves, de que me tens na tua alma como estás na minha.

Lê essa nota rapida, em que me refiro á tua paixão pela Arte, e relembro um episodio da tua mocidade.

Monte, março de 1907.

Corriam os primeiros annos floridos e fecundos da Regeneração quando chegou aqui a Alboni. S. Carlos abria sempre no dia dos annos de D. Fernando II e fechava na primavera.

S. Carlos, rei absoluto, dominava a aristocracia e a classe média.

D. Fernando, muito moço, viuvo e gentil-homem, era o leão primaz.

Cantor ou cantora de nomeada produzia caso grande, caso sensacional, como agora se diz. Homens, mulheres, em casa, na rua, nos serões, nos bailes, então muito frequentes, nos cafés, na imprensa, não tomavam a sério outra coisa.

As carnificinas a ferro e fogo, as luctas estrondosas e escandalosas da tribuna haviam acabado. Como áquelles primeiros annos floridos da Regeneração, repito, se podiam seguir outros fecundissimos e sermos hoje uma nação de primeira ordem — não ha duvida — se não fosse... o que todos sabemos.

Chegou o paquete que trouxe a Portugal a Alboni. Os emprezarios (não me lembra quem eram, nem tenho aqui um jornal do tempo a que possa acudir para elucidar estas notas) foram esperal-a a Belem, pondo-lhe ás suas or-

dens uma carruagem com lacaios de grande espavento.

Vi ha pouco um retrato da Alboni, que parece o de uma sopeira já madura e vesga. Por ahi ainda ha de haver alguem que a conheceu. Era uma formosa cabeça de colorido ardente, cheia de luz e de expressão, sobre um corpo cuja exuberancia de tecidos se tornava incompativel com a gentileza. Contralto não houve nunca nenhum que lhe sobrelevasse. Alliava ao poder extraordinario da garganta o talento e saber de artista consummada. A sua rival, Novello, genero completamente diverso, mas de muito merito. Formaram-se dois partidos, ou, antes, dois bandos, que levaram a exaltação até á ferocidade!

Faiscaram, sahindo da bainha, os gladios dos luctadores da imprensa, e entre elles uma espada de dois gumes, a mais rutilante, no punho apparentemente debil do athleta Latino Coelho, então na primeira flôr da mocidade.

Era Novellista. Agora o veremos. Agora?...

Seria preciso acudir ás folhas volantes do tempo para se admirarem maravilhas!

As mulheres correram á grande refrega, não como vivandeiras, como amazonas. Rememoral-as nos passos e lances d'aquellas batalhas, completar os episodios secretos em que chegaram ás mãos, e eram mãos do mais puro azul no sangue das veias, as cartas crepitantes de paixão com que vieram á imprensa, daria para um interessante livrinho.

O velho lustre de S. Carlos, unico illuminador das frizas e camarotes fundos e sombrios, levava as lampas á luz electrica de agora. É que a luz viva d'aquellas noites era o enthusiasmo e a belleza das mulheres. Retratar-lhes as feições, na correcção severa de umas, na graça expressiva de outras, daria uma soberba galeria de quadros feminis.

Condessa de Belmonte um encanto! Tinha a quem sahir: era filha do duque de Loulé, o mais bello homem de Portugal, e da infanta D. Anna de Jesus Maria, a primeira estampa de

mulher do nosso paiz e a mais elegante princeza da Europa. Laura Blanco, exemplar assombroso — não tenho outro epitheto — do mais fino sangue que os arabes legaram á Andaluzia. Condessa das Galveias, sobretudo na distincção e na aureola sympathica que lhe illuminava o rosto. Maria Amalia Machado (Figueira), Christina Sampaio (viscondessa de Charruada). E tantas e tantas!... Sem o minimo exaggero: uma constellação de estrellas peregrinas!

Uma noite cantava a Alboni e a sua rival. Tinham chegado as ultimas batalhas, as mais renhidas. Na platéa superior cavalheiros, na maior parte de summa gravidade, de morrões accesos. Na platéa geral os frequentadores, que no lance decisivo haviam de carregar á arma branca.

Rebentaram as palmas e trovejou a pateada. As Albonistas ora agitavam convulsas os lenços, ora batiam as mãos freneticas, volvendo olhos triumphadores para as adversarias, que, não podendo patear, estalavam os leques, mor-

diam os beiços, manifestando nos raios fulminadores das pupillas a inveja de não serem homens, para se atirarem com unhas e dentes ás capitaes inimigas.

Essa noite foi assignalada por um episodio que podia ter sido grave.

José de Avellar era Albonista ardente. Andava no ultimo anno da Escola Medica. Talento notabilissimo. Alto, bem talhado, tez pallida, barba negra e fina. Soberba planta de homem.

Em pé, na platéa geral, applaudia um dos passos da extraordinaria garganta da immortal contralto. Atraz d'elle ficava um rapaz forte, destemido e bemquisto. Era o David alfaiate. Novellista exaltado. Impetuoso e não podendo conter-se, deitou a mão á aba da sobrecasaca de José de Avellar, dando-lhe um grande sacão. José voltou-lhe o peito redondo e audivel na voz varonil e redonda, dizendo-lhe:

— Lá fóra. E continuou applaudindo. Depois de cahir o panno não sei quantas vezes, e ainda no turbilhão da platéa, sahiram ambos. Na es-

curidão do largo atiraram-se um ao outro a braços. José ficou com uma boa ecchymose; David muito pisado. Foram presos e levados ao Governo Civil.

David, enfurecido por não ter levado a melhor, clamava que viessem peritos para examinar o ferimento. José de Avellar disse-lhe serenamente:

— Cada um de nós tem o seu officio; eu, como estou quasi medico, curo-lhe a cara; você, que é alfaiate, compõe-me a sobrecasaca que me esfarrapou. E fica tudo em casa.

N'aquella epocha o enthusiasmo dava em murros, infelizmente. Felizmente agora não ha enthusiasmo, nem murros. Mas... segundo tenho ouvido dizer, parece que abunda por ahi a semsaboria!

## OS TRES MOSQUETEIROS DA REVOLUÇÃO LIBERAL: MARQUEZ DE FICALHO, CONDE DE SOBRAL, CONDE DE MAFRA

---

Os tres irmãos eram eguaes na valentia heroica. O que a pagou mais caro foi o conde de Mafra, D. Francisco de Mello Breyner.

N'uma das batalhas do Porto cahiu atravessado por uma bala e passou muitos dias entre a vida e a morte.

A mãe, duqueza de Ficalho, clausurada no convento de Carnide, como prisioneira liberal, soube na sua cella a noticia funesta.

Durante dias arrastou-se até ao côro, a ouvir missa, e com ambas as mãos apertava ao

peito o crucifixo, implorando a Deus, entre a hostia e o calix, que lhe salvasse o filho adorado!

O capellão, depois da missa, fazia muitas vezes uma pratica, como era de uso em todos os templos n'aquella epocha, narrando acontecimentos do Cêrco do Porto e cobrindo de injurias os homens do Mindello.

Tendo a certeza de que o futuro conde de Mafra estava salvo, no exordio da pratica clamou com a sua voz potente:

«D. Francisco de Mello Breyner, o Ficalho, não morreu; está completamente bom, e até já partiu para o Algarve com o Villa Flôr e mais os da sua magna caterva!

«Deus Nosso Senhor! Quando é que em Portugal acabará a praga dos pedreiros livres!»

Não podendo transmittir á mãe, á consternada duqueza, de outro modo a nova de que o filho estava vivo e são, usou d'aquella truculenta rhetorica, á sombra da qual soccorrera muitos constitucionaes perseguidos.

Se este padre, de nobilissima alma, vivesse ainda, eu cahia-lhe aos pés em ambos os joelhos, rogando-lhe que, na sua ira justissima, me amaldiçoasse os transfugas covardes que andam por ahi ha muito renegando e ultrajando a Liberdade que os arrancou do pó!

Monte, 1907.

# UM JUDEU QUE ESCAPOU A SHAKESPEARE

Os temporaes no mar dos Açôres são medonhos. Em raras paragens os haverá mais temerosos. Muitas vezes os presenciei, sendo o maior a que assisti, e dos mais devastadores de que tinham memoria os habitantes da ilha, havia muitos annos, o de 6 de janeiro de 1867.

Em poucas horas deitou abaixo trinta e seis lanços da doca, e pegando de um navio, que não pôde fazer-se ao largo, jogou com elle para o vão de dois rochedos altos, em Rosto de Cão, deixando-o direito como se estivesse n'um es-

taleiro. A tripulação salvou-se por um cabo preso em terra.

Entre Santa Maria e S. Miguel, o canal, quando os desgarrões austraes o sacodem, levanta montanhas em fórma de pyramide, que rebentam, espadanando fumantes, para as nuvens. O céo parece então uma abobada de rochedos achatada sobre o mar.

Que estoirar nos vãos e reconcavos das furnas! Nos picos das montanhas, nos declivios das chapadas, nos valles fundos, nas fajãs viçosas, nos jardins sumptuosos, as arvores estorcem os braços em gritos de dôr, como pedindo a Deus misericordia!

Da flôr ás araucarias gigantes, toda aquella potente vegetação ora geme e chora implorando, ora, enfurecida contra a protervia do tempo, parece praguejar furibunda, com gritos de louca e maldições satanicas, para depois soluçar, lamentar-se, desgrenhada, desfeita em lagrimas, e supplicar commiseração ao céo novamente! Dos dentes das serras, precipitando-se

pelos corregos e algares, as torrentes desarreigam troncos, pedras e vallos, com fragor sinistro, por aquellas vulcanicas e alcantiladas serranias!

Uma vez, no coração do inverno, e debaixo de tempo, o vapor *Açoriano* sahiu para Lisboa. O commandante era o bravo Antonio Telles Machado, que felizmente ainda vive. Os outros dois officiaes, dois valentes tambem: Brum Terra da Silveira e Monteiro, esses já não existem.

A pouca distancia da ilha o tempo começou a encrudecer; cada vez a rajada mais longa de que o recalmão. Mar muito grosso e arrebentando; refregas violentissimas; o barometro a baixar de momento a momento; céo sobre a cabeça; lufadas mornas; algumas nuvens paradas no horizonte; outras correndo altas, com prodigiosa rapidez; as ondas a phosphorear. N'esses momentos, ás vezes, afigura-se-nos que estamos fóra da realidade; tudo é pavoroso, mas vago, como as visões umbraticas do pesa-

delo! São precisos nervos, olho, decisão e intrepidez para encarar com a tormenta e a noite ao catavento de um navio!

O tufão desencadeou-se em toda a sua força. Um mar de pôpa ia anegando o barco.

Carga ao mar!

A carga era principalmente de saccas de trigo. Deu-se então um caso extraordinario, que prova, mais uma vez, como o amor da vida augmenta as forças do homem. Os marinheiros atiravam do porão para cima, e depois pela borda fóra, com as saccas de seis alqueires de trigo, como se jogam melões de uma falua para o molhe! O terror fez parar as ancias dos mareados e cortou a voz dos passageiros. N'isto um judeu, de mãos postas, supplicava, clamando ao commandante:

— Só o trigo é que está seguro; as saccas não, sr. commandante. Mande desatar as minhas ricas saccas, que não estão seguras!

Queria que lh'as despejassem em tal momento. Chegou a ser grandiosa a avareza d'aquelle

Shylock! Foi milagre que algum marinheiro, ouvindo-o, o não jogasse ao mar!

Quando passou a tormenta e a viagem sorriu prospera, a alegria exuberava em todos os passageiros. Saltavam as rolhas de champagne; brindava-se pela pericia e bravura de officiaes e marinhagem; conversava-se animadamente no tombadilho, respirando a brisa de feição, saudando o sol já limpido. Só um passageiro, encostado á amurada, mudo e taciturno, não despregava olhos das ondas transparentes; olhos rajados de sangue, ávidos e penetrantes! Era o judeu, que procurava no mar, lá no mar fundo, as suas saccas, que não estavam seguras!

Monte, 1893.

# A MINHA ORAÇÃO DA CORÔA

Para confirmar a verdade do meu *Triumpho Capitolino* só restam dois: a lenda e eu!

Pelos annos de 1854 e 1855 jantava, duas vezes por mez, no *Price — Taberna Ingleza* — um grupo de rapazes do meu tempo: Rodrigo Paganino, auctor dos *Contos do Tio Joaquim;* Ricardo Guimarães — visconde de Benalcanfôr — folhetim vivo e faiscante; dr. José de Avellar, então alumno da Escola Medica, cerebro vigoroso e modêlo de belleza viril; Galeazzo Fontana, insigne na harpa; Guilherme

Cossoul, o sympathico e primoroso regente de S. Carlos; Eugenio Mazoni, correcto e delicado pianista; Francisco Montez de Champalimaud, que ultimava o curso de engenharia, cheio de vida e intelligencia, depois de uma cegueira do coração, morto na flôr da vida.

Os jantares, de quinze em quinze dias, tinham como pretexto uma perna de carneiro inglez, que vinha pela intervenção do Price, e uma salada temperada por Eugenio Mazoni. Chamava-lhe *Salada Russa*, como lhe podia chamar das *Quatro partidas do mundo*. Entravam n'ella camarões da nossa barra, enxovas do cabo de S. Vicente, ameijoas de Alvor, azeite de Italia, vinagre de estragão, conservas de Londres, azeitonas de Sevilha, caril da India, beterrabas, variedade de hervas finas, alface de Lisboa e de Roma! Custava uma libra esterlina a salada.

Montaria a mais de duas agora, attendendo ao preço venal das coisas, o que prova—Deus omnipotente—a riqueza em que vae nadando o paiz!

Aquelles rapazes, nos primeiros dias da juventude, estudiosos, olhos postos no futuro, onde abriam esperanças florentes; aquelle exuberante enthusiasmo, fuzilar de talento, alegria ruidosa; todos aquelles rapazes... dormem!

A salada ainda levava mais alguma coisa; levava ostras. Mazoni não prescindia de pessoa de confiança que fosse por ellas, e olhasse á qualidade, á frescura, ao modo de as abrir. Os artistas notaveis raro deixam de ser bons gastronomos. Dizem que o auctor da *Nana* fica de pessimo humor quando não tem á sua mesa prato de appetite!

Um dia fui eu incumbido das ostras. A salada preparava-se antes do jantar e levava uma hora larga! N'esse tempo não havia sombra de Aterro. O molhe do Caes do Sodré prolongava-se até á esquina da *Taberna Ingleza*, distanciado da porta apenas uns dois metros; desciam-se tres degráos de pedra carcomidos e entrava-se em plena *Ribeira Nova*.

Fui ao mercado.

Cheguei-me a uma regatôa moça, bem parecida, cabello farto, pescoço altivo, grilhão em voltas, coração de filigrana pendente, mangas arregaçadas, braços roliços, bem sellada de ancas.

Quando a pucara de barro novo, chiando, estava cogulada e paga, ella soltou uma chufa. Voltei-me e repliquei-lhe. Abespinhou-se e retrucou mais afinada. Eu retirava, porém voltando-me e despedindo-lhe frechas como um partha. A colera recrescia-lhe e congestionava-lhe já o rosto. Entrou a deshonrar-me a familia, desde a minha santa avó até ás minhas suppostas filhas! Uma enxurrada de obscenidades! Bocage talvez corasse de... inveja!

N'uma onda de furor tirou do pé um tamanco e mandou-m'o, silvando; se me apanha pelas fontes virava-me; era uma bala rasa!

Sereno, e na brecha, respondi-lhe:

— Sempre és peixeira que, em vez de peitos, tens dois pés de meia com um pataco no fundo!

As companheiras, em grande jubilo, applaudiam-me com estrepitosas gargalhadas!

Então, bufando e espumando, deitou as unhas ao collete, rebentou os atacadores, e os peitos comprimidos saltaram turgidos e petulantes! O amor proprio chega a ser feroz; atirei-lhe ainda com uma calumnia viperina á vaidade, em linguagem de marujo! Então ella... A crúa realidade pára aqui. Corramos um véo sobre a *vestal* quasi desnuda!...

Os municipaes não lhe podiam ter mão, perdidos de riso. Um escandalo!...

Os meus amigos, á porta do Price, saudaram-me calorosamente. Entrei triumphante como se voltasse do Ágora ou do Forum com a minha pucara de ostras na mão.

Se me dá para entrar em S. Bento, calcule o leitor onde hoje estaria!...

Monte, 1896.

# EM CASA DE ALEXANDRE HERCULANO

## 1849

O palacio da Ajuda esteve completamente abandonado desde 1834 até 1859 — aureo tempo das vaccas gordas! — em que se gastaram, ou antes, em que o paiz pagou a bagatela de cem contos de réis para lhe deitarem uns remendi-tos. Todavia em 1849 a sumptuosa fabrica não estava completamente deshabitada. Nos quartos do rez-do-chão lá viviam algumas açafatas, muito no declinar da edade, pobres, bem educadas e senhoris. Mettiam dó, coitadas, quasi na penuria, apartadas do mundo n'aquella enor-

me mole de pedra, ouvindo sibilar o norte da invernia, nas noites eternas; mulheres que haviam passado a mocidade nos Paços realengos de Lisboa e do Rio de Janeiro. Havia tambem creados do rei D. João VI, que tinham acompanhado o monarcha ao Brazil. Alguns d'elles contavam anecdotas do antigo Paço — algumas cahiam de maduras — e tambem ditos do rei bonachão, finorio á moda saloia, de lettras gordas, mas que estava muito longe de ser o lerdo que muita gente cuida. No largo as ruinas da Patriarchal. Meia duzia de soldados de infanteria 1 de guarda ao palacio.

Em frente, no fundo do largo, a casa do general de engenheiros Julio Guerra, militar intelligente e brioso, fóra do serviço por ter adherido á Maria da Fonte. Pegava com esta casa a do principal Côrte Real e seus dois sobrinhos, D. João e D. Gastão da Camara.

Na calçada de D. Vasco o conde e a condessa de Belmonte, casados havia um anno. O conde de Belmonte — D. Vasco da Camara —

era moço dos seus vinte annos; estatura regular, delgado, bem posto e elegante; olhos garços insinuantes, bôcca graciosamente recortada, intelligente e distinctissimo. Nobilissima alma de rapaz. Seu tio, o notavel Chico Bellas, official de cavallaria, calção soberbo; o padrasto nem mais nem menos do que o conde de Vimioso. Tinha a quem sahir, e assim foi destro cavalleiro de sella e sellim raso. Os caçadores de hoje não calculam o que era a caça n'outros tempos, até pelos suburbios de Lisboa. Ao sopé dos muros da tapada se levantavam as perdizes que andavam a repasto nas terras de semeadura. Conde de Belmonte, D. Gastão da Camara e eu sahiamos frequentemente a bater a serra.

No clarear de uma manhã de setembro que paizagem aquella, vista do alto da montanha!

A barra, o cabo, o oceano; a Arrabida ao sul; ao norte Cintra. O sol rompendo na orla do nascente, em braza, sem vibração de luz a principio, agora jogando as primeiras frechas

ás cumiadas de Palmella, ferindo as ondinhas verde-claras do Tejo. A sul, escuro o céo; no remoto occidente, ainda mal desvanecidas as estrellas; na aragem, apenas sentida, o sôpro indizivel e virginal da madrugada; os gallos da aurora soltando a voz crystallina pelos casaes perdidos entre as hortas e pomares. O Jamor, nas voltas sinuosas, denunciando-se no trepido murmurio, atravez da nevoa opalina condensada sobre o valle. Ao altear do sol, refrescando o norte limpido, dezenas e dezenas de moinhos agrupados ou disseminados pelas cristas da serra, girando as suas aspas brancas e produzindo-nos a visão de que se movia toda aquella grandiosa e deslumbrante paizagem. Agora foram-se os moinhos, que tocavam de sabor alpino e agreste o ondulado e maravilhoso quadro. As fabricas deram cabo d'elles e deram-nos peor pão e mais caro!

Com os nossos perdigueiros iamos levantando as bandas de perdizes, até que se refugiavam nos zambujaes da Tapada. Foi esta mandada fazer

pelo marquez de Pombal para o rei D. José ter caça ao pé da porta. Não ha nada como ser rei absoluto; essa sim, essa é que é ambição de suprema grandeza! O demais, rei constitucional e presidente da republica são grandes honras, porém honras apenas, com relação ao passado. Os olhos do despota dominavam tudo e tudo para elles era arraia miuda. Descendentes de reis, embora, não os queriam senão para copeiros, estribeiros, aurigas, moços de monte, servos humilissimos.

El-Rei D. José ama a caça? O ministro extraordinario e feroz acurva-se na sua alta estatura intellectual, e, de joelhos, espera que lhe assigne os decretos para reedificar Lisboa arrazada e para engrandecer o reino. Depois improvisa-lhe uma coitada com que sua magestade se distraia nas horas de ocio.

El-Rei está apaixonado? Entre os humbraes da casa mais illustre de Portugal e deite a garra á mais formosa das filhas do lar esplendido para saciar os impetos carnaes da sua bruta

sensualidade. As victimas, manchadas em seus brazões, tambem reaes, vilipendiadas no seu sangue e nos sagrados affectos do seu coração, ousaram reagir?

Venham as rodas, venham as aspas, venham os carrascos, venham os condemnados, e sejam feitos a pedaços na praça publica.

O supplicio principiou com a alvorada e findou com o dia?

Abram-se os regios Paços, illuminem as quadras sumptuosas, transbordem das salas os cortezãos da infima baixeza, e El-Rei omnipotente e o torvo ministro, os dois tyrannos malditos de Deus e da humanidade, celebrem a festa de lagrimas de sangue na solidão do seu crime e na enxovia de suas consciencias!

Bemditos, mil vezes bemditos, apesar de tudo, os dias em que vivemos!

Na solidão, rara vez interrompida, da Ajuda a coisa mais insignificante se tornava em notavel successo.

Uma noite bateram onze horas no sino da torre e Alexandre Herculano depoz a penna como por acto automatico. Não conheci ninguem onde os habitos tivessem maior imperio; talvez a disciplina a que se votou como soldado voluntario concorresse para tal. Era no inverno, noite fria, escura, mas serena. Quando entrámos na casa de jantar para tomarmos uma colher de dôce e um trago de agua, como de costume, ouvimos uns gritos de afflicção, e no tremor convulsivo da voz percebemos:

«Ás armas!»

Corremos á janella do quarto de trabalho e vimos sahir do pateo do palacio uma alma do outro mundo de dimensões sobrehumanas. Pu-

dera, se era alma penada! Lá o affirmavam os arrancos do soldado espavorido.

Herculano não sei; por mim, digo aqui muito baixinho, todo eu da cabeça aos pés era um arrepio! O povo acreditava então, como acredita hoje, em almas do outro mundo, e cada vez ha de acreditar mais e com razões plausiveis, que lá estão homens eminentes da sciencia a barafustar com *Espiritos*.

Os camaradas da sentinella acudiram e ficaram estarrecidos. O *Espectro,* depois de fazer alguns zigue-zagues no largo, desappareceu no horizonte como um relampago livido.

No dia seguinte todas as cercanias do palacio retumbavam com a visão medonha.

A pouco trecho repicavam os sinos da freguezia a casamento. Era o *Phantasma,* transformado n'um rapaz bem posto e alegre, que se casava com uma morena appetitosa como azeitona cordoviz.

A egreja de Nossa Senhora da Ajuda tinha sido em tempos um curato pingue. O prior da

minha epocha era um padre exemplar e venerando; não me lembra o nome; sei que eu lhe chamava o «Parocho da Aldeia», porque Herculano parecia haver tirado d'elle o retrato vivo do personagem de um dos mais bellos quadros no desenho, na côr e na composição da litteratura portugueza.

A egreja da Boa Hora, á missa do dia, era muito concorrida. Não faltava tambem nunca a familia Belmonte, a condessa e suas cunhadas, muito moças, primorosamente educadas e de feição portugueza: D. Maria Jeronyma, D. Constança e D. Maria da Madre Deus. A primeira casou com João Berquó (Cantagallo), a segunda com D. Pedro de Mendoça (duque de Loulé) e a mais novinha com o meu velho amigo da mocidade, Francisco Figueira Freire. Teve dois filhos a virtuosa senhora. Poucas horas depois de dar á luz o segundo (Francisco) succumbiu. Ahi estão esses dois sympathicos rapazes, bemquistos pela gentileza do seu porte e inconcussa probidade de caracter.

A Semana Santa tornava-se o maior e mais solemne periodo do anno em Lisboa. Tambem chegava aos arrabaldes. As saloias, que andavam de saias averdugadas — d'ahi veiu o proverbio: «Não diz a bota com a averdugada»,[1] — todas garridas, tocando os burrinhos ajoujados de flôres de Quaresma de vivissimo aroma; na ida para Lisboa paravam á porta da sacristia da Boa Hora a deixarem ao seu prior junquilhos, lirios, palmas, alfazema das hortas e rosmaninho dos campos para festonar os altares. N'essa epocha o ambiente era outro; os rapazes não fugiam do templo; a reacção estava assolapada. Sobre o turbilhão que arrazou os conventos, as auras liberaes vinham de França impregnadas das *Meditações,* das *Palavras de um crente,* e entre nós rompiam os soberbos versos da *Semana Santa* e da *Cruz Mutilada,* porque o historiador de Portugal foi tambem

[1] O povo, e muita gente boa, corrompe o proloquio quando repete: «Não diz a gota com a perdigota.»

um elevado poeta. Não tardaria muito que do pulpito d'aquella mesma egreja da Boa Hora um prégador obscuro e desatinado rompesse o fogo calumniando e insultando o auctor da *Harpa do Crente*. D'ahi partiu a grande lucta que succedeu á publicação: *Eu e o Clero*.

Os sabbados na Ajuda, em 1849, eram muito limitados. Não contando commigo, por ser de casa, apenas concorriam: Antonio de Mello Cesar de Menezes, depois marquez de Sabugosa; Antonio de Oliveira Marreca, o republicano austero e um dos mais extraordinarios prosadores de todos os tempos de Portugal; Rodrigo Felner e Rebello da Silva.

D'este tenho falado mil vezes; direi duas palavras de Rodrigo Felner. Vale a pena gizar-lhe as feições quando não seja senão em dois traços.

Era pouco mais velho do que Herculano e foram intimos da infancia. Estatura mediana, robusto, peito ancho, pescoço turgido, olho de azul retinto e faiscante, prudente, porém resoluto e desembaraçado quando se fizessem a elle. Aos quarenta annos calvo, mas uma boa calva orlada de cabello grisalho. Ninguem, absolutamente ninguem, lhe levava a melhor na replica; nos equivocos tinha a graça e primor dos francezes. Quando os moços, as melhores espadas, arremettiam com elle, tomava o seu gesto favorito: fincava os cotovêllos nas ilhargas, abria os antebraços, espalmando as mãos na attitude do devoto em oração, e como os gulosos mascam um bom boccado, mascava os epigrammas antes de os disparar.

Ai! dos adversarios. Á mesa conviva de primeira ordem; bom garfo e bom dente, podia beber como Balzac: nem o vinho, nem o licôr o toldavam. Aos sabbados, Felner e Rebello apeavam-se, no principio da calçada da Ajuda, do omnibus, que sahia de hora em hora do Pe-

lourinho, puxado a quatro mulas esfalfadas, conduzidas por um auriga de sombreiro e capa de oleado, verão e inverno. Que tempos! Chegam-me a parecer antediluvianos! Subiam encosta acima, discorrendo e gesticulando. Ao chegar á botica do Guedes, homem intelligente, abastado e bemquisto, faziam alto; depois de dois dedos de conversa, seguiam a ladeira até entrar no largo do palacio. Guedes sabia pegar no lapis e gostava de observar os homens pelo lado ridiculo. Rodrigo e Rebello eram bastante distinctos para se prestarem á caricatura. Guedes apanhou-lhes a physionomia e os gestos com verdade e expressão; não contente ainda das caricaturas, avivou-as de commentarios mordentes e hilariantes. Passaram em secreto ás mãos dos frequentadores da casa; porém, como o diabo as tece, sempre chegaram a ser vistas pelas victimas. Rebello da Silva, que possuia como ninguem a redacção da injuria, atirou de improviso quatro apostrophes que fulminavam o Guedes e toda a geração dos seus maiores. Felner,

reprimindo a colera, porque não ha nada que irrite mais um homem de espirito do que apanhar um gilvaz com graça, atalhou o impeto do orador, dizendo:

— Accommoda-te, menino, que o pharmaceutico ha de pagal-as crúas!

Depois de jantar partiram para Lisboa e foram, como de costume, para a caixa de D. Maria II. Felner dirigiu-se ao seu amigo Procopio, pintor do theatro e rapaz de merito, recommendando-lhe que lhe lithographasse uma rata de barriga para o ar, e lhe tirasse com a maxima presteza umas dezenas de exemplares. Dito e feito. O desenho levava em baixo o annuncio, cuja redacção, desgraçadamente, me não lembra. Sei apenas que principiava assim:

«O honrado e sabio pharmaceutico da calçada da Ajuda, o sr. Guedes...»

Seguia-se a receita miraculosa e de mais a mais baratissima. Tanto fazia ser applicada n'um quarteirão de casas, como em vastos celleiros; matava instantaneamente todas as ratas

sem que pessoas de familia corressem o menor risco. Um garoto do theatro foi incumbido de pregar os cartazes em todas as esquinas da calçada, e por Alcolena, de uma noite para o dia. Agora o veremos! Assim que se abriu a porta da botica começaram a confluir pessoas de toda a ordem, pedindo alvoroçadas o maravilhoso elixir. Guedes, se não é homem de sangue frio e com amigos, se a colera lhe rebenta o apostema para fóra, como diz o povo, estava perdido; davam com elle em Rilhafolles.

Ainda assim labutou para conjurar a tormenta. A desforra dos caricaturados foi cruel.

Rodrigo de Lima Felner, já socio da Academia das Sciencias nos principios da regeneração, nomearam-n'o director dos *Monumentos Ineditos*. Entre outras coisas publicou as *Lendas da India*, de Gaspar Correia, que, seja dito de passagem, este *escrivão* de Affonso de Albuquerque, soldado raso ignorante, phantasiador como o velho Dumas, na sua ingenuidade é o mais sincero dos escriptores do Oriente. Nenhum,

nem o proprio Fernão Lopes de Castanheda, dá como elle as feições dos homens e das coisas em tintas tão vivas e realistas.

A 3 de março de 1849 fazia eu vinte annos (um *dois* e um *zero,* que são um poema!) e vim na vespera á tarde até Lisboa para no dia seguinte jantar com minha mãe. De manhã recebi uma lembrança de Alexandre Herculano e juntamente uma carta. Entre muitas que tenho d'elle, e que hei de publicar um dia, é para mim a mais grata. As notas individuaes não se desprezam hoje, antes concorrem para os annaes da alma humana.

O papel da carta está, como eu, muito velhinho; mas as suas lettras vivas trazem-me, como se fossem de hontem, as lembranças d'esse dia:

Meu caro[1]

Ahi vão essas poucas flôres; são as que encontrei pelo quintal inculto. Mando-as, apesar de vulgares, porque me disse que sua mãe gostava de flôres. Lembrou-me que, acóstumado á manteiga frescal, acharia desagradavel a salgada estrangeira. Veiu tarde a lembrança para hoje; mas ainda lhe posso acudir para o almoço de ámanhã. Tenha equanimidade bastante para desculpar esta offerta de saloio.

Ha n'ella um pouco de vaidade de auctor. Eu creio que essa manteiga está boa; e hoje, meu rico, tenho n'isso mais presumpção de que no merito de escriptor.

Quando eu tinha 25 annos cultivava flôres e fazia versos; depois dos 35 annos fabrico manteiga e faço prosa. Passados os 50 provavel-

---

[1] Era rarissimo que Herculano datasse uma carta particular. O maximo era pôr o dia da semana.

mente não farei nem uma coisa nem outra. Serei talvez um avaro ou um caturra.

É a trilogia da vida humana, trilogia de pernas ao ar, em que a poesia está no primeiro acto, o positivo e a prosa no segundo, o chato e o semsabor no terceiro. Peores são ás vezes (as mais das vezes) os dramas do theatro em que tudo são terceiros actos da comedia humana.

O meu amigo, que está no primeiro, cheio de vida e frescor, povôe-o bem de flôres e poesia. As recordações d'essa epocha é que mandam alguns perfumes e harmonias á tarde e ao crepusculo da existencia — as duas quadras da manteiga e da caturrice:

Até ámanhã á tarde para a nossa viagem da Ajuda.

Amigo
*Herculano.*

# LISBOA DA MINHA MOCIDADE

## Aventuras nocturnas

—

A Lisboa dos primeiros dias da minha mocidade era pouco mais ou menos a Lisboa reedificada do marquez de Pombal. Os rapazes de hoje, que os ha ahi desempenados e robustos, affeitos a exercicios gymnasticos e jogando as armas, se vivessem então é que teriam palestras e estadios para correr as alegres aventuras dos poucos annos. Que bello tempo!

Logo no alto da rua Garrett—o velho Chiado —onde o bardo da *lira sonorosa* põe os pés em cima de homens como João de Barros e

Pedro Nunes, que, muito tristes, cabeça pendida e ajoujados, os pobresitos, com o peso enorme d'aquella massa de bronze, parecem escravos calcados aos pés de um tyranno, eram os famosos casebres. Alli rechinavam as iscas em tabernas immundas e dormiam em vãos e alfurjas, promiscuamente, rufiões, fadistas e venus-vagas. No largo das Duas Egrejas um chafariz com o seu Neptuno, que não era o de João de Bolonha, de tridente em punho a pescar gallegos, como dizia Antonio Pedro Lopes de Mendonça no folhetim da *Revolução de Setembro*.

O gaz, pallido e vacillante, nos bairros altos e escusos da cidade, sumia-se ou desapparecia de todo. Na Patriarchal, na linda praça que hoje ahi temos, estabelecia-se, nas entradas do inverno, o mercado de porcos. Mercado commodo e central, onde o pae de familia, que se amanhava regularmente, ia ajustar o cevado ruivo e redondo, creado a boleta de azinho nos montados do nosso Alemtejo.

Feita a compra, surdia de um antro o mata-

dor, de cara estupida e sinistra; dava o chamado nó de porco na perna do animal, mettia um banco debaixo do braço, facão n'uma bainha de coiro á cinta, e lá ia á porta da casa do burguez, onde o javardo manso era esfaqueado por entre o vozear jubiloso da garotada cruel!

O bando dos toiros, semsaboria que hoje provoca lagrimas, tornava-se o grande acontecimento das toiradas, a par da espera á tarde e á noite. Carnavalada nacional e pittoresca era aquelle bando. O neto, com as pernas como dois arcos de pipa, macrobio invulneravel do tempo de D. João VI, vinha adeante, montado na sombra de um cavallo, mas quando fosse um potro servil de Alter não conseguiria cuspil-o da sella a que se agarrava com as caniculas de aço. O farçante tinha a consciencia do seu valor e o enthusiasmo do seu officio.

Quatro mariolões trajados de amazonas flanqueavam-n'o com o garbo imponente de ajudantes de ordens. Magarefes das fressureiras,

com pifaros, trombetas e tambores, n'um escandalo estrondoso de harmonia, alvorotavam de alegria familias sisudas, que dos primeiros aos quintos andares se precipitavam das janellas, simulando a loucura do suicidio; os pretos de cavallinho de pasta formavam a reserva em brados estridulos e n'um batuque medonho!

O neto, com mão profusa, distribuia cartazes, onde muitas vezes vinham versos que chispavam graça, como chispa um fogareiro de cepa espirrando ás correntes do vento. Eram feitos esses versos por um velho poeta, companheiro de Bocage no escabujar da Arcadia. Conheci-o muito; Xavier, creio que se appellidava. Ainda haverá algum colleccionador que tenha um ou outro d'esses cartazes, realmente primor de sal portuguez. N'esse tempo, nas toiradas, o cavalleiro acceitava duellos, isto é, se perdia o estribo ou lhe cahia o chapéo tinha obrigação de se apear e pôr um par de ferros. Davam-se ás vezes episodios comicos e outros que puxavam a tragicos. A coisa foi prohibida.

O jardim da Estrella era um relvão a que se mettia o arado para semear trigo. O cemiterio dos inglezes mantinha, como hoje, a correcta e sombria severidade. Patrulhas da municipal, cosidas com as paredes, enormes capotes de oleado e as pesadas armas ao hombro, policiavam as ruas. A tropa de linha embirrava com ellas e a cado passo se levantavam conflictos. D'esses conflictos os mais sangrentos deram-se com os Granadeiros da Rainha de 1844 a 1845. Os Granadeiros, actual infanteria 2, eram soldados escolhidos, e muitos d'elles com alguns officiaes e o commandante Solla — depois visconde de Francos — haviam-se batido no cêrco do Porto. Os Granadeiros tinham conseguido, como singular privilegio, a immunidade da chibata. As desordens, cada vez mais temerosas, continuavam todas as noites. Solla, severo disciplinador, alcançou que se repuzesse o castigo da vara, e, já se vê, preveniu o regimento que havia de applicar tal castigo com o maximo rigor quando fossem incorrigiveis. Apesar do aviso,

não tardou que uma noite, na Bica de Duarte Bello, rebentasse uma séria escaramuça. Não houve mortes, mas grandes ferimentos. Os discolos tinham sido os Granadeiros. Á frente d'elles, o cabeça de motim, reconhecido pelos camaradas como o mais forte e destemido, fôra condecorado com a Torre e Espada pelas proprias mãos de D. Pedro IV. Solla acudiu á rainha para que desauctorasse o soldado. A rainha, justa quando a não cegava a paixão, respondeu-lhe:

— A Torre e Espada deu-lh'a meu pae e eu não lh'a posso tirar.

Solla, homem de coração, no intimo agradou-lhe a resposta. Elle proprio o confessou. Repugnava-lhe mandar rasgar as carnes como a um escravo negro áquelle valente que tantas vezes jogara a vida nos assaltos mais violentos.

O castigo deu-se; foi exemplar e pavoroso! Eram muitos e durou horas. Apesar de ser na parada do quartel, que dá para ó Tejo, do rufar dos tambores, da banda marcial, os gritos

dilacerantes chegaram ao coração dos moradores das cercanias de S. João de Deus. Eu morava na rua do Conde, ás Janellas Verdes, e vi passar as macas para o hospital da Estrella. Alguns dos mais suppliciados iam moribundos. A cada uma das macas vinham algumas mulheres: mães, irmãs, amantes talvez... Não soltavam um grito; silencio tragico das grandes dôres, apenas interrompido pela marcha cadenciada dos conductores e dos camaradas que os revezavam.

Eu tinha então quinze para dezeseis annos; estou vendo agora, passados os setenta e quatro, aquelle sinistro transito!

Como por milagre, nenhum morreu; mas um porta-machado, mocetão fero, o vi, mezes depois do castigo, branqueados os cabellos, olhos apavorados e alquebrados como um veterano.

As varadas eram tão crueis como deprimentes. Um soldado e um marinheiro, que podem praticar as acções mais nobres, zurzidos como cães pilharengos, e ás vezes até ao ultimo suspiro. Mas que fazer n'aquelles tempos!

Além das patrulhas da municipal outra força havia para manter a ordem publica: os cabos de policia, fóco vivo de todas as rixas e tumultos das ruas de Lisboa. Os cabos eram pessoas de posição; muitos com lojas abertas e alguma coisa de seu. Noite cerrada, depois de ceados e escorvados com duas *chinitas* de aguardente, para fazer cará ás intemperies e á pancadaria, sahiam de casa sob o benefico influxo do Credo em cruz da familia, e cada um d'elles se julgava um Cid Campeador na heroicidade mavorcia. O trajo variado ia do chapéo alto até o barrete de campino.

No armamento entrava a partazana, o sabre curvo, o pistolão de pederneira, que não pegava fogo nunca, e os camuletes nodosos em maior quantidade.

O campo ordinario de suas façanhas era no Bairro Alto.

Uma noite, já noite velha, o Figueiredo do 14 recolhia para sua casa. Morava na rua da Rosa. Quem podia falar d'este denodado rapaz era o meu amigo Emilio Achilles Monteverde, aspirante então de marinha, e, na valentia e robustez, camarada e rival do aspirante do 14. Nas grandes aventuras, Figueiredo poucas vezes deixou de ter ao pé de si a distincta e gentilissima figura de Emilio Monteverde. Na volta da feira das Amoreiras, Figueiredo vinha só e trauteando um tono andaluz com a sua voz mascula, afinada e crystallina de beirão.

Entrou na rua da Rosa. Alguem o esperava á janella do primeiro andar de uma casita modesta. Assomos de madrugada em plena primavera, céo fundo e cravejado de estrellas, vinte e dois annos... Parou a dar dois dedos de *gargarejo* sentimental. Mal se haviam trocado as primeiras phrases do idyllio, desemboca de uma travessa o terço dos cabos de policia, mais bellico ainda com a repetição das *chinitas*.

Um dos cabos teve o infortunio de interpel-

lar brutalmente o aspirante do 14 por estar parado debaixo d'aquella janella. Um grito abafado partiu do peito anhelante da pobre Julieta, e, ao mesmo tempo, de um revez de mão de Figueiredo, o policia, em bolandas, ia baquear ao rez da parede fronteira. Os outros, com animo heroico, fizeram-se ao Figueiredo, que n'um relance tirou das mãos de um d'elles o camulete, e em dois saltos e quatro sarilhos desmanchou um braço a um, quebrou os queixos a outro, rachou a cabeça a um terceiro, em summa — sete, entre feridos e contusos. No resto da tropa entrou o panico. Salve-se quem puder!... E voaram, berrando:

— Ó da guarda!

Figueiredo ficara incolume e triumphante, mas aos gritos medonhos acudiram municipaes, que trataram o *senhor* aspirante com todo o respeito. Figueiredo deu-se á prisão. Vinha clarecendo a manhã. Na casa da guarda, o aspirante de 14 pensou um momento na sua posição. Estudante da Polytechnica e militar... O caso

podia ser grave! Lembrou-se de um amigo, Antonio de Queiroz, sobrinho adorado do conde de Santa Maria. Teve artes de lhe mandar um bilhete.

Os cabos de policia foram fazer a sua queixa. O conde, com ar sobranceiro, encarou os sete escalavrados, sombrios como sete peccados mortaes, e perguntou:

— Quantos eram os que brigaram com vocês?

— Quantos, senhor general? Era um; um tal aspirante da tropa.

— Um contra sete pode lá ser!...

— É que aquillo não era homem, era o diabo!

— Qual diabo nem meio diabo! Pois vocês, sete, deixaram-se levar por um só. Ponham-me já no olho da rua esta paizanada.

— Antonio?

— Meu tio.

— Conheces o tal aspirante?

— É meu amigo intimo.

— Eu logo vi que tu não tens d'outros. Vae lá buscal-o.

D'alli a pouco o aspirante do 14 estava deante do conde de Santa Maria: Ninguem que o visse diria que tinha sahido do calaboiço, porque vinha de ponto em branco como se fosse para uma parada. O conde relanceou o olhar áquella soberba planta de rapaz, e depois, carregando a physionomia, disse-lhe que narrasse como se tinha passado o caso. Figueiredo, com dignidade e simplicidade, contou o conflicto. Figueiredo era de Vizeu, de uma familia respeitavel e sympathica que eu conheci. O irmão Miguel, moço intelligente e que tinha uma bella voz de barytono, morreu não ha muito e, salvo o êrro, general de engenheiros.

Santa Maria, retomando o seu parecer habitual, perguntou-lhe a procedencia e o nome dos seus. O velho coração do heroe da Ponte de Santa Maria de Almoster ainda palpitava aos rasgos da valentia!

O aspirante do 14 tornou-se intimo da casa do conde. Nos primeiros annos da mocidade morreu tisico aquelle hercules. Antonio de Quei-

roz, alferes de lanceiros ao tempo, teve um momento feliz na sua vida quando o rigor do tio se quebrou deante do seu amigo.

Que florida mocidade foi a sua, que soberbo cavalleiro e que lindo moço era Antonio de Queiroz! Ao cahir dos annos, coitado, sempre pagou o tributo injusto, brutal e feroz das grandes angustias.

Tudo se alue e cae!

Monte, 1903.

## DR. FRANCISCO FREDERICO HOPFFER

—

Depois da Convenção de Evora-Monte, terminadas as grandes batalhas, póde dizer-se que Portugal esteve sempre n'uma revolução ou nas vesperas de uma revolução. Correram 17 annos sem uma hora de paz até o dia 1 de maio de 1851.

Ás inquietações e sobresaltos diurnos seguia-se a lucta pelas armas. A lucta dava-se ordinariamente de noite, e ao romper a manhã, recolhidas dezenas de mortos, o sangue inundava ainda as ruas e as praças da capital.

A mocidade ouvira inconsciente no berço a fuzilaria, não extranhava portanto na adolescencia o tocar do clarim á carga, nem as ondas da refrega.

D'essa mocidade eramos nós — Francisco Frederico Hopffer e eu.

Em outubro de 1845 entrámos na Escola Polytechnica, que estava temporariamente nos Paulistas e na Moeda.

Na primavera de 1846 a Maria da Fonte soltava o primeiro grito da grande revolução:

Eia avante, portuguezes,
Eia avante, não tremer;
Pela santa liberdade
Ou triumphar ou morrer.

Os estudantes de Lisboa, vendo que os pronunciamentos se davam por todo o paiz, uma bella manhã no pateo, ou antes na praia, — o Tejo, n'esse tempo e até muito depois, vinha bater nas paredes da Casa da Moeda, — resolveram adherir ao movimento do Minho.

Estariamos nos principios de maio; havia exames preparatorios, e rapazes de S. João Nepomuceno e das Mercieiras estavam fazendo acto nos Paulistas.

Mettendo-nos todos n'uma certa ordem militar, seguimos para a calçada do Combro.

Nos Paulistas estacionava uma força municipal, commandada, salvo o êrro, pelo capitão Batalha.

Entrámos no antigo adro do convento, subimos para o pavimento superior, onde ficavam as aulas e a secretaria.

N'uma grande sala a meio do longo corredor estava-se procedendo aos exames.

Nós iamos impôr a suspensão d'aquelles trabalhos, para celebrarmos o nosso protesto, que não era platonico, porque muitos d'aquelles rapazes, pouco tempo depois, com as armas na mão, batiam-se a valer, mas que era tumultuario.

Um dos examinadores, irmão de Luiz de Almeida e Albuquerque e de Caetano de Al-

meida e Albuquerque,[1] moço de merito e de animo resoluto como os irmãos, oppoz-se ao insolito procedimento.

José Vaz de Carvalho, cunhado de Albuquerque, não podendo ter mão no genio temerario, ia jogar-se á testa da columna, quando dois continuos — o Cabral e o Francisco — bravos ambos e com grandes ascendentes nos estudantes, tiveram mão no conflicto, que seria fatal.

José Vaz, porém, não se deu por satisfeito; correu a casa, que ficava nas proximidades, e metteu um par de pistolas nos bolsos.

Celestino Claudio da Fonseca Ferreira—basta-lhe o nome, não é preciso encarecer-lhe a valentia, ha muitos vivos que o conheceram,— Celestino não adherira ao pronunciamento, comquanto frequentasse a Escola. Era segundo

---

[1] Dr. Luiz de Almeida e Albuquerque, director da Escola Polytechnica, e Caetano de Almeida e Albuquerque, vice-almirante.

tenente de marinha, se não me engano, e estava no pateo dos Paulistas quando José Vaz de Carvalho voltou muito enfiado, disposto a fazer um enorme desvario, jogando-se de novo aos estudantes, que andavam ainda em grupos no corredor e salas do edificio. Celestino, que era intimo d'elle, conseguiu ficar-lhe com as pistolas e fazer com que desapparecesse d'alli.

O commandante da guarda chegou-se a Celestino e disse-lhe com ar auctoritario que lhe entregasse immediatamente aquellas armas.

O intrepido official de marinha, com a serenidade que era d'elle, e que era temerosa, respondeu-lhe:

—As balas, se as quer, ahi as tem; as pistolas não lh'as dou.

Esteve por um fio uma grande desgraça.

Estes pequenos episodios, quando authenticos, avivam as feições de certas epochas.

Francisco Frederico Hopffer nascera em Cabo Verde. Dos doze para os treze annos chegara a Lisboa e entrara n'um collegio. Tinha o seu correspondente uma boa mezada, que iria augmentando no crescer dos estudos.

Aos quinze annos estava vivendo sobre si, no Hotel Madeirense, no largo de S. Paulo, matriculado nas escolas superiores e governando-se como se fôra já homem feito. Singular caracter!

Mostrou logo de creança a energia de rara vontade e o equilibrio de uma cabeça sensata.

Expansivo e violento, mas tendo mão nas expansões e nos impetos. Gostando de se distrahir, porém não descuidando uma hora de estudo.

No fim do mez fazia as suas contas, não es-

quecendo a minima verba, e pondo as sobras, por pequenas que fossem, no Monte-pio.

Rasgadamente generoso, como é notorio, e prudentemente economico.

Proseguira nos seus estudos de medicina, cultivando sempre as lettras.

Em 1851 completava com louvor o curso da Escola Medica de Lisboa. Em 1852 doutorou-se, com distincção, na Belgica.

As grandes batalhas do clinico foram nas terriveis epidemias de Cabo Verde. A colera foi alli crudelissima. Ninguem arriscava a vida com maior desassombro e abnegação. Por vezes foi medico e enfermeiro; caridoso sempre.

Cá está o governador da Guiné a dizer em 1857:

«Não só cumpria com os seus deveres como facultativo, mas tratava os pobres gratuitamente e dava-lhes remedios á sua custa.»

O mesmo governador diz ainda:

«Durante o tempo que o dr. Hopffer esteve em Cacheu, em julho e agosto de 1856, não

só tratou gratuitamente os feridos nos combates que alli houve em julho, mas em geral a todos os habitantes, sem distincção de classe, sem querer receber retribuição alguma.»

Raro será o funccionario publico que tenha tão honrosos documentos e condecorações. Nunca lhe vi uma fita no peito.

Foi muitos annos jornalista; em polemicas economicas, e de outra ordem, bateu-se com as primeiras espadas: Mendes Leal e Francisco Luiz Gomes, por exemplo.

Amigo particular de Antonio Rodrigues Sampaio e José Estevam.

Uma anecdota, que não deve perder-se nada que se refira ao genial tribuno.

José Estevam fazia uns engaços de passa a que chamava lettras e que ordinariamente nem elle proprio entendia.

De uma vez escreveu ao dr. Hopffer; Hopffer não percebeu uma palavra.

Como vivia nos *Irmãos Unidos*, onde estavam deputados muito de José Estevam, soccor-

reu-se a elles. Não decifraram uma lettra. Resolveu-se a ir com a propria carta a casa do orador. Mal sahiu a porta deu com José Estevam, que passeava no Rocio, acompanhado de alguem:

— Vinha procural-o para me fazer a fineza de decifrar a sua carta.

José Estevam enfiou-lhe o braço:

— Sim, senhor; mas vamos primeiro para a escola os dois. Eu para aprender a escrever e você a lêr.

Tinha sahida para todos os apertos.

O dr. Hopffer tambem foi jornalista nas polemicas acres e corrosivas da politica, mas raramente. Todavia sempre lhe deram um duello, e com um amigo.

Foi em Cabo Verde. Não me lembro o anno.

Januario Correia de Almeida, depois governador da India e conde de S. Januario, dirigia os trabalhos das obras publicas, como engenheiro. Travaram-se umas eleições renhidas. Os dois estavam em campos oppostos. Dr.

Hopffer escreveu uma phrase que melindrou Januario; este pediu que fosse retirada. Dr. Hopffer declarou que não retirava uma virgula. Seguiu-se o duello.

Januario Correia de Almeida era dos officiaes de cavallaria mais destros nas armas.

Bateram-se ao sabre e tão desenganadamente que uma das espadas quebrou-se e foi a de Januario.

Passadas as rixosas e turbulentas eleições, os dois continuaram no trato de boa estima que tinham tido antes d'ellas.

Todos os commandantes de navios com que o dr. Hopffer navegou, juizes de direito, governadores da provincia, n'um largo periodo de annos colmaram de elogios o medico eminente e o grande homem de bem.

Ahi andam já colligidos os documentos.

Quem o vê á primeira vista julgal-o-ha agreste e misanthropo; não o é. Com os seus intimos não ha ninguem mais jovial e caricioso, mas só com os intimos, porque tem larga expe-

riencia da vida e conhece como anatomista e como philosopho o seu semelhante.

As proprias raridades — muitas — lhe completam a distincta individualidade. O destemido batalhador, nas grandes pestes africanas, foi notabilissimo clinico, e, nos seus ocios, naturalista de merito. A elle se deveu a aclimatação das arvores da quina no archipelago de Cabo Verde. Ha pouco ainda, n'um excellente artigo do *Dia,* se falou largamente do valor scientifico do dr. Hopffer.

Resumirei, pois, quanto possa, as citações.

José Vicente Barbosa du Bocage, nome que é ha muito uma gloria de Portugal e conhecido nos paizes mais cultos da Europa, nome de um sabio que reune ao alto espirito caracter e alma limpida, aprecia d'este modo o dr. Hopffer: «...permitta-me V. Ex.ª que accrescente á sincera manifestação do meu reconhecimento pelos importantes documentos com que V. Ex.ª me habilitou a esclarecer e completar a historia de uma especie interessantissima, cuja patria era

totalmente ignorada, e accrescentar a Fauna da Africa Occidental com algumas especies novas.

. . . . . .

Bocage, depois de descrever, no Jornal das Sciencias da Academia, o *Euprepes Hopfferi*, continúa:

«Je me fais un plaisir de dédier cette espèce au médecin distingué qui, par ses heureuses recherches, m'a si puissamment aidé á ajouter quelques faits interessants a l'histoire zoologique de l'Archipel de Cap-Vert.»

Por 1866 o dr. Hopffer casou com uma senhora distincta pelo nome, de rara gentileza e de nobilissimo caracter, respeitada e admirada por quantos a conhecem.

Tiveram um filho, primogenito, e quatro filhas.

Sobre a casa serena do dr. Francisco Frederico Hopffer, não ha muito, cahiu uma tormenta e levou-lhe, na flôr graciosa e immaculada da vida, uma filha, que era um encanto!

Agora, na curva sombria da edade, o meu pobre amigo tem... quanto pode ter ainda: o amor extremoso do seu lar e o riso infantil e crystallino dos seus netinhos.

Monte, 1905.

# O HOTEL UNIVERSAL

A classe-média acabou. Agora temos povo e titulares. Barão ninguem quer ser. O unico que não larga o titulo é o meu velho amigo D. José Lobo da Silveira Quaresma; mas esse é conde de Oriola, Barão-Marquez de Alvito. É outra casta de baronato; foi o primeiro e unico que houve em Portugal durante dois seculos.

A classe-média tinha physionomia de feições pronunciadas e a côr antiga das suas tradições municipalistas: ufanava-se dos seus antepassados, porque sabia das luctas e heroicidades

com que de remotas eras se haviam conquistado os seus fóros. Não se acurvava á aristocracia, nem lisonjeava o povo; mantinha-se firme e altiva dentro da propria classe. Quantas familias conheci eu, não só na capital, porém em todo o paiz, de negociantes, lavradores, fabricantes, onde havia homens primorosamente educados e até notabilissimos nas artes, nas sciencias e nas lettras. Não queriam ser mais do que eram, nem que lhe acurtassem o seu merito. Antonio Augusto de Aguiar, antes e depois de ser ministro, sempre que vinha a talho de foice, dizia:

—Eu sou filho de um confeiteiro.

Isso passou e raro se encontrará hoje um exemplar.

João Baptista Podestá era italiano e casou com uma menina de origem franceza. Ambos tinham no sangue o amor do trabalho e da arte. Baptista, homem generoso, honradissimo, foi sempre labutador infatigavel. Não lhe cedia um palmo na bravura das fainas do lavôr a

sua intelligente, elegante e sympathica companheira. Estabeleceram o Hotel Universal no predio onde está hoje o Hotel Borges.

Por 1862 começou a grande prosperidade da sua casa. A familia augmentava de anno para anno. As filhas, sob a direcção da sua illustrada preceptora, D. Carolina Bôto, bondosissima senhora, estudavam com methodo e notavel applicação.

O cunhado de Baptista, Alfredo Cambournac, dono da Tinturaria do Papel, situada na estrada de Cintra:

«N'um valle ameno que os oiteiros fende»,

.

para citar o pittoresco e primoroso verso do nosso Camões, era rapaz intelligente e bom.

A alegria reflectia-se-lhe em tudo que o cercava. Parecendo-lhe pouco variada a plumagem dos seus pombos, que os tinha ás bandadas, foi-se ás tintas e matisou das côres mais lubricas dezenas d'elles. Abrindo as azas ao sol, da-

vam a visão phantastica de um joalheiro aereo de gemmas preciosas: esmeraldas, rubins, topazios, amethystas enormes, cruzando-se, faiscando, beijando-se, arrulhando e batendo as azas aos pairos!

Os transeuntes, saloios, quando n'um soberbo domingo de maio, em pleno dia, viram aquelle fogo de vistas magico, ficaram de bôcca aberta entre parvos e abstractos. E elle, lá do alto de uma janella da fabrica, desfazendo-se em estrepitosas gargalhadas.

O lucto pela morte de D. Pedro V foi carregado e longo. Em 1862 desannuviaram-se os horizontes. A 6 de outubro casou o rei D. Luiz. Os caminhos de ferro, comquanto no Carregado precisasse tomar a *Mala-posta* quem quizesse ir até ao Porto, andavam em obra havia dez annos. A cornucopia da abundancia continuava a regar o paiz de libras. A semente era aurea; as messes, porém, tardias e pouco abundantes. Todavia não faltava o bom humor. As festas das nupcias reaes foram pomposas.

Retumbantes explosões de enthusiasmo entre o povo e os marinheiros italianos. A nova rainha ia fazer d'alli a pouco dezeseis annos.

O nome sympathico de Victor Manuel estava rutilante dos seus gloriosos feitos. O irmão da rainha, o principe Humberto, que viera acompanhar sua irmã, já prenunciava, na viril e reflexiva physionomia, o monarcha que viria a ser um dia. N'uma palavra: eram epithalamios e dithyrambos de que não havia memoria viva!

A S. Carlos acudiam grandes cantores; creio que foi por essa epocha que vibrou, pela primeira vez, a voz do extraordinario Mongini n'aquelle theatro.

João Baptista Podestá e sua familia, no Hotel Universal, viviam sobre si em completa independencia dos hospedes. Simão Gattai era dos mais intimos em casa de Baptista, elle, dr. Thomaz de Carvalho, dr. José de Avellar, Palmeirim, Bento da França, Julio Cesar Machado, Luiz de Campos, Freitas de Oliveira, Galiazzo

Fontana e outros. De quando em quando apparecia Alexandre Herculano.

Não raro, o piano vibrava ás mãos poderosas de Manzoni e a harpa ás mãos privilegiadas de Fontana. Ás vezes um barytono ou um tenor celebre, um contralto notavel, davam-nos, acompanhados por Manzoni, um trecho das operas mais em voga ou uma canção adoravel.

A estas reuniões assistiam senhoras da sociedade muito da familia Baptista.

Luiz de Campos, além do talento, fecunda e graciosa palavra, tinha as arestas vivas da sua individualidade. Ainda ha muita gente que o recorda com saudades. Esta palavra anda agora *desmodada* (os mestres dirão se pode passar o neologismo), mas o sentimento que ella exprime viverá e será sempre lenitivo de desventurados.

Por 1855 Luiz de Campos andava na Escola Polytechnica. Era de mediana estatura, delicado, proporcionado e gracioso de fórmas.

Pallido, olhos de scintillação febril, bellos olhos e poderosamente insinuantes.

Não raro, sobrevinham-lhe hemoptyses, algumas terriveis e que o levaram ás portas da morte. Com ellas luctou por mais de 30 annos!

Em 1855 os jantares dos sabbados na Ajuda, em casa de Alexandre Herculano, eram modestos, mas animados.

Uma tarde, ao café, Luiz de Campos recitou uns versos. João de Andrade Corvo tinha pelo poeta, seu discipulo em botanica, singular predilecção; mas quando elle acabou de recitar disse-lhe com certa severidade:

— São bonitos, muito bonitos os seus versos, porém olhe que os exames estão á porta, e lá, com versos só, sae-se reprovado.

O rapaz, que era cabula, cabula cheio de brios, levou as mãos aos cabellos anelados e longos á moda do tempo, respondendo com ar solemne:

— Mestre, olhe que hei de ser premiado!

— Veremos, acudiu Andrade Corvo, com um sorriso perfurante como um florete.

Luiz de Campos sumiu-se por mez e meio: aula e casa!

Foi fazer exame.

Corvo, no primeiro sabbado em que veiu jantar, disse-nos, verdadeiramente satisfeito:

—Então!... O rapazito é levadinho da breca! Fez-me um soberbo exame!

A proposito contarei outra anecdota, por se haver dado no mesmo dia.

Faustino Xavier de Novaes, o picante e original poeta portuense, que morreu ha muitos annos no Rio de Janeiro, era dos convivas. O jantar demorava-se, fóra do costume, e os rapazes estavam com fome. Xavier de Novaes pegou de uma penna, e no reverso de uma carta que Herculano ia escrever, não sei a quem (conservo o papel), improvisou — improvisava com enorme facilidade — o seguinte requerimento em verso, para que eu o apresentasse ao mestre, que estava no jardim tratando das suas flôres.

Tenho pena de que não possa ir no fac-simile:

Diz Faustino de Novaes
Que, por não almoçar bem,
Á fome que agora tem
Não pode resistir mais.
E attentos motivos taes,
E as horas que fugir vê,
Pede ao Herculano quê,
Sem comtudo se zangar,
Lhe mande dar do jantar,
E receberá mercê.

Que dias... que horas!

Que seria de mim, agora no ultimo golpe da vasante para ignotos mares, se não rememorasse essas horas e esses dias no ermo frio d'este Monte!

Não devem estranhar-se as notas sombrias: são realidades. Até o riso, quando rebenta espontaneo, em chegando á gargalhada tem lagrimas!

Correram annos, bastantes annos.

Contra a opinião dos seus mais chegados, que lhe sabiam da compleição fraca, Luiz de

Campos quiz ser deputado. Veiu á camara, e, com unanime admiração e applauso de todos, tratou das questões mais positivas, sem sombra de rhetorica: claro, preciso, resumido e primoroso na fórma. Assim foi que durante annos se manteve um dos camaradas mais atrevidos, mais uteis e mais leaes do seu partido. Isto confirmou ainda uma vez que as musas não são inimigas dos doutores.

Justamente no meio das refregas violentas do parlamento provocou, com uns deliciosos sonetos a uns olhos arrebatadores, a pugna dos *romanticos* e *realistas,* e, com a mesma pericia e denodo com que punha peito aos adversarios audazes na tribuna, se houve na palestra litteraria de cara com os novos, que eram destemidos e rapazes de talento.

Luiz de Campos, durante annos como hospede, e ainda mais como pessoa de familia, viveu no Hotel Universal.

Um dia, sobre aquella casa serena e alegre, desabou uma tormenta.

A filha mais velha de Alfredo Cambournac, teria os seus 7 annos, era, não só pela formosura, mas pela singular intelligencia, um amor e encanto irresistivel de creança.

Luiz de Campos morria por ella, e ella, na rara sensibilidade que se dá em certas organisações infantis, pagava-lhe em extremos que pareciam de irmã e de noiva.

Se um pintor de genio a retratasse e lhe puzesse umas azas, diriamos que voava entre nuvens de purpura n'uma tela dos grandes pintores da Renascença! Em poucas horas lhe deu a morte essas azas e a levou para o outro mundo.

As creanças deviam passar por nós como passam as abelhas, zumbindo ditosas e esmaltadas, deixando-nos, no rasto momentaneo, os effluvios que extrahiram nos campos do calix orvalhado das flôres, e desapparecer no encerro umbrifero para nos fabricarem o mel nas cellulas doiradas dos favos.

Mas não!... As creanças desapparecem, dei-

xando a mancha negra das angustias no coração que as adorou!

Assisti áquella tragedia. Parece-me que estou a vêr a avó, a *Bonne maman,* como lhe chamavamos, abraçada á netinha.

O lance cruel suggeriu-me os versos que intitulei: *A avó e a neta,* versos que ha muito correm impressos, até nos livros de ensino.

Luiz de Campos foi o ultimo romantico.

No seu prestito funebre deu-se uma circumstancia singular.

É authentica.

Passava pela Junqueira, levado para o cemiterio, quando uma bonita rapariga de 16 annos, perdidamente enamorada de um alferes — os alferes são os Atilas dos corações femininos — disse para uma vizinha:

— Assim é que eu queria ir!

Correu para o quarto e deu um tiro na cabeça.

O meu pobre Luiz, romantico toda a vida, ainda na morte provocou um suicidio.

Tal facto quantos rancores provocará nos philosophos positivistas contra os bandidos do lyrismo de 1830!

Simão Gattai em varias coisas era original. Nascera em Bolonha e provinha de familia honrada e bemquista. Soube-o quando estive n'essa cidade. Estimei sabêl-o para desfazer remoques de murmuradores que o capitulavam de aventureiro. Aventureiro foi elle sempre, não no sentido deprimente com que lh'o chamavam alguns roedores.

Em 1847 os mares andavam muito revoltos em Italia.

Pertenceu á *Joven Italia,* de que era cabeça José Mazzini. Simão Gattai estava na força da vida, apenas salpicado de uma que outra branca. Usava de cabello crescido, deitado para traz das orelhas, bigode farto e revirado nas pontas, pêra á *carbonaria.*

Depois de um golpe que lhe chegou ao coração com a morte de alguem que viveu muito em Lisboa e na melhor roda — era estrangeira essa pessoa — deixou crescer a barba e vestiu sempre de preto: sobrecasaca, chapéo alto, andar pausado e senhoril; feio, mas attractivo. No ôlho o eterno monoculo. Luctando pela vida em constantes emprezas. Falava uma lingua que era só d'elle. A Rilhafolles chamava *Rifaroles*. O rei D. Fernando, que o estimava muito, appellidava-a de lingua Gattai. O gracejo do monarcha correu em proloquio.

Era um nunca acabar de corruptelas em todas as suas phrases, algumas picantes e engraçadas. Em quanto dizia entravam sempre tres linguas: portuguez, italiano e francez; inglez nem por sombras, pois havia estado em Londres dezenas de vezes e por largas temporadas. Paladar finissimo; bebia muito pouco vinho, embora fosse provador de primeira ordem. A sua predilecção era *cognac*.

Ninguem o tinha superior em Portugal; le-

vava-o para as casas onde ia passar as noites como em familia.

Na rua Formosa, nas quintas feiras de D. Maria Cruz, todos os parceiros do *boston* e do *whist* haviam de tomar *grog* preparado por elle e do seu *cognac*. Até Antonio de Serpa, tão abstinente que se esquecia de comer para ter esquecimentos em tudo, se deixou tentar algumas vezes.

Quem lhe resistiu sempre, sendo dos mais intimos, foi José Dias Ferreira. Em summa: nem Alexandre Herculano escapou.

Uma noite, em 1876, em casa de João Baptista Podestá, seriam 11 horas, depois de uma palestra animada, Herculano dispunha-se a sahir commigo e partir para casa. Morava então elle defronte da egreja de S. Francisco de Paula, n'um predio rez-do-chão ao alto da Pampulha.

A noite fria. Gattai, de tal modo lhe pintou a imminencia de uma pneumonia, que o mestre, pela primeira vez e ultima, levou aos beiços o rei dos licôres.

Em 1887, quando em comboio expresso acompanhou o imperador do Brazil, que havia de almoçar em Valle de Lobos, Herculano, se repetisse a receita de Gattai, para se precaver contra as correntes do norte, que entravam pelas janellas em correspondencia, talvez escapasse á doença que o levou quando podia viver muitos annos ainda!

Com tamanho enthusiasmo pelo precioso alcool, ninguem viu Gattai, já não direi entre as dez e as onze, mas nem levemente toldado.

Poucos homens tenho conhecido de animo tão bizarro e tão valedor. Salvou muita gente de situações graves e sempre na sombra.

Nos principios de 1866, supponho, convidou, além dos mais chegados, uma roda de homens de espirito, de lettras e sciencia, para um serão. Devia estrear-se um serviço de Sèvres que mandara fazer e lhe chegara havia pouco. Gattai não era só amador de coisas de arte, porém notabilissimo entendedor.

Vira quanto ha que vêr nos grandes museus

da Europa. Vivia n'uma casita que ficava na travessa da Cruz de Pau, hoje rua do Marechal Saldanha. Fôra n'essa casa, ou na contigua, que José Estevam, 14 annos antes, estivera ás portas da morte com uma febre typhoide.

A casa estava posta de modo que revelava o caracter do seu habitador. Por exemplo: o quarto de cama todo forrado de pequeninas caveiras e o leito um esquife. As duas salitas simples, mas elegantemente mobiladas, continham alguns objectos de valor.

Não lhe faltava o retrato do homem a quem votava tanta admiração como eu antipathia — Orsini; ao lado outro retrato de uma das victimas do terrivel conspirador.

No rez-do-chão a salita de jantar.

O serviço de Sèvres era voluptuario, com alguns grupos femininos primorosos.

Entre os concorrentes não faltava a original e expressiva cabeça do unico tribuno de temperamento que tivemos depois de Manuel Pas-

sos e José Estevam: Sebastião José de Carvalho, visconde de Chancelleiros, o meu pobre e querido Sebastião, que me desappareceu ha poucos mezes.

Não scintillou nem ferveu menos o espirito n'aquella agradavel noite do que o Champagne finissimo!

De tantos, quasi todos moços, por mais que me lembre, creio que restam dois:

Theophilo Braga e eu!

Em 1893, talvez na noite em que se representou o *Marquez de Villemer* na casa Palmella, depois da brilhantissima festa, despedime de Simão Gattai, manhã clara. Elle partia para Paris. Em principios de abril cheguei a Roma. Soberbo dia. Sobre as cinco da tarde dirigi-me para o Corso.

Parei na praça Antonina, quando já come-

çava o passeio das elegantes. Eu tinha feito a viagem no expresso, seguida. Achei-me pela primeira vez na Cidade Eterna, no momento da grande concorrencia, e senti-me completamente só; parece mentira: só como o espargo no monte. Ia a perguntar a um policia onde era a morada do ministro de Portugal, quando vejo n'um carro Simão Gattai.

— *Ferma!* bradou elle ao cocheiro, saltando para mim ligeiro como se tivesse 25 annos. Achei-me subitamente em Lisboa, no Chiado, entre os meus rapazes.

Abraçámo-nos com surpreza e alegre alvoroço.

Seguimos para casa de Mathias de Carvalho, que ficava proxima.

Gattai entrevia-se quasi todos os annos com elle em Roma; eu é que havia annos me não encontrava com o velho amigo da minha mocidade.

Em 1852 travámos relações em Coimbra. Familia illustre pela procedencia e distincta

pelo caracter, era, como é notorio, a familia dos Carvalhos de Vasconcellos: Antonio, Manuel e Mathias. Pertenciam a um dos cursos mais esplendidos que tem tido a Universidade, o curso de Antonio Ayres de Gouveia, Soares de Passos, Alexandre Braga (só estes!), Martens Ferrão, Benalcanfor, Ouguella, Santos Silva, Chancelleiros, Girão e tantos!

Pois em tal curso os Carvalhos de Vasconcellos deixaram por muito tempo, em Coimbra, rasto sereno e luminoso!

A irmã, D. Maria Candida, como disse no vol. II das minhas *Memorias:* «gentilissima fidalga feita de um raio de luar e de um ramo de rosas pallidas, tão pallidas que se lhe desfolharam na sepultura por uma alvorada de abril!»

Mathias de Carvalho tinha um convite no dia em que o fomos procurar. Combinámos voltar no dia seguinte para jantarmos em familia.

Gattai recommendou-lhe á sahida:

— Mathias, guarda: domani bacalau á la caldeirada.

No dia seguinte fomos passar a casa do nosso hospede algumas horas espairecidas e gratissimas.

Não faltava ao jantar finissimo o bacalhau á fragateira, prato que desbanca a famosa *matelote* dos marselhezes.

Tão bem humorados nos sentimos no meio d'aquella agasalhadora familia, que Simão Gattai levantou um copo de velho marsala — elle que detestava brindes — e fez uma saude.

Foi uma providencia; ouvi-o finalmente falar a sua lingua em phrase colorida e no mais puro italiano!

Foi n'essa noite que vi pela primeira vez um moço de familia portugueza abastada e respeitavel — a familia Andrade.

Era elle muito rapaz. Cabellos loiros com reflexos de fogo, bigode farto e crispado: insinuante e soberba cabeça. Andrade é hoje um dos mais considerados architectos da Italia.

Fez em Turin um castello nos principios da architectura medieval, que é uma reconstrucção historica muito notavel. Ha em Italia uma commissão superior de arte composta de tres membros, um dos quaes é Andrade.

Isto basta para vêr como o nosso compatriota é apreciado n'um paiz onde a esthetica mantem ainda as suas antigas e gloriosas tradições.

Gattai vivia com o seu velho amigo Crispi, n'essa epocha deputado. Apresentou-me a elle. Era homem ainda no vigor da vida; cabello abundante e todo grisalho, de estatura regular, com vivacidade notavel, de olhos ardentes e penetradores.

Gattai demorou-se dez dias em Roma. Foi constantemente o meu companheiro. Não precisei do Baedeker. Não, que elle tinha visto muito e sabia vêr como poucos.

Pelo outono de 1883 voltou a Lisboa. Baptista havia dois para tres mezes mudara o seu hotel para o palacio Barcellinhos. Pouco depois

perdeu a mulher, a sua dedicada companheira, que attrahia com singular poder quantos a conheciam, não só pela graça da physionomia como pela educação e intelligencia.

Os dias prosperos tinham declinado sombriamente para aquella casa.

Gattai, que promettia longa vida, começou a fraquear das pernas subitamente, e o animo varonil tambem entrou a decahir. Deixou a sua casa e foi para a sombra do seu grande amigo Baptista Podestá. A pouco trecho já não podia andar senão n'uma cadeira de rodas.

Baptista morreu em 1886, Gattai em 1890.

Durante quatro annos as filhas de Baptista Podestá honraram a memoria do pae, tratando-lhe o seu velho amigo nos tedios da longa enfermidade, não só com extremo carinho, mas com a maxima abnegação.

Gattai morreu pobre.

Monte, 1906.

## D. THOMAZ DE MELLO

No ultimo numero do *Brazil-Portugal,* Pinto de Carvalho (Tinop), que escreve não só conscientemente, mas com illustração e desgarrada elegancia, referindo-se a D. Thomaz de Mello, gizou-lhe o perfil em poucos traços, porém correctos e verdadeiros.

A *silhueta,* deixem-me aportuguezar o expressivo gallicismo, fêl-a de uma vez e sahiu-lhe viva.

Das linhas rapidas saltava o poeta sentimental e mordaz, o prosador despretencioso e picante; n'uma palavra: D. Thomaz de Mello, o original bohemio.

Não ha bohemio de raça que não tenha o seu corisco de superior talento.

Aquella cabeça, se fôsse bem equilibrada, daria um dos escriptores mais notaveis de Portugal, e ainda um abastado capitalista.

De coisas que passavam despercebidas a toda a gente, tirava elle meios de alcançar uma industria importante.

Quando andou com Augusto Machado de Faria e Maia, nos principios da labutação dos Caminhos de Ferro, não foi um, fôram muitos os planos que, seguidos com energia e prudencia, lhe teriam dado dezenas e dezenas de contos de réis.

Assim que entrava em bom caminho, mordia-lhe a mosca e deixava tudo nas mãos de um especulador habil a quem se havia ligado.

No mesmo dia, na mesma hora, relanceava olhos a outra empresa, já se vê, para lhe dar egual destino.

O seu caracter era como o vento de traves-

sia: lufadas violentas, aguaceiros subitos, branduras e sol radiante.

Tudo rapido, tudo passageiro.

Que tempos, que tempos aureos aquelles, e quantas vezes elle teve ensejo de tirar o pé do lôdo!

Nascera, salvo o erro, que escrevo estas notas a correr e de memoria, na rua da Horta Secca, no palacete chamado do *Manteigueiro*, quando a casa de seu avô estava ainda na prosperidade; nascera e fôra amantilhado no berço em sendaes de finissima hollanda.

O primeiro caleche particular que rodou nas ruas de Lisboa foi a da casa de seus paes.

Nos jantares e serões reunia-se a primeira aristocracia do paiz.

A mãe de D. Thomaz de Mello, D. Constança, era gentil e insigne tocadora de harpa, instrumento n'essa epocha á *la-moda* e só para privilegiadas. A avó, D. Maria Justina, o ente que elle mais amou, pela educação esmerada, expressão insinuante e captivadora, polidez ca-

riciosa do trato, mantinha o typo de mulher portugueza, typo sem rival, vencedor nas principaes côrtes da Europa.

Aquelle D. Thomaz, aquelle bohemio que passava no Chiado de jaquêta redonda, cinta preta, collete de pelles, chapéo braguez e luvas — com este trajo não largava as luvas, salvo algumas noites em que, de balde e brocha, ia elle proprio pregar cartazes nas ruas e nas praças da capital — este D. Thomaz, digo, vira em sua casa, durante a infancia e a adolescencia, os mais altos titulares de Portugal na intimidade de sua familia.

Ha bastantes annos deu-se com elle um caso galante. Foi pouco antes da morte da mãe.

A mãe estava passando uma temporada com uma amiga intima, aristocrata de illustre precedencia, que morava na rua Formosa.

Uma noite, D. Thomaz de Mello, de jaquêta e sombreiro desabado, foi visital-a. Quando chegou a poucos passos da casa viu que estava batendo á porta principal um diplomata. D. Tho-

maz, passando por elle, dirigiu-se á cocheira, que estava aberta.

O diplomata, já impaciente de bater, disse-lhe com visivel mau humor:

— Olá!... diga ao creado que venha abrir; estou batendo ha meia hora.

D. Thomaz, da sombra, respondeu:

— Pois não, meu senhor.

Como conhecia os cantos do predio, apagou o candieiro que alumiava a entrada, e disse submissamente:

— Para que v. ex.ª se não demorasse mais vim eu mesmo.

Esperou que o visitante subisse e se trocassem os primeiros cumprimentos; depois galgou os degraus, correu o reposteiro e entrou muito ancho na sala.

— Olha o meu Thomaz! Graças a Deus que vieste; ha quasi um mez que te não via! clamou a mãe, correndo para elle, e deitando-lhe os braços á roda do pescoço.

Fizeram-se as apresentações.

O diplomata, que sabia do seu officio e que era homem de espirito, com um aperto de mão e um sorriso significativo disse:

— Encantado de conhecer a v. ex.ª... pessoalmente!...

D. Thomaz, no mesmo tom e sorriso não menos intencional:

— Outro tanto me succede!... Infelizmente apenas me posso demorar instantes. Tenho esta noite uma enorme quantidade de annuncios da minha grande empresa, e vejo-me forçado a pregar os cartazes pelas esquinas eu proprio.

Na sua vida, sempre agitada, D. Thomaz teve episodios de toda a ordem: conflictos sérios de pugilato, aventuras picantes, e assistiu tambem a lances tragicos.

Um d'elles foi ao pé de mim.

Vou contal-o.

José da Cunha Brum Terra da Silveira, primeiro morgado do Fayal, fidalgo dos mais antigos dos Açôres e da linhagem dos Vasques da Cunha, os *Cunhas de Ouro,* casara muito novo com uma menina de familia nobre e de si propria notavel na distincção da physionomia e viveza do espirito, D. Francisca de Arriaga, irmã de D. Eugenia Mardel, tambem gentilissima, de não vulgar intelligencia, vivendo na flôr da sociedade de Lisboa e exemplo de esposa e de mãe.

Ahi estão seus dois filhos, Luiz e Julio Mardel, e seus sobrinhos, Manuel de Arriaga, o eminente tribuno, e os irmãos.

Annos depois de casado, José da Cunha sahiu da ilha, correu as principaes cidades da Europa, e por 1854 veiu estabelecer-se em Lisboa.

Tinha um filho unico dos seus 18 annos.

Poucas vezes se dá a maxima intimidade alliada ao maximo respeito como se dava entre José da Cunha e seu filho Simão.

Andavam sempre juntos, frequentavam theatros, cafés e restaurantes, quando não recebiam em sua casa, casa em que eramos intimos D. Thomaz e eu; D. Thomaz com os seus 18 annos, eu com 25.

Um dia Simão da Cunha cahiu de cama com uma febre, e quatro ou cinco depois morreu.

Na minha longa vida tenho presenciado muitas coisas; nunca jámais uma explosão de dôr como a que rebentou do peito varonil de José da Cunha quando viu o filho morto!

Na noite do dia fatal, alta noite, estava o pobre rapaz amortalhado na camara ardente. O pae, como aristocrata de velha rocha, era muito religioso.

De repente abandonou o cadaver a que estava velando, correu ao jardim, e, de punhos cerrados, começou n'um desatino de blasphemias contra Deus por lhe haver levado o filho unico da sua casa e do seu coração!

Ficou-me sempre vivo aquelle momento profundo e pathetico!

D. Thomaz de Mello, amigo e da mesma edade do desventurado moço, durante um anno acompanhou dia a dia, hora a hora, José da Cunha e por mais de uma vez evitou que elle se suicidasse.

O bohemio cruel na satira, não tendo em grande apreço a humanidade, lá de vez em onde um pouco cynico, quando era amigo deveras ninguem lhe levava a melhor em rasgos de abnegação.

Por 1860 D. Thomaz de Mello apaixonou-se.

Tinha sangue real o seu idolo, ao que parece.

O busto soberbo, o descahido elegante dos hombros, a distincção regia do porte, a graça senhoril dos ademanes, indicavam origem principesca.

Dizem que era filha de um rei. Não sei.

Sei que as linhas atrevidas da estatura — nos movimentos da cabeça e do collo, na ondu-

lação do peito, na cinta apertada e flexivel, emquanto se podia advinhar até o pé estreito e garboso — eram allucinadoras, eram como só conheci em duas infantas de Portugal: D. Anna de Jesus e D. Izabel Maria.

A peregrina forasteira possuia ainda mais um raro primor: fazia mimosos versos.

Castilho, o grande Castilho, como estheta sublime, lá lh'os applaudiu muita vez em casa da avó de D. Thomaz.

O idyllio ficou no primeiro acto. Ella era casada e o marido chegou de improviso para reconduzil-a a Hespanha, seu paiz.

D. Thomaz cahiu como fulminado!

A avó, coitada, extremosissima por elle, já não podia acudir-lhe com mão larga, para que, deixando barcos e redes, pudesse correr atraz d'*Ella!*

Um dia, andando D. Thomaz meditabundo por bairros escusos da cidade baixa, ouviu as variações de uma flauta; viu um rapaz deante de si, levando as mãos á bôcca, com os dedos

enclavinhados de corto modo, e tirando melodias suavissimas.

D. Thomaz deitou-lhe o olho e disse comsigo:

— Cá tenho o meu homem!

O flautista, outro bohemio como elle, mas sem educação.

De o polir se incumbiria D. Thomaz, que para tal tinha dedo. Conhecia todos os segredos da Arte; nenhum punha casaca e lenço branco, atravessava uma sala para beijar a mão de uma senhora, com mais naturalidade.

Leon de la Vega — assim na imprensa se appellidava a sua paixão — tinha ido para Cordova.

N'uma bella manhã, D. Thomaz de Mello, com o seu *virtuose*, metteu-se no vapor para Aldegallega na intenção de cortar o Alemtejo até á fronteira, e entrar por terras de Hespanha.

Com 25 annos e a estrella do amor no horizonte onde não irá o homem!...

Os campos do Alemtejo, como os romanos de outras eras, são ermos de habitações.

Nas cidades, praças de guerra, n'algumas villas se concentra a população.

Nem a aldeia, a aldeota, o logar, os casaes que alegram a paizagem; apenas o monte solitario em leguas e leguas de despovoados.

Só as grandes massas de sobreiros e azinheiros para alimentar com as succulentas boletas as varas de porcos.

O pastor de ceifões e manta, unico abrigo nos rigores do zanganilho e nos temporaes do sul.

As ribeiras pedregosas e fundas, com as aguas dos temporaes, rugindo e correndo arrebatadas. Planuras de estevaes fechados, que na primavera abrem em rosas brancas e singellas, cravejadas de pintas negras no centro. As manchas

do onde se alevanta o javardo hirsuto e minaz. Nem a guitarra campestre e as cantigas á porta dos casalejos ou no adro da ermida do logar.

Pois D. Thomaz de Mello, hoje a pé, ámanhã aos baldões do carro de mulas, lá foi com o seu concertista para Extremoz, onde o pae, general, era governador das armas.

Entrou-lhe alma nova no corpo quando chegou áquella villa de fontes, de marmores e do castello negro onde se deram terriveis morticinios.

Procurou um desvio ao pé de uma fonte, tirou da maleta, ou antes de uma trouxa, o fatinho de vêr a Deus: uma camisa e uma quinzena de alpaca; lavou a cara, enxugou-a á grande toalha da natureza, remirou-se no espelho do tanque, e, trauteando um tono favorito com lettra do seu idolo, investiu com o palacete do pae.

O pae ficou encantado de o vêr, e não menos extatico com as cadencias imprevistas da flauta midonia do singular artifice!

A ternura paterna, no aperto de mão da despedida, deu-lhe algumas libras, e elle, como um rei, entrou triumphante pela fronteira, caminho da Andaluzia. Se tudo isto se não passou precisamente assim, tudo isto diz com a indole e o caracter de D. Thomaz de Mello.

A descripção pormenor d'esta odysséa fêl-a elle proprio na *Bohemia Antiga*, que não tenho agora á mão, mas sobre a qual publiquei, ha annos, uma longa carta de que vou transcrever dois breves periodos:

«Tens paginas soberbas. Não é só a parte alegre; ha quadros sombrios admiravelmente tocados e passagens que despertam dolorosa admiração.

«Lembras-te quando escrevemos um drama em tres dias em casa de Pedro Jacome Correia, hoje conde de Jacome, e o fômos vender por tres moedas ao Silva Caneta, do theatro de D. Maria, casado com a Carlota Talassi?

«Quem me dera vêr hoje o embrechado e as tolices que lá puzemos!...

«N'aquelles disparates sempre havia de haver alguma frescura de imaginação e mocidade...

«Recordas-te de quando Antonio Xavier de Brederode, tão intelligente e tão fino, n'um aperto de rapaz, mandou empenhar o relogio ao *José Confeiteiro*, e depois de cearmos no Penim pediu ao Agostinho Batalha, que ahi está vivo e são, que lhe fôsse comprar um bilhete da famosa loteria, e no dia seguinte o Batalha lhe entrou pela porta dentro com cincoenta contos de réis!?»

D. Thomaz encontrou em Cordova, ou fôsse onde fôsse, a tentadora perdição que procurava.

Correram dois annos.

Em setembro de 1862 estava eu no hotel Carôlo, em Coimbra, á beira do Mondego.

Um dia, á chegada da Mala-posta, que seguia para o Porto, tinha-me sentado á mesa,

quando ouvi uma voz crystallina muito minha conhecida e logo entrar na sala a Leon de la Vega, que celebrou com a jovial affabilidade o meu encontro.

Ao lado d'ella vinha um homem vulgar de aspecto, que Leon, com um revez de mão desdenhoso, me indicou, dizendo :

—É meu marido.

Não se demorava senão o tempo da paragem da diligencia.

Partia para o Porto.

Tomámos um copo de *Champagne,* saudando intencionalmente os amigos de Lisboa.

Pouco mais teria corrido de que uma hora; estavamos ainda ao café, que era espaçado n'esses coloridos tempos, quando entrou na casa de jantar D. Thomaz esbaforido e suando em bagas.

Leon de la Vega mandara-lhe aviso de Pombal, onde elle estava, porém não o recebera a tempo de seguir na Mala-posta. Montou a cavallo; o cavalleiro destro e destemido, o ca-

vallo forte e fragueiro; mas a distancia era grande e não poude chegar a tempo.

Engoliu o jantar; deixou o cavallo ao cuidado do *Pratas,* famoso alquilé, que lhe mandou sellar o seu mais fino andador, e arrieiro montado, para chegar ao Porto pouco depois da Mala-posta, que voava na estrada feita de novo.

D. Thomaz de Mello partiu, a escape, como um conspirador de 1820.

N'essa epocha era elle rapaz desempenado, de estatura regular, forte, cabellos louros abundantes e levemente anelados; perfil um pouco duro, mas correcto, bigode crispado e atrevido, olho azul e penetrante; quando o olhar lhe fuzilava parecia silvar como setta!

Os relampagos azues d'aquelles olhos não mentiam. Acima de tudo era sensual. Fervia-lhe o sangue, espumando nas veias.

O amor, isento de toda a culpa carnal, immaculado, sagrado, jámais o sentiu. Os movimentos de alma, ineffaveis, indiziveis, porque parecem porvir de effluvios divinos, não os conheceu. Não teve ensejo de amparar uma creança pobre, de vêl-a crescer e entrar na adolescencia, pagando-lhe as finezas e os sacrificios recebidos com extremos de amor filial.

Ainda bem que não, coitado!

Um dia, n'um d'esses dias nefastos em que o diabo domina e arrasa todo o influxo do bem, podia ella cahir-lhe subitamente moribunda, ficar-lhe morta nos braços, para elle não ter mais lampejos de alegria e ser, em summa, um desgraçado!

Correram annos. O marido de Leon de la Vega morreu.

Logo que poude, D. Thomaz de Mello casou com a viuva, sempre attractiva e ainda florente.

Foi padrinho do casamento o grande poeta A. F. de Castilho.

Um casal em que o marido é poeta e a mulher faz versos, a não ser excepção rarissima, pode arrulhar em requebros apaixonados quando muito tres dias.

Depois... Emfim, viveram ainda muitos annos como bons amigos.

Leon de la Vega, apesar da sua precedencia realenga, era vulneravel como os pobres mortaes.

Succumbiu.

D. Thomaz de Mello casou em segundas nupcias.

A vida d'este homem foi um turbilhão, turbilhão que levava tudo deante de si!...

Por quantas vezes podia ter descançado, e com o seu talento deixar uma obra muito maior.

Foi o seu destino, e no destino creio eu!... Oh! se creio!

E acredito tambem na successão fatal das coisas; correntes mysteriosas que nos dão dias

prosperos e dias crueis. Estes, graças á miseria da vida, sempre mais frequentes.

Entrou-lhe o frio gelador do ultimo inverno da edade, e com elle, além dos achaques physicos, grandes angustias de espirito.

Na sua dedicadissima companheira teve o supremo conforto.

O amor desenganado faz prodigios.

Acudiu-lhe até á ultima hora com os carinhos dulcificantes e os animadores alentos de que só é capaz o coração da mulher!

Monte, 1905.

## A ALVELOA E O FALCÃO

Nas escarpas mais elevadas d'estas arribas de mar abundam os falcões. Ha-os de varios generos.

Os mais altaneiros, entre nós, são os nebris. Cabeça chata, olho brilhante e penetrador, lingua carnuda, azas esguias, garra adunca e poderosa, pernas musculosas, pennas aleonadas.

Na ferocidade carnivora não querem senão a presa viva, as carnes palpitantes, o sangue arterial espadanando. Das eminencias, immoveis como se estivessem em terreno firme, fe-

cham as azas, precipitando-se e cahindo sobre a pomba mansa ou a perdiz bravia, para despedaçal-a nas sombras, saciando a gula cruel. A elegancia e rapidez dos pairos não tem rival. O relancear dos olhos e o alcance da pupilla dá-lhes quasi sempre a victoria. Os gritos tem o que quer que seja de sangrento e marcial, quando acaso lhes escapa uma presa ou quando lhe resistem os quadrados temerosos de milhares e milhares de estorninhos.

Em 1901, n'uma manhã dos principios de novembro, veiu revolutear uma alveloa á ventana do meu quarto, que diz para o sul e onde batem as refregas da invernia; por isso lhe chamei ventana, á antiga.

O dia era crystal prismatico; dos dias como só conheço no inverno do meu paiz. A alveloa soberbo exemplar. O dr. João Barreira, como de familia n'esta casa, viu-a e admirou-lhe muitas vezes os movimentos e a graça.

Que bem pintada! Peito de oiro pallido, lombo e azas de um verde acinzentado como a fo-

lha da oliveira, cauda longa e estreita, bico fino e levemente curvo, os olhos dois brilhantinhos negros, as patitas altas, escuras e mal tocando o solo; a cabeça airosa e o collo esbelto nos meneios horizontaes, que são uma tentação de Lucifer no collo e na cabeça de certas mulheres. Ao orvalho dos vidros da nossa janella vinha prear insectos e na caçada aerea a elegancia dos giros trinantes sempre variada e sempre imprevista. Passarito encantador!

Todos os dias, principalmente emquanto cahia orvalho ou geada, era certa a bicar nos vidros da janella. Uma manhã, um amigo, ou antes um irmão, um poeta e jornalista que á veia fecunda, á graça unica, alliava as faculdades de um cerebro poderoso, que a cada passo dava luzes e conselhos aos nossos mais notaveis estadistas, homem que deixou no coração de quantos o amavam — e foram muitos! — nodoa tão funda que jámais se desvanecerá, Urbano de Castro, n'uma palavra, dormia n'um quarto contiguo ao nosso, e sentiu o revoar da

alveloa. Como o zanganilho soprava cortante, cuidou que o passarito quizesse agasalho, e, com a sua alma tão grande e tão boa como o talento, levantou-se da cama e foi abrir-lhe a janella. A alveloasita entrou muito senhora de si e de sua casa, revoando a trinar e sahindo quando lhe aprouve. Pensámos em lhe pôr um annel, para vêr se voltava no anno seguinte; mas nem Urbano, nem João Barreira, nem eu, lográmos deitar-lhe a mão.

Veiu o outono de 1902. A alveloa arribou novamente, mas o solicito amigo que lhe abria a janella não poude vêl-a, porque no dia 6 de novembro abriu-se-lhe a elle subitamente a cova, onde se abysmou na força da intelligencia e na sua grande estatura de homem de bem.

N'esse anno nefasto estavamos um dia á mesa, fins de dezembro, tempo magnifico. A forasteira ora vinha á janella do nosso quarto, ora á da casa de jantar, onde a convidavam umas trepadeiras de madre-silva. De repente sentimos uma pancada que parecia estralar to-

dos os vidros, e ao mesmo passo um grito estrangulado sahindo da garganta de um passarito. Um falcão primaz, n'um abrir e fechar de olhos, empolgou a alveloa e levou-a na garra para devoral-a n'umas balseiras do cannavial proximo.

Com o morrer da tarde, a viração fria levantava umas pennas tenues da nossa companheirita e lá iam — talvez, quem sabe! — para se unirem na transformação da vida universal áquelle que no seu amor immaculado por todos os infortunios, para abrigal-a dos gelos do inverno, lhe dera uma prova de sympathia!

## A ANDORINHA E OS FILHOS

—

As gallinholas, mudas e sombrias, arribam nos escuros de novembro; as andorinhas, esmaltadas e palreiras, com os assomos da primavera.

Aqui, pegado á minha porta, na loja do mestre Francisco ferrador, todos os annos na epocha propria entrava uma andorinha, fabricava n'uma trave da casa o ninho com barro tenue, creava os filhos, amparava-os nos pairos incipientes, conduzindo-os nas primeiras revoadas, e, em chegando sazão da partida, com a prole

já independente e o grande exercito das companheiras, lá ia para a sua Africa, debaixo do céo, acima das ondas, bonança ou tormenta, sem roteiro nem bussola, sob a mão do destino!

No anno seguinte voltava.

Mestre Francisco ferrador, apesar de ter o seu tanto ou quanto de philosopho melancolico, esfregando as mãos, annunciava aos vizinhos:

— Já cá a temos; chegou esta madrugada!

Entre parenthesis: n'este homem o amor pelos animaes é tal que se arrisca muitas vezes a ficar aleijado para não metter um aziar no beiço de um cavallo manhoso.

Ha poucos annos a andorinha entrou nos assomos de março. Construiu casa, escolheu noivo e creou novos filhos. Abril cantava no azul diaphano, nas gargantas dos passaros e nas gargantas das fontes, nos pomares floridos, nos echos dos valles, e, com egual jubilo, em volta da porta do Francisco ferrador. Aproveitando ensejo opportuno, um garoto trepou ao tronco nivelado com o ninho, deitou as unhas aos pas-

saritos já meio emplumados, que chamavam pela mãe, e partiu, o cachorro, latindo ufano como um podengo ao levantar a caça!

A andorinha regressou com o cibo no bico; não viu os filhos, partiu como setta, voltou, correu todos os angulos da casa reclamando sempre por elles, revoltou ao logar onde os deixara... Emmudeceu. Correram horas, uma noite, um dia, outra noite!...

Pela madrugada, da trave sombria e deserta a mãe cahiu redondamente morta sobre o ninho despedaçado dos filhos!

Monte, 1904.

## AUGUSTO GIL

### «Uma tarde no Monte»

---

Só, como o espargo no monte! A solidão aqui rara vez desmente o rifão.

De vez em onde, aos compassos do mar na costa e do vento nas ramadas seculares dos poucos ulmeiros que escaparam á furia dendroclasta dos nossos homens do campo, reune-se o chalrar alegre da mocidade escolhida, mocidade de educação e talento, que visita estes logares para se desenfadar do bulicio dos arruamentos da cidade na paz alpestre e nos travos salubres de graciosas paizagens. O anno passado um

grupo de rapazes veiu jantar a casa do meu bom amigo e vizinho de ha quinze annos, Manuel Luiz Fernandes, actual presidente da camara de Almada; rapazes distinctos nas sciencias, na arte e nas lettras. O melhor d'essas horas seriam á mesa, posta no eirado que avança ao rez da casa, eirado com os seus alegrêtes floridos e arvorêtas viçosas, d'onde os olhos se desafogam correndo desde o Castello de Palmella até Nossa Senhora do Cabo. Quadro enorme que abraça todo o cimo ondulado da serra da Arrabida; pomares, vinhedos, vastissimos tratos de pinheiral, que se perdem nos longes das planuras, que vão morrer nas faldas da montanha divisoria do Sado e Tejo. O esmalte dos casaes, aldeotas, logarejos, moinhos de vento, campeando d'entre macissos de verdura; a ampla bahia do Alfeite, tudo, ou no referver do dia ou no descahir da tarde, com as frechas horizontaes do sol ponente, tem variedade, expressão e viveza como em poucas partes se encontram. Sentámo-nos á mesa do nosso

hospede. Entre os convivas não faltava um orador de temperamento, orador no fôro, e, quando venha o lance, tribuno ao ar livre, nos impetos mysteriosos do improviso, sublevando os animos, como o vento, aos desgarrões, levanta as ondas do mar. Filho de um jurisconsulto primaz, que na mocidade foi saudado poeta por Almeida Garrett, sobrinho de um dos maiores poetas que teve o seculo passado em Portugal,—cae-me o seu nome da penna, nome que anda na bôcca e na admiração de todos: Alexandre Braga.

A tarde era de verão, serena e calmosa, mas arejada por um mareiro do oceano, salgadio e fresco. As copas frias do espadeiro, da talia, do boal, vinhos d'este torrão celebrados já por Gil Vicente e Camões, accendiam até a alma de um velho que lá estava, quanto mais o coração dos rapazes!

Foi n'essa tarde que tive ensejo de apertar pela primeira vez a mão de Augusto Gil. Da sua mediana estatura, do seu concentramento

physionomico, desmentido pelo faiscar dos olhos garços, olhos entre sentimentaes e ironicos; do sorriso timido com um pico mordaz, de toda a sua individualidade, emfim, — porque elle tem a rara fortuna de ser individual — me estava saltando o poeta sincero e o cancionista encantador. Poucos, bem poucos, tenho conhecido que façam menos conta da gloria que lhe podia dar o talento, talento real, que lhe vem aos borbotões do intimo, sem andar atraz d'elle remodelando metros na cadencia estridula e monotona do martello de um ferrador que bate canello n'uma incude.

Não é nem romantico, nem parnasiano, nem symbolista; é elle — o Augusto Gil — nome que é um gracioso rithmo.

Devera já ter volumes se durante annos, nas voltas do Mondego, pelos hortos onde gorgeiam os passaros, e nas fontes onde cantam as cachopas, não deixasse dezenas de estancias, que ámanhã serão margaridas multicores dos campos e conchas lapidadas pelos mares no cancio-

neiro nacional. Por quê refoge da luz da grande publicidade este poeta tão vivo, tão picante e tão de lei?!

Precisamos recorrer aos seus companheiros de Coimbra para lhe apanharmos a flôr das composições que elle esqueceu ha muito. Só outros —Deus me perdôe— são de uma abundancia diabetica!

Como as gôtas crystallinas de nascente pura, caem-lhe da bôcca os versos que não escreve, e que lá vão nos assomos da lua no crescente, n'um sopro da aragem, no fuzilar de uma estrella na tremulina das aguas, para onde nasceram, para o sorriso de uns labios vermelhos ou para um suspiro do peito alvoroçado de uma rapariga.

Parece que certas organisações teem o que quer que seja do somnambulo. Correm á beira dos precipicios sem os vêr, jogam-se aos matagaes espinhosos e não os sentem; talvez nas regiões dos sonhos aspirem o aroma das rosas ideaes; mas, quando acordam para as miserias

humanas, veem com as carnes rasgadas e sangrentas dos pedregaes da jornada.

Oiçam-lhe os versos, duas quadras apenas:

Teus olhos, contas escuras,
São duas ave-marias
D'um rosario de amarguras,
Que eu rezo todos os dias.

Amas a Nosso Senhor,
Que morreu por toda a gente,
E a mim não me tens amor
Que morro por ti sómente!

Em Coimbra, a vizinha da casa fronteira, a dos olhos negros, que passava o dia costurando ao pé da janella, entre um mangericão copado e um craveiro florido, essa é que o ia desgraçando.

Os nossos convivas partiram para Lisboa. A tarde esmorecia. O sol baqueava nas ondas, deixando o largo crepusculo dos dias estivaes. A

lua, n'um periodo delicioso, surgia do nascente, rubra como a aurora. Depois, com a noite, alteou no céo branca e beijou a terra.

Que bem cahiria, n'esse momento, um estudante de Coimbra, viola ao peito, cantando n'uma voz afinada e masculina a quadra do seu camarada Augusto Gil:

> Teus olhos, contas escuras,
> São duas ave-marias
> D'um rosario de amarguras,
> Que eu rezo todos os dias.

Monte, 1904.

# PROCISSÃO DO CORPO DE DEUS

—

Noite ainda, no dia da procissão do Corpo de Deus os regimentos sahiam dos quarteis. Fosse qual fosse o tempo, officiaes e soldados deitavam calça branca.

As tropas formavam no Passeio Publico, então — na minha mocidade — arvoredo fechado, principalmente de ulmeiros colossaes, cortado por uma rua norte-sul.

No inverno, não raro, batia as azas uma que outra gallinhola; na primavera silvavam os mel-

ros atrevidos e gorgeavam os rouxinoes namorados.

Hoje, homem do meu tempo, que metta da Praça dos Restauradores, Avenida acima, se lhe dá a onda das recordações, quando chega ao Campo Pequeno tem para um grosso volume. E que livro seria esse, traçado por escriptor de individualidade e de pulso! Tinha para tudo, desde as luctas dos primeiros dias da monarchia até os assaltos das linhas de Lisboa de 1833 a 1834.

Ainda em tempos relativamente proximos as esperas de toiros, que agitadas e interessantes se tornavam, nos seus variados episodios, com as batidas dos trens de praça e os cavalleiros amadores. Na volta, o Campo Pequeno, noite alta, com as guitarras e o fadinho corrido, lubrico e apaixonado!...

Melodia e versos genuinamente populares:

Se fôr certo o que suspeito,
Que tu namoras o torto,
Ou aqui ou n'outro porto

O tratante ha de pagal-o,
Que eu sou capaz de esganal-o
Ainda depois de morto.
.....
.....

Quando eu dei com um matacão
N'aquelle gajo, á Esperança!...
Para arranjares fiança
Andaste em passo de cão;
Vendestes o teu cordão,
Teu capote se empenhou,
Se hoje solto e livre estou,
A ti o devo em verdade,
E por tanta lealdade
Minha alma presa ficou!
.....

E a outra — pobre rapariga — despedindo-se do marinheiro:

Se soubesse, meu amor,
Que não te tornava a vêr,
Mandava vir da botica
Remedio para morrer!

Aos dois versos finaes d'esta quadra, a simplicidade da dicção e a intensidade do sentimento dão um relance soberbo da arte ignota do genio popular:

> Mandava vir da botica
> Remedio para morrer!

Isto sim; isto tem vida, sangue, feição portugueza, e não o fado de maestrinos, com lettra de poetastros, que não é senão embrechado semsaborissimo.

Dia de Corpo de Deus, aos primeiros raios do sol, em toda a sua arrogancia marcial, a testa dos batalhões, composta de porta-machados, rompia do Passeio Publico para formar as alas nos arruamentos.

Era pomposo: enormes barretinas de pello, aventaes de coiro branqueado, guantes como manoplas, barbas negras e longas até aos peitos.

O tambor-mór á frente d'elles, figura gigantea, entre pavorosa e comica, jogando aos ares o bastão encastoado de um globo de metal, que

fuzilava, cahindo-lhe na mão poderosa. Então o colosso voltava-se para a renque dos tambores, que precediam a banda de musica, e com um movimento de hombros, acompanhando a cadencia da marcha, tornava a arremessar a clava pelos espaços, e, com a montanha hirsuta da barretina sobre a cabeça erecta, tornava a empolgal-a. N'esse momento começavam as evoluções. Ai! d'aquelle que se approximasse! A rapidez das voltas faiscantes eram como aspas de moinho tocadas pela refrega furibunda. O rapazio, em risco imminente de perder a vida, reunia o vozear estridulo aos latidos jubilosos do cão do regimento.

Era absurdo, terrivel, ridiculo e encantador!

Hoje o exercito é disciplinado pela sciencia; tem espingarda de repetição, canhões que n'um credo disparam dezenas de balas, matando centenas de inimigos; ámanhã serão descargas electricas disparadas á leve pressão de um dedo, que poderá ser feminino, fulminando um exercito.

Hoje os granadeiros de Marengo e Waterloo teriam ares de arlequins. De accordo; mas aquillo sacudia os nervos e alvorotava o coração.

Como a guerra é para morrer, então morrer ao estrondear do apparato bellico: nitrir de cavallos, fuzilar de espadas, ouvindo retumbar os hymnos triumphaes dos Tirteus da patria, e não como a rez sombria no matadouro fétido.

No meu tempo já não havia oiteiros; as elegantes não ficavam penteadas da vespera, e o *edificio do penteado,* de que falava Juvenal, resumia-se nos modestos e graciosos bandós.

Os saca-rolhas, os adoraveis caracoes, de que fôra a ultima a usar D. Maria II, já tinham passado de moda. Voltarão qualquer dia.

Nas janellas dos arruamentos, as colchas orientaes sumptuosas davam idéa da opulencia dos ourives de oiro e prata, dos mercadores, n'uma palavra, dos lojistas da baixa. O jantar burguez, que pouco excedia da uma da tarde, tornava-se em lautos banquetes, que principiavam

luzes accêsas. Toda a cidade tinha para longos dias e longas noites narrativas sobre a festa extraordinaria. Não havia segundo dia no anno como aquelle. Quanto mais raro fructo, mais appetecido; d'ahi veiu a culpa de Adão.

De todos os passos da famosa procissão, dois eram sempre como imprevistos e maravilhavam a plebe: os pretos de opas de côres ardentes e variadas, rufando nos tamboris, e o S. Jorge.

Sobre a força descommunal do beirão ou transmontano que aguentava com a armadura, montanha de ferro, corriam coisas extraordinarias; dizia-se que o sangravam copiosamente quando acabava a festa, e que em seguida, para o restaurar, lhe davam uma ceia que arrebentaria um boi.

A ultima vez que assisti á procissão do Corpo de Deus foi em casa de Domingos Martins Peres, casa fronteira á egreja da Magdalena. Quando debandou a grande concorrencia, sahi e

deparei com Gonçalo Vaz de Carvalho — visconde de Monção. — Seguimos ambos para o Chiado, rua Garrett, como a chrismaram depois, tirando-lhe o nome de um poeta de muito merito no seu genero, e cuja memoria se ligava á mocidade de Luiz de Camões, só pelo gosto soez e estupido de dar cabo de tudo que é nacional.

Na veia trepida e sonora da conversação familiar, e nas anecdotas, o visconde de Monção era impagavel; cahiam-lhe em catadupa; algumas tão verdes que nem o realismo hoje *a la moda* se atreveria com ellas.

N'esse dia me contou elle varias. Uma de Bocage, que não se parece nada com tantas que se deram com o poeta e tantissimas que lhe teem attribuido, fez-me impressão singular na simpleza commovente.

No *Marrare das sete portas,* o antigo que eu já não conheci, e de que fala Garrett, creio que no prologo das *Liricas* de João Minim, o visconde de Monção, e mais alguns amigos da sua

grande roda, estavam com Manuel Maria Barbosa du Bocage. N'outra mesa uns personagens discutindo ou antes disputando acaloradamente.

N'isto um dos taes levanta-se com impeto, vem bater grosseiramente no hombro de Bocage e pergunta-lhe:

— Ó *Manel* Maria, é *Thriato* ou Theatro que se diz?

O grande poeta da *Pena de Talião,* vermelho até á raiz do cabello, respondeu como em áparte e suffocado:

— Perguntas d'essas não se fazem.

Não teve outra replica, coitado! Vexou-se de que os seus companheiros ouvissem que o tuteava um maltrapilho ignorante!

Na primavera do anno seguinte áquelle da procissão do Corpo de Deus, correu em Lisboa que o visconde de Monção ia casar em segnndas nupcias com uma senhora muita moça,

e affirmava-se, á bôcca cheia, que o casamento se dava para tirar o vinculo a seu sobrinho José Vaz de Carvalho.

N'esse tempo não havia *noticiario* em Portugal, comquanto Antonio da Silva Tullio tivesse feito algumas tentativas; foi elle o introductor do genero, que tem vingado por todo o paiz exuberantemente; não havia *noticiario,* mas havia *noticiaristas* nas praças, nas esquinas, nas lojas, nos cafés e nas salas, de ponta de lingua mais ardente que a pimenta das Indias!

—«O casamento é ámanhã, de tarde, na egreja de Santa Isabel. Grande estadão! Padrinhos: marechal duque de Saldanha e marquez de Penalva.»

Com effeito, no dia 28 de abril de 1859, tenho aqui a certidão do casamento, a egreja de Santa Isabel transbordava!

Duque de Saldanha, com a planta e presença do homem na força da vida, dava o braço á noiva. Tinha 69 annos justos o soldado de Almoster; o visconde, o noivo, 78 contados.

José Vaz de Carvalho, seu sobrinho, não fazia parte do cortejo, mas estava no templo. As ventas vincadas, enfiado, disse para nós — Luiz Augusto Palmeirim e eu:

— Aqui não devia dar-se um casamento, mas uma tragedia.

O sorriso era amargo e a colera justissima.

O tio, visconde de Monção, por vindicta, arrancava das mãos a casa ao sobrinho, casado e com duas filhas menores.

Emfim, José Vaz de Carvalho, pelo desatino do tio, podia ficar pobre; porém sem morgado não, que possuia o mais illustre e luminoso vinculo no peregrino talento de sua filha Maria Amalia Vaz de Carvalho, então uma creança!

Luiz Augusto Palmeirim, a proposito do singular casamento, escreveu uma chistosissima carta, que foi muito falada. Não sei onde pára.

Passaram dois annos, creio eu. O visconde de Monção era pae. O doutor Namorado, depois visconde de Santo Ambrozio, assistiu ao feliz successo. Entrou no gabinete do visconde e disse-lhe:

— Parabens, muitos parabens. Tem v. ex.ª um filho varão, um robusto menino, e a senhora viscondessa está em optimas condições. O recemnascido veiu com um defeitosinho, coisa leve: seis dedos no pé direito.

— Dá licença, doutor? e o visconde, voltando-se para o seu creado de quarto e estendendo-lhe o pé direito, disse:

— Tira-me o sapato e a meia.

Usava sempre sapato de verniz e meia de seda.

— Ora veja o meu caro doutor e tenha a bondade de contar.

— Singular phenomeno: seis dedos e no mesmo pé!

O visconde, com um sorriso que tinha o que quer que fosse da ponta de um florete envenenado, continuou:

— Como é amigo do meu sobrinho José Vaz, peço-lhe que lhe diga que aqui n'esta casa tem um primo, e que o priminho veiu ao mundo com seis dedos no pé direito, tal qual como o pae!

Gonçalo Vaz de Carvalho, visconde de Monção, morreu sobre os noventa annos. Se disse algumas palavras antes de partir, vou jurar — salvo seja! — que essas palavras foram um epigramma ou uma mordacidade!

Monte, 1906.

# RECORDAÇÕES DE 1848

A ultima batalha campal da Maria da Fonte, rapida, mas sangrenta, deu-se no dia 1 de maio de 1847. Sobre ella veiu a Convenção de Gramido. Os liberaes foram mettidos na Torre de S. Julião, a cargo dos carcereiros inglezes.

Que momento esse de angustia e desespero para o coração de um paiz!

Suspensa pelo braço estrangeiro, a revolução popular recrudesceu nos odios e vindictas. Antigos rancores da epocha que findara em 1834 haviam esmorecido, senão acabado completa-

mente, depois de se approximarem absolutistas e constitucionaes, unindo-se contra o inimigo commum: o conde de Thomar. Na primavera de 1848 sobreveiu a queda de Luiz Filippe em França. Instava Palmerstron para que se cumprissem os artigos do protocollo. Moderou-se o governo e teve mão na prepotencia dos sicarios. Conde das Antas, n'uma casa ao Carmo, com os rapazes do tempo — os rapazes eram quasi todos patuléas — conspirava. Antonio Pedro Lopes de Mendonça escrevia pamphletos politicos que fuzilavam como relampagos. Abriam-se ao mesmo tempo as salas do Club da Horta Secca, da Assembléa Ingleza. O Club era para os aristocratas. Negociante de casa de balcão, fosse qual fosse, de modas, de ourives, de livreiro, não podia ser socio; era dos estatutos. As mulheres, porém, embora da estirpe mais illustre, começando pela infanta D. Isabel Maria, mettiam empenhos para frequentar as outras assembléas. Tinham esse bom gosto. Começaram as toiradas a favor das *victimas dos*

*ultimos acontecimentos*, e os caceteiros, cabis-baixos, já não tugiam, nem mugiam. As casas particulares, mais ou menos abastadas, abriam as suas salas, e quando chegou a epocha foram para o campo. Era preciso espairecer, respirando ar livre. Não, que os annos de 1846 e 1847 tinham tido episodios funebres!

As praias limitavam-se a Pedroiços e ao Dáfundo.

No Dáfundo os Palhas tinham o seu palacete dentro da quinta, sobre o mar e n'um ponto de vista magnifico. Os demais alugavam casas, alguns rez-do-chão, como o conde da Figueira, pae do actual. Ainda lá está tal qual essa casa, e fica quasi defronte da habitação balnear do meu velho e querido amigo Miguel Queriol. A mobilia ia dentro de um carro de bois; o preciso apenas para dois mezes de banhos. Patriarchal tudo aquillo: vestidos de chita, as raparigas em cabello.

A simplicidade do trajo, n'esse tempo, vinha de D. Maria II. Raro seria que vissem a rai-

nha correr as ruas da capital, no seu caleche, senão de vestido de chita. A filha do imperador D. Pedro IV tinha certos habitos que eram puramente nacionaes e populares. Por exemplo: assadas nas brazas, comia as sardinhas sobre o pão e ás dentadas, á moda das camponezas; na educação dos filhos, que amava extremosamente, em sendo preciso não lhe poupava, das proprias mãos, o castigo. Tão burgueza na casa como rainha no throno. Assim a politica a não tivesse desorientado tantas vezes!

Nas praias tudo era franco e em tudo havia um travo de satisfação intima no aproveitar aquellas horas espairecidas. A coisa mais simples se convertia n'uma festa: um hospede imprevisto; a merenda (a merenda!!) sob o frondeado arvoredo da quinta do Duque, ou na praia, com a caldeirada e o bailarico. Em casa dos Palhas, Aranhas, Maria Cruz, nas reuniões semanaes, egual simpleza, sem prejuizo da musica, dança, representação de proverbios, entremezes e comedias, e, sobretudo, sem perda da

finissima educação portugueza e da veia abundante de espirito. A familia Palha, numerosa e extremamente amavel, com muitos irmãos e irmãs. Antonio Palha, rapaz que deu brado em Paris, casou com Laura Blanco. Que par! Maria da Piedade Palha consorciara-se, n'esse anno de 1848, com Constantino Bastos, em segundas nupcias. Que bonita feição de rapariga portugueza! Cabello negro, com reflexos azulados da plumagem do côrvo; olhos castanhos, ardentes e alegres; labios um rubim:

«Partido por gala en dós.»

como dizia o grande poeta hespanhol. Mediana de estatura e primorosa no torneado do corpo.

Uma noite, conde da Taipa, em casa dos Palhas, falava com alguem que lhe disse a proposito fosse de que fosse:

— O conde por quanto faria isso?

— Por quanto?... Por dá cá aquella *Palha,* replicou o Taipa, gaguejando e apontando para a tentadora Maria da Piedade. Garrett, nas ves-

peras d'ella se casar, fez-lhe estes versos, alludindo á queda de Luiz Filippe:

Bem sei que é toda de flôres
Essa corôa de amores,
Que na fronte vaes cingir.
Mas é corôa, é reinado;
E a posto mais arriscado
Não se pode hoje subir

N'esses reinos populosos
Os vassallos revoltosos
Tarde ou cedo dão a lei.
Quem ha de conter, domal-os,
Se são tantos os vassallos,
Eu só o pobre do rei?

Não vejo, rainha bella,
Para fugir essa estrella,
Que aos reis persegue sem dó,
Mais que um meio — falo sério:
É pôr limites ao imperio
E ter um vassallo só.

O theatro de S. Carlos abrira esse anno com o tenor Volpini, voz deliciosa; teve, porém, rapida carreira. Voltou passados annos, muitos annos, casado com a celebre cantora Elisa Volpini, ainda moço, mas tendo deixado a arte. O empresario do theatro, em 1848, fazia milagres. Platéa geral 480 réis; a superior pouco mais. Frisas e camarotes de assignatura meia duzia se tanto.

Não raro o homem, coitado, em meio de um vozear descomposto, era chamado á auctoria e obrigado a botar discurso para abrandar as iras futeis dos espectadores. Não faltavam episodios picarescos. Uma vez quasi todos os bancos da geral foram feitos em hastilhas. Os tempos aureos começaram em 1851 com a Stoltz.

Bailes no Club e nas Assembléas, os famosos bailes do marquez de Vianna. Os duques de Palmella só para muito intimos abriam as

suas salas. A mesa do marquez de Penalva, primorosamente portugueza, estava sempre franca e as reuniões nocturnas frequentes. Não havia nada mais agasalhador e lhano de que a casa do illustre aristocrata. Conde de Porto Côvo, então simplesmente o Bandeira, todos os domingos e dias festivos recebia a jantar alguns amigos. O cozinheiro italiano era respeitado pelos vateis do Paço e da casa Palmella. Na trezena de Santo Antonio, na vespera e no dia do thaumaturgo, havia dois sumptuosos banquetes. Maria Cruz começava as suas inolvidaveis quintas-feiras.

Conde de Carvalhal, na rua de S. Felix, á Lapa, n'uma casa avançada por um jardim que deitava e deita ainda para a rua da Santissima Trindade, improvisara um theatrinho. A primeira recita foi com a *Mademoiselle de Belle Isle*. Os papeis principaes foram representados por D. Luiz da Camara Leme, e por D. Sophia Jervis, casada com Anselmo Pinto Basto. Teria os seus vinte annos, fina e gentil; muito in-

telligente, primorosamente educada. Era, sem sombras de favor, uma vocação artistica. Deixou de seu sangue quem saiba honrar-lhe a memoria: suas filhas, não ha muito — e são grandes hoje as exigencias — que encantaram quantos tiveram a boa fortuna de as admirar no theatro de D. Maria II. A Talia tambem por 1848 estava na força do seu esplendor.

Outra casa havia, n'esse tempo, adoravel na singular familiaridade do seu trato: a casa do conde da Lapa. A condessa seria preciso a mão de um pintor de talento para lhe tirar as feições, dar-lhe a expressão graciosa e suggestiva do rosto, o ar e a ondulancia da figura; n'uma palavra, a alma. Velhos, moços, creanças, tudo attrahia a seu peito a irresistivel captivadora! Aristocrata do mais puro sangue, jámais affrontou ninguem com os fumos dos seus escudos timbrados. Que intuição nativa do gosto e do bello! Hoje deve haver, ha de haver, mas será rarissimo, quem possua taes predicados, sobretudo como exemplar, como individualidade do nosso

caracter e do nosso paiz. Tinha tres filhos varões: D. Manuel, D. Fernando e D. José, unico que resta hoje — conde de Mossamedes; se houvesse cultivado a arte, seria notabilissimo violinista.

Como corriam as horas n'aquella casa risonha e acariciadora do Campo de Sant'Anna, onde habitavam!

A filha mais velha, D. Eugenia, tinha 17 annos.

Balzac, se a visse, chamar-lhe-hia «O Lyrio do Valle». A morbida expressão dos olhos rasgados, a bôcca deliciosamente cortada, a suavidade das linhas da estatura regular, davam-lhe um primor de mimo e graça, raro em exemplar feminino.

Pouco depois, dois annos depois, casava com um moço que á gentileza physica reunia a intelligencia e bizarria do elevado caracter: D. Antonio Jorge da Cunha Menezes, filho primogenito da nobilissima casa da Flôr da Murta. Ás reuniões do conde da Lapa concorria a fa-

milia, e alli se representou pela primeira vez o *Frei Luiz de Sousa*. O mais velho dos tres filhos d'essa casa era Duarte de Sá. Passára uma longa temporada em França. Foi mestre do actor Santos, director do Conservatorio, e seria, não só em Portugal, mas em Paris ou Londres, actor de primeira ordem, principalmente na alta comedia. Um ademane, um gesto, uma contracção, dava o sal da comedia, e ás vezes o arrepio da tragedia.

O pae de Duarte de Sá, por alcunha o Sá Bexiga, na graça espontanea e portugueza, que tambem a temos, nos ditos e sahidas imprevistas, nas picantes e inoffensivas jovialidades, não tinha rival. Uma noite estavamos em casa do conde de Carvalhal, n'uma das suas brilhantes festas. Sá Bexiga era gastronomo appetitoso e paladar fino. Chegou a ceia volante. Defronte d'elle ficava a baroneza da Regaleira, senhora avançada em annos, muito rica, primorosamente trajada, tendo na cabeça um diadema de brilhantes e esmeraldas das mais finas aguas. Sá

Bexiga serviu-se de cabeça de Achar, prato muito apreciado n'aquelle tempo, e, tocando no braço de um amigo que tinha ao lado, indicou-lhe a baroneza, dizendo:

— Aquella é que é uma cabeça de... Achar!

Equivocos d'estes cahiam-lhe como os seus mais infimos.

No Tejo surgiam frequentemente as esquadras inglezas e estacionavam largas temporadas. E que espectaculo era esse quando vinham entrando, e seguiam Tejo acima, náos altaneiras, tocadas por viração propicia!

Na Lisboa morta de então as esquadras davam grande movimento á cidade. Ás vezes as scenas tornavam-se burlescas e brutaes entre os inglezes borrachos e os brigões do povo, tragicas rarissimamente.

Os officiaes inglezes, tratados com esmero pelos nacionaes e colonia ingleza, tão numerosa que tomava o melhor do bairro de Buenos Ayres, correspondiam com festas soberbas a bordo. A essas festas era sempre convidado Sá

Bexiga. Um dia, n'um jantar lauto, quando já se haviam tocado bem os copos, levantou-se o Sá de taça em punho. Não sabia uma palavra de inglez, mas tinha decorado uma phrase do exordio de um brinde e disse-a em purissimo londrino. O resto portuguez classico, porém com tal arte imitava a pronuncia ingleza que os officiaes, attentissimos, punham a mão na orelha, como tubo acustico, dando-se a perros por não entender uma palavra. Logo que souberam do logro, ficaram encantados e agarraram-se n'elle com a estrepitosa alegria, que, em rompendo nos inglezes, é de atordoar.

Sá Bexiga cortejou a filha de um homem abastado, não sei se titular. O pae não queria o casamento e ficou de mal com a filha e com o genro. Uns seis mezes depois, Sá defronta com o sogro ao virar a esquina de uma rua da baixa. Pára diante d'elle e diz-lhe:

— Que V. Ex.ª ficasse de mal com sua filha, porque fez um pessimo casamento, percebe-se e é justo; mas commigo, que o fiz optimo, é que

não ha razão nenhuma. O sogro, a rir e a chorar, deitou-se-lhe nos braços e ficaram excellentes amigos. Esta familia, tão amavel e interessante, desappareceu sem deixar descendente masculino que a represente na vivacidade do espirito.

Correu animado o anno de 1848. As luctas do parlamento começaram a picar. Em breve chegariam a grandes extremos. Nós, os rapazes, entre toiradas, reuniões e bailes, auspiciavamos largo futuro á republica. A pouco trecho veiu o imperio.

Dezoito annos depois o imperio cahiu em Sedan, e sobre a Communa, que realizou o sinistro vaticinio de Henrique Heine, proclamou-se a republica. A não ser algum republicano exaltado, ainda os que lhe eram mais affeiçoados não lhe vaticinavam senão vida ephemera. Enganaram-se redondamente. Raros do meu tempo, muito raros, chegaram a ouvir, 35 annos passados, como eu ouvi, embora sumidos, n'este Monte, os echos dos retumbantes applausos da

velha Lisboa monarchica á França republicana, na pessoa do seu sympathico e honrado Presidente.

Não ha como ser velho para vêr e ouvir coisas extraordinarias.

Monte, 1906.

## JOÃO BARREIRA

Dois traços apenas. O menos perspicaz, vendo-lhe a scintillação diamantina das pupillas nos bellos olhos peninsulares, sente que está alli alguem.

É medico e artista. As intelligencias completas dão para tudo. A arte, porém, é a sua paixão dominadora. A arte e a natureza. Todo elle vibra relembrando um busto de Donatello e uma téla de Velasquez, como se anima descrevendo um rasgo da paizagem soberba do seu paiz nativo — Traz-os-Montes. É muito moço e tem vivido muitissimo da vida intensa e devoradora da imaginação. Mais contemplativo do que la-

borioso. A politica, no alvorecer dos annos, deu-lhe um repelão instantaneo. Elle era radical. Abriu os olhos; viu o palude estagnado e fétido; desenganou-se de vez.

Pelo influxo da epocha em que nasceu, e pelo meio em que tem andado, retrae os impetos da sensibilidade, que é n'elle viva e delicada como em todas as organisações superiores. Ás vezes parece frio e hostil, apparentando indifferenças e desabrimentos que são a antithese do seu caracter. Nos arrebatos de enthusiasmo pelos talentos e escolas que lhe são predilectas é, não raro, intransigente, absoluto, e até, por momentos, injusto. Mas como a razão é vigorosa, reflectindo, modifica os seus juizos. Professor de *Historia da Arte Antiga* na Academia das Bellas Artes, tendo já visto bastante do que ha de melhor e manuseando constantemente obras de critica das mais notaveis, de dia a dia firma no espirito penetrante e assimilador as linhas correctas e simples, a côr, as cambiantes, a luz, as sombras, os atrevimentos imprevistos da arte

de todos os tempos, alheia a auctoridades dictatorias, a correntes desencadeadas, a decretos de masculos effeminados em conventiculos de reputações panicas.

Ha alguns annos que Henrique Lopes de Mendonça e D. João da Camara me fizeram a fineza de apresentar no retiro da minha casa d'este Monte o dr. João Barreira, que é hoje para nós pessoa de familia. A lei immutavel das lagrimas acerbas apertou os vinculos da nossa estima, levando-nos de improviso para a cova dois nomes, nomes que estarão sempre vivos nos nossos corações!

Possue João Barreira, este moço escriptor de talento, condições moraes para se radicar na intimidade de toda a gente de bem. Eu tenho admirado, e admiro ainda, grandes intelligencias, que são ao mesmo passo grandes patifes; mas admiro-os de longe; ao largo, lá bem largo da minha porta, salvo seja!

Monte, 1903.

# NAS ARRIBAS DO MAR

Ha dias, abrindo o jornal — «A caça» — deparou-se-me um artigo intitulado: *Législation sur la chasse.* Dizia: ... «*Je revois encore les dunes sauvages qui s'étendent de* Trafaria à Costa, *où j'ai fait ma première chasse avec* Bulhão Pato; les *rizières* et les côtes boisées du vallon d'Apostiça, etc.»

O artigo era de Sampayo Osborne, que esteve em Portugal cerca de 25 annos; rapaz muito intelligente, illustrado, da familia do conde da Povoa e primo da casa Palmella. Caça-

dor de sangue. Um desastre varou-lhe com um tiro, em França, uma das mãos, não sei se a direita, se a esquerda. Continuou, apesar d'isso, a ser espingarda de primeira ordem, e, o que é mais, ao piano primoroso artista.

Durante largo tempo bateu as tapadas e montados com os reis do throno e os reis da caça.

É provavel que não o torne mais a vêr. D'aqui lhe envio um cordeal e saudoso aperto de mão.

Em 1859 José Augusto Sacotto Galache e eu principiámos as nossas caçadas no Juncal da Costa. Pelas arribas as perdizes saltavam aos bandos; na planura as codornizes, as narcejas e outra caça de arribação abundantissima. Viviamos em Buenos-Ayres.

No inverno, noite ainda, Lourenço da Pinha estava no caes de José Antonio Pereira, com os seus tres filhos: o mais velho José, o segundo João, o terceiro Francisco, este muito moçinho ainda para as fainas da travessia do Tejo, ás vezes bravias. É piloto da Barra ha

já muitos annos. Lourenço da Pinha nascera em Olhão, terra de maritimos, que folgam com o esbravejar das ondas como as aves marinhas. Moço, veiu para Belem, e, ora com a mão no leme e na escota, ora no punho do remo, sempre de animo folgazão, coartada prompta e verboso como algarvio, lá foi mareando o barco, sustentando a mulher e creando os filhos. Morreu ha bastantes annos, mas por todo o bairro de Belem e por todo este almaraz lhe relembram o nome honrado e bemquisto.

José Augusto Galache, sem jactancias nem farroncas, era um rapaz que não tinha medo do diabo á meia noite. Agora lá está na sua propriedade do Freixo, ao pé de Valle de Lobos, tratando da sua lavoira, beijando a terra para manter as forças, sempre jovial e gentilhomem. A bravura e galhardia do cabo de forcados nas toiradas de amadores no Campo de Sant'Anna foi tal que ainda hoje corre na lenda entre os novos.

Um dia, em dezembro, vespera de Nossa Se-

nhora da Conceição, embarcámos, noite cerrada ainda, com Lourenço e seus dois filhos mais velhos. Tempo sêcco, sem vento, e intensamente frio; a geada cahia em carambinas. Prôa ao Torrão. Lourenço da Pinha, expansivo, animava os filhos:

—Vamos, rapazes, de voga arrancada, que é para aquecer.

Havia aguas de monte, e o barco, mal vinha clareando, abicou defronte da Quinta do Miranda.

Os dois rapazes acompanharam-nos, e o pae ficou guardando o barco á nossa espera. Os terrenos planos e á beiramar do Juncal eram lenteiros, enchabocados, como dizem os homens do campo e os caçadores. Nós tinhamos dois cães soberbos: o Black de José Augusto e o meu Faliero. Ambos muito bem parados, cobrando de ferido, e trazendo á mão toda a especie de caça. Depois do impeto da primeira batida sentámo-nos n'um médão de areia, acudimos ao almoço, que vinha nas redes, e ma-

támos a fome. Engolfámo-nos Juncal dentro. Quando demos por nós estavamos muito adcante das barracas da Costa.

O estomago não tinha a mais leve memoria do almoço; a ambição de caçar no dia seguinte não nos mordia menos de que o appetite voraz. Resolvemos ficar; mas ficar aonde e comer o quê? Á sorte.

Entrámos na povoação. Tudo choças de colmo; muitas levantadas sobre o arcaboiço de um velho barco. Uma casa de um só andar, com armas reaes, bojudas como o abdomen do ladino e bondoso monarcha D. João VI, que foi alli por mais de uma vez.

De pedra e cal meia duzia de casitas mais, quando muito. Iamos andando por aquelle labyrintho de cubatas e á porta de um ferrador demos com uma rapariguita dos seus dez annos, de cara insinuante, vestido de chita, meias muito brancas, sóccos, cabello em trança e bem tratado.

—Ó pequena, olha lá. Haverá aqui alguma

casa onde se possa ficar e se coma alguma coisa?

—Pois não ha, meus senhores!... É a tia Maria Rita do Adrião, accrescentou, dando á sua voz crystallina certa expressão que indicava a grandeza da personagem a quem se referia.

Levou-nos á tia Maria, e tal foi o agasalho que por mais de trinta annos frequentei aquella casa com o melhor dos meus amigos. A Claudina, a rapariguita que fôra a nossa salvação e a nossa guia, passados tempos casou, e, já mãe de filhos, depois de eu estar n'este Monte, morreu, coitada, de uma pneumonia. Maria Rita do Adrião vive ainda; ha dois annos que veiu visitar-me, na sua burrita, muito lépida, com os seus noventa e tres. Teve sempre boa estrella; até na sua visita a minha casa o azar apenas lhe deu um rebate falso. Quando voltava para a Costa perdeu um objecto de certo valor, creio que um brinco, que mão piedosa achou e foi logo annunciar no *Seculo*.

Depois de devorarmos o jantar e pelos barqueiros mandar aviso aos nossos, sol alto ainda, sahimos até á praia. Era vespera de Nossa Senhora da Conceição, a grande festa annual da terra. Os habitantes é que estavam descoroçoados e tristes; a sardinha, a famosa sardinha da salga, não tinha dado nada ou quasi nada. Mais uns dias de escassez e lá se iam as esperanças... o pão por muito tempo! Mar calmo. Na crista dos médãos, homens, mulheres, rapazes, mudos, immoveis, olhos cravados na companha, que lá muito ao largo vinha regressando. De manhã os alcatrazes, de aza fechada, cahindo do alto como raios, picavam a flôr das aguas, indicio de grandes negras de sardinha. Pelo cariz do tempo, o lanço devia de ter sido grande. Chegaria a salvamento, ou rebentaria o sacco?! Silencio profundo nos de mar e nos de terra. O silencio é signal certo de grande preoccupação de espirito nos moradores de povoações maritimas, tão vivos e loquazes.

Ao rez do mar grandes grupos moviam-se

visivelmente inquietos. Com o sol, que já no ponente batia o areal, aquellas figuras pareciam tomar proporções giganteas, cingidas de nimbos de oiro. O sol, as montanhas, o mar, as soberbas e solemnes paizagens, em vez de apoucarem o homem, engrandecem-no. N'uma linha de fortificações ondulada de montes e crespa de pincaros, antes de romper o assalto, os ajudantes de ordens, cruzando-se na carreira, a dois exercitos podem afigurar-se hypogriphos phantasiados pela veia fecunda de Boiardo ou de Ariosto. A paizagem parece dar e receber, ás vezes, commoções tragicas. O facto é que exerce nos espiritos acção profunda, embora ignota. Uma tempestade, nas serranias ou no oceano, improvisa heroes, como os relampagos das espadas e o trovão das baterias no campo da batalha.

Á beira d'agua principiou a correr um torvelino, levantando pyramides de areia. De repente uma lufada subita correu violenta. Os prodromos do furacão teem rugidos dolorosos

como os do leão na entrada da febre. Daria n'uma tempestade? Quantos corações ficaram apavorados em tal momento!

Os barcos approximaram-se de terra. A multidão silenciosa. A vaga alta como de mar movido ao longe, embora não arrebatada. N'um ai tudo salvo ou tudo perdido! O sacco... a montanha de prata, estava a salvamento na praia. Raros olhos ficariam enxutos vendo rebentar a alegria d'aquelle povo!

O sol, disco de fogo, tocava a superficie das aguas, que serenavam, passada a borrasca ephemera, permittindo que olhos humanos se cravassem no seu occaso explendido. Em breve a linha arenosa e já desmaiada, que segue até o Cabo, a bahia de Cascaes, os picos de Cintra, os montes e povoações do norte, o Tejo dormente, desvaneciam-se no breve crepusculo das tardes de inverno. O pharol do Espichel, girando as suas aspas de fogo intermittentes, parecia abrir sulcos luminosos pelo mar levemente enrugado. Bugio e S. Julião accendiam-

se. As estrellas estremeciam no firmamento limpido. Noite coroada de lumes. A aragem era um alento virginio, e a vaga na praia um suspiro amoroso. As redes voltaram ao mar. A companha bradou a uma voz:

— Avé, Maria purissima!

Monte, 1904.

## NA «GALLERIA DEGLI UFFIZI»

### A estatua de carne

---

Na vespera tinha ido visitar o palacio *Pitti*. Queria vêr agora a *Galleria degli Uffizi*. Quando me descartava de um *cicerone* importuno, apeava-se de um trem uma rapariga ingleza. Despediu em bom italiano o *cicerone* massador, e subiu apressadamente as escadarias. Comprámos bilhetes ao mesmo tempo, e ao mesmo tempo entrámos na *Galleria*. No «Corso», em Roma, eu via todas as tardes as elegantes desfilarem nos seus apparatosos trens; algumas esbeltas mulheres, um pouco estatuas até na frieza.

Outrotanto me succedera com as florentinas no bosque «Cascina» á hora de passeio; isto é, nada que surprehendesse com o poder de fascinação que a formosura, alliada á sympathia, exerce no coração e no espirito, independente do amor. Pois essa fascinação influia-a a ingleza que entrara commigo, dispensando, como eu, os serviços do *cicerone*.

Vejamos, no corredor oriental de 162 metros de comprido, com estatuas de marmore de 5 em 5 passos, de um e de outro lado, esta estatua de carne! Os artistas da Grecia e da Renascença só teem um rival vencedor — o estatuario Deus! Não contaria 20 annos a privilegiada ingleza. Altura regular. Cabeça pequena. A linha do pescoço e dos hombros egualava na correcção os modelos antigos e modernos que eu tinha deante de mim, sobrelevando-lhes na flexibilidade e na vida. Cabellos negros retintos; olhos de azul tão carregado que a certa luz pareciam pretos. Tinham as scintillações ardentes dos olhos meridionaes. Rosto entre

pueril e adolescente, animado, mas não corado. Como a ingleza não fazia o mais leve caso de mim, eu podia ser observador importuno á minha vontade. Deixei a obra da arte para admirar a obra da natureza. Se me achasse com 25 annos estava perdido. Desçalçou a luva da mão direita, enrugada até o cotovêllo, para folhear o seu Baedeker. Era a mão de Venus acariciando o Amor! Vestido de flanella azul ferrete, cingido ao corpo, deixava-lhe perceber as fórmas esculpturaes, mas flexiveis. Um ramo de botões de rosas brancas, e vermelhas, no peito. Symbolo ingenuo da sua perfumada mocidade e da sua rara formosura.

Quem és tu, encantadora Sybilla? Não tens a fronte enrugada pelo tempo, nem a face adusta pelo sol do deserto. És virgem e adolescente. Falta-te a sombra do laurel, e o idolo sobre a espadua núa. Onde estão as folhas onde escrevias os teus vaticinios? Voaram nas auras da Grecia. Os livros em que rasgavas o véo do futuro de Roma? Arderam no Capitolio, como

se não quizessem assistir ás proscripções de Sylla. Virgilio repete os teus horoscopos, e a lenda, que nos diz que elle repousa no Pausilippo, diz-nos tambem que era alli que tu soltavas da bôcca inspirada o hymno das alegrias eternas contemplando a voluptuosa Parthenope!

Seria a minha ingleza uma encarnação das graciosas visões do Paganismo? Entre aquelles modelos da Antiguidade e da Renascença cheguei a julgal-o!

Passados alguns minutos sentiu-se, no marmore sonoro do grandioso corredor, o som cadenciado e firme de passos masculinos. A ingleza voltou-se, e uma onda de sangue affrontou-lhe as faces. Era um moço que teria 25 annos, acompanhado de uma senhora dos seus 50. Uma bella senhora, e elle um rapaz forte, bem posto, sympathico. A ingleza beijou a senhora em ambas as faces e depois na bôcca, á italiana. A elle deu-lhe um aperto de mão. Devia de ser electrico! De toda ella transbordava a alegria, e, como se o meio lhe fizesse esque-

cer a reserva da educação britannica, não tratava de dissimular o impeto do seu transporte. Aquelle alvoroçado coração, de certo apaixonado, batia sob o céo florentino e no recinto luminoso do templo da arte! Que momento para aquella rapariga! São rapidos estes relampagos de felicidade, e só se dão no horizonte da juventude!

Segui a visitar a galeria.

No dia da minha chegada a Florença travara relações com uma perceptora tudesca que havia passado seis annos em Italia, e principalmente em Florença. Era instruida e intelligente, sympathica e elegante, comquanto não tivesse nada de bonita. Tinhamos combinado encontrar-nos na *Galleria*. Á hora aprazada chegava ella. Este sim, que seria erudito e agradavel *cicerone*. Dei-lhe o braço e fômos admirar os primores que ella tinha visto dezenas de vezes. Entrámos na Tribuna. Para quem tem um pouco o sentimento artistico, espectaculos d'aquelles produzem impressão tão viva que ás vezes chega a ser dolorosa!

Os olhos volvem-se attonitos do mundo antigo para o mundo moderno: do busto da Venus de Medicis para a Virgem de Corregio. Van-Dyck, Sebastião del Piombo, André del Sarto, Alberto Dürer, Ticiano. Lá tem este a Virgem de Urbino, retrato da princeza Eleonora, quadro eminentemente realista e uma das maravilhas do grande mestre. Raphael, Miguel Angelo e tantos e tantos que nos assombram n'aquella Tribuna sem rival no mundo!

A ingleza entrou na sala com o rapaz e a senhora vestida de viuva. A minha companheira conhecia-os. Effectivamente eram noivos. A ingleza sentou-se e o moço ao lado d'ella. Assim como resistira ao confronto das estatuas, resistiria comparada ás télas? Eu deixei a vista dos paineis e puz-me a olhar para ella. A luz que vinha de cima cahia-lhe sobre a cabeça, inundando-a toda. O mais leve pormenor podia ser observado.

Sorria abrindo os labios vermelhos, cheios de bom e ineffavel contentamento. Dentes ma-

gnificos. Os olhos illuminados não viam nada senão os olhos do noivo, e o olhar era tão longo que parecia penetrar até o coração do amante.

Se a minha companheira me não chamasse a attenção para a «Adoração dos Magos», de Alberto Dürer, confesso que deixaria estatuas e paineis para admirar unicamente a «Estatua de Carne»!

Florença, 1883.

## A SORRENTO E A CAPRÊA

A manhã estava agradavel. O céo limpo. Algumas nuvens brancas, aqui e além, envolviam as quebradas e a parte superior do Vesuvio, deixando-lhe o vertice descoberto.

Uma espiral de fumo, que parecia estreita com relação á grande montanha, recortava-se no azul transparente do céo de Napoles.

Ás 8 tomei um copo de leite; li um jornal qualquer italiano, onde se dava já como certa a união iberica, proclamada pelo dictador Castellar; peguei do sobretudo e dirigi-me para o

vapor, a dois passos do meu hotel, no caes de Santa Luzia.

A Sorrento e a Caprêa!

O tombadilho do barco estava atulhado de inglezas velhas, feias e ratonas, menos uma já passante dos seus 30, que era formosa mulher. Toda de preto; um véo branco até meio rosto; muito séria: sorriu uma vez, quando viu cahir enjoadas as suas companheiras. Tinha magnificos dentes; era pena que até alli os tivesse mostrado tão poucas vezes.

Apesar da serenidade do golfo, o vapor jogava fortemente, porque havìa ondulação de travez.

Tres musicos ambulantes, rapazes na flôr dos annos, bem vestidos, acompanhando-se de rabeca, bandolim e viola, cantavam com vozes frescas e sympathicas as canções do paiz.

Indescriptivel panorama!

O sol rutilava na espuma nevada da esteira do barco, e envolvia-nos em ôndas de luz!

Á pôpa Napoles; a bombordo o Vesuvio, Por-

tici, Torre del Greco e Annunciata; a estibordo Pausilippo, Cabo Miseno, Ischia e Procida; na prôa Castellamare, Sorrento e Caprêa!

As sciencias, as artes, as lettras, desde remotos tempos haviam figurado n'aquelle theatro, juntamente com os idyllios e as tragedias, os odios acerbos e as generosas acções!

A natureza e o homem reuniram n'aquelles montes de fogo, e n'aquelles valles sombrios, quanto o genio e a natureza podem crear de maior.

Pompeia lá o está dizendo todos os dias!

As inglezas feias continuavam a cahir nos espaldares e nos braços das poltronas. As contracções do diaphragma, nas ancias da nausea, davam-lhe ás caras, já de si desalmadas, um aspecto medonho!

A ingleza bonita casquinou pela segunda vez e mais fortemente, deixando vêr todos os dentes — duas renques de perolas! — O marido, encostado á amurada, começava a enfiar.

A pouco trecho fez-se livido, cambaleou, ba-

queando na poltrona a golfar o primeiro almoço.

O pobre homem estava enjoado.

A mulher contrahiu os labios com semblante agastado e assobiou um — Ho!... — como quem diz: Shoking!

Não tornou a sorrir, nem a olhar mais para o marido.

Passada hora e meia estavamos em Sorrento.

Toda a montanha coberta de oliveira e vinha, com seus macissos do verde carregado das laranjeiras e limoeiros.

No alto de um rochedo, 50 metros a pique sobre o mar, levanta-se o hotel Tramontano, ou antes tres soberbos hoteis.

O ultimo é a antiga casa de Cornelia, irmã do Tasso.

A casita do poeta, que ficava sobre uma escarpa, veiu abaixo. Divisam-se-lhe as ruinas atravez da agua crystallina e que se torna glauca — o verdadeiro verde-mar — n'aquelle ponto do golfo.

Deixámos alguns passageiros, tomámos outros e partimos para Caprêa a vêr a gruta azul!

De Napoles tinha seguido viagem commigo um allemão obeso, de oculos fixos, cabello, cara e barbas como pintadas a oca, sempre respondendo de mau humor ao *camarière* quando este lhe offerecia alguma coisa.

Foi o companheiro que me cahiu em sorte na minha visita á gruta!

O vapor pára a pouca distancia.

Nos barquitos cabem apenas duas pessoas e o *marinaro*. Eu, magro e pequeno; o allemão gordo e avantajado; de mais a mais difficil e esquerdo nos movimentos.

Desequilibrava-me a canôa. Havia leve resaca, mas bastante para fazer bailar o barquinho.

Por um momento entrevi, com algum desagrado, que ia sepultar-me na onda salgada do Mediterraneo ou n'outra não menos amarga, a do ridiculo!

Chegados á bôcca da gruta, semelhante á bôcca de um fôrno, os passageiros teem de deitar-se no fundo da canôa.

O allemão, varado de susto, estendeu-se ao comprido e de papo para o ar.

O barqueiro esperou a onda, colleou como a cobra, impelliu a barca, e n'um momento estavamos dentro.

Ambiente, abobada, agua, barcos e passageiros — tudo azul, azul esmaltado e transparente! — Só o pescador que se atira á agua, para receber em paga alguma coisa, é que reluz prateado como um peixe.

O allemão grunhiu uns sons guturaes, que não sei precisamente se eram exclamações de admiração ou lamentos de terror.

Á sahida egual processo.

Quando surgimos, o meu companheiro ergueu-se ao mesmo tempo que eu. Não se imagina aquella figura: sem chapéo, os cabellos em pé, curtos e como cerdas de javali; os oculos descavalgados do nariz,—espavorido!

Cingiu-me com o braço esquerdo e pregou-me um beijo.

O jubilo de escapar ao naufragio provocara-lhe a ternura.

Eu desatei uma gargalhada.

Voltámos para o ancoradouro da *Marina*.

Trepei a um hotel, que fica no alto de uma escarpa, com o seu terraço ajardinado, onde os limoeiros acurvavam os ramos carregados de fructos rescendentes. A vista era deslumbrante.

Na ilha de Ischia, o cimo do Epomeu parecia estremecer, rasgando o céo luminoso!

Almocei ao ar livre, e sobre uns deliciosos *frutti di mare*, — mariscos — saudei a ilha do famoso tyranno com o copo de vinho doirado d'aquellas fecundas encostas.

Vendo a paizagem tão graciosa e tão propicia a desenvolver no coração os intimos e suaves affectos, lembrei-me de que a theoria de H. Taine, a proposito da influencia impreterivel e fatal do clima e do paiz sobre o caracter do individuo, tem suas quebras.

Que influencia exerceu no despota monstruoso aquelle paraiso terreal, todo flôres, todo aromas, todo luz!

Durante o almoço appareceram duas raparigas, vendedeiras de coral. Contrastavam com a sordidez da gente do povo dos suburbios de Napoles.

A cabeça cuidadosamente penteada em bandós chatos e a trança atada na nuca, tal qual como o penteado das nossas elegantes nos ultimos tempos.

Vestido de percal côr de rosa; um lencito arrendado ao pescoço. Brincos de coral encastoados em oiro.

O pé descalço, branco e bem tratado.

Detesto o pé descalço, por melhor que seja e por mais comparações artisticas que me façam d'elle com o pé da estatua.

Emquanto a pés prefiro o Stellpflug a Miguel Angelo ou Donatello.

Uma das raparigas tinha 18 annos e a outra 20.

Ambas eram galantes, porém a mais nova reunia ás feições regulares a graça e a sympathia.

O cabello loiro, carregado e basto; os olhos bem rasgados atiravam para verde-mar; bons dentes; graciosa bôcca, porém os labios um pouco desbotados.

Tinha a côr do marmore antigo, que é peculiar das mulheres das ilhas e arrabaldes de Napoles, côr que Lamartine descreveu com tanta verdade na *Graziella*.

Pois elle ainda ha quem se lembre de Lamartine e da *Graziella?*

Oh! Senhores, eu sempre sou da era dos Affonsinos!

Depois de lhe comprar algumas enfiadas de coral, perguntei-lhe se tinha noivo.

Respondeu-me com a maior simplicidade:

—Nós aqui, meu senhor, só nos casamos depois dos 23 annos com um rapaz que já tenha 27. Somos muito pobres, e á força de trabalho é para então que podemos arranjar al-

guma coisa. Casar mais cedo é para as *Signorinas* da cidade.

Perguntei-lhe como se chamava:

— Carmelli.

Ao gabar-lhe o nome, que era realmente bonito, a outra, a dos 20 annos, acudiu pressurosa, córada, batendo no peito:

— E eu chamo-me Pasquarelli.

Como quem diz:

— Vê tu lá se o meu nome não é mais bonito!

A nota do coração feminino vibra sempre do mesmo modo,— no palacio ou na choupana,— a educação o mais que logra, ás vezes, é abafal-a.

Á despedida dei uma lira a cada uma — dois francos ao todo — pois foi grande dadiva para ellas!

— Obrigado, meu senhor. Esta noite comeremos macarrões á sua saude. Boa viagem, que a *Madona* vá na sua companhia!

Comeremos macarrões á sua saude, entre o povo de Napoles, equivale a dizer:

Beberemos um copo á sua saude.

O vapor assobiava pela segunda vez na *Piccola Marina*. Desci ao caes e d'alli a pouco, deitando 12 milhas, regressava á cidade.

Uma viração larga e fresca encrespava a onda curta do golfo, de um azul forte e denso como tinta. Á pôpa Castellamare, Sorrento e Caprêa; a estibordo Annunciatta, Torre del Greco e Portici; a bombordo Pausilippo, Ischia e Procida; na prôa Napoles, coroada com o seu velho castello de S. Telmo.

Que deliciosa viagem!

Napoles, 1883.

# O DIA 1 DE MAIO DE 1851

Em fevereiro de 1851 o duque de Saldanha começou a amiudar as suas visitas á Ajuda.

Quasi sempre jantava. N'esse dia a excellente cozinheira de Alexandre Herculano apurava-se no arroz, por ser prato favorito do duque, e a que elle fazia rasgados elogios. As conversações longas eram só entre ambos: o dono da casa e o marechal; mas, depois de jantar, o duque sentava-se na grande poltrona allemã, que mereceu menção honrosa nos folhetins de Antonio Pedro Lopes de Mendonça, e palestrava.

No trato intimo não podia dar-se nada mais distincto, bondoso e encantador. Reunia tudo: a fidalga educação oriunda dos avós, o *saber de experiencias feito,* a elegancia do porte, a voz masculina e sonora, a formosa cabeça, onde, a um e outro lado das fontes, se erguiam duas aspas de cabellos brancos, que eram tenuissimos fios de neve; olhos miopes, mas a que ponto bellos e revelando na scintillação bondade e talento! O duque, n'essa epocha, tinha justamente 61 annos, porém no vigor estava um rapaz de 30.

Quem diria que aquelle homem tão simples e meigo tinha os brazões timbrados, os arminhos de par, o peito constellado de condecorações ganhas nas batalhas, quando as suas pupillas fuzilavam e a sua voz trovejava fazendo empallidecer os mais valentes!

Como o duque era muito affectuoso para mim, eu, com grande aprazimento do mestre, puxava-lhe pela lingua, a vêr se lhe apanhava algum lance da sua vida, entre os muitos e interessantissimos que tivera.

Não raro o conseguia.

Quando falava de Montevideu, toda a physionomia se lhe illuminava. Chegou a andar, do cahir da tarde ao romper do dia seguinte, 18 legoas de ida e volta ao galope d'aquelles cavallos selvagens, firme como o centauro, e não era para conquistar os laureis de Marte, mas para beijar a cintura de Venus!

Um dia o duque foi para Cintra tratar da sua quinta e das suas turinas. Vinte e quatro horas depois toda Lisboa se alvorotava com a nova de uma revolução que ia rebentar.

Saldanha partira para as provincias do norte.

José Street, depois visconde de Carnide, ficara por fiador, não me lembra de quem, por uns oitenta contos de réis. Oitenta contos de réis ainda hoje são uma somma redonda; agora não exageraremos dando-lhe mais o dobro do

valor. Como a pessoa de quem fôra afiançador, chegado o praso, não poude satisfazer, José Street honrou a sua firma pagando immediatamente a quantia. Apeou carruagem, fechou as suas salas para as grandes reuniões, e ao cabo de muito poucos annos de rigorosa administração os oitenta contos derivaram para a sua caixa forte.

O dia 1 de maio de 1851 foi destinado a celebrar esse facto com uma grandiosa festa, á qual concorreu a flôr da sociedade de Lisboa, e os officiaes de uma esquadrilha ingleza surta havia muito no Tejo.

Um almoço, um jantar, um baile.

Os officiaes inglezes, com outros affeiçoados, jogavam o cricket no vasto largo de Carnide, ao estralar das garrafas de cerveja, e na alegria tumultuaria dos filhos de Albion quando se deitam a folgar.

José Street e os seus convivas eram liberaes. As noticias do Porto, onde Saldanha fôra accender a revolução, chegadas á ultima hora,

davam como perdida a tentativa do marechal. Ao começar a festa d'esse dia radiante, uma nuvem pairava sobre o espirito do dono da casa e de grande parte dos seus convidados. N'isto chegam Antonio de Oliveira Marreca e José Maria Grande, inimigos capitaes do conde de Thomar. Ambos vinham illuminados de jubilo como o sol da primavera que dardejava nos espaços. A noticia funesta era um boato falso, mandado espalhar pelo governo. Saldanha triumphara; os Cabraes perdidos. Na vida tambem ha instantes paradisiacos.

Lembro-me d'esse.

Como nós, os rapazes, nos abraçámos aos dois liberaes alviçareiros, a Alexandre Herculano, Filippe de Soure, ao velho Derramado e a tantos partidarios da Maria da Fonte. Hoje não se calcula o que eram essas expansões que rebentavam debaixo da oppressão do despotismo. Até os officiaes inglezes, que não andavam extranhos á crise por que passava o paiz, tomaram parte na nossa alegria como patuléas exaltados!

D'esse dia extraordinario, commigo, ha pelo menos mais tres testemunhas, que são as filhas de José Street — visconde de Carnide:

D. Margarida, D. Carolina e D. Catharina. Os dois filhos já não existem.

Á liberdade campestre, aquella festa memoravel reuniu, não só o exquisito da mesa e dos vinhos, naturaes e extrangeiros, porém ainda os leves apices do que ha mais correcto e elegante.

Desde os primeiros annos da minha mocidade fui intimo d'aquella familia; assisti, na sua casa de Lisboa e Carnide, a muitas reuniões brilhantes; pelo conjuncto de circumstancias, a nenhuma como aquella.

Gaspar Schindler e eu tinhamos vindo juntos. Schindler era um bello moço na estatura e distincto no porte. Cabêllos louro-fulvo anelados e longos á moda do tempo; caçador e cavalleiro. Lembrámo-nos, ao principiar o baile, que haviamos de apparecer em casa do marquez de Penalva, á Patriarchal, porque eram

annos da marqueza. Não tinhamos automovel, mas estava ás nossas ordens a sege de bater, de alçapão, rodas enormes, bamboleando sobre as grossas correias, que lhe serviam de molas; o bolieiro, um pimpão, de bota alta, esporas de prateleira, chapelito braguez; nos dois bolsos da jaqueta redonda dois lenços de seda da India, flammantes.

Tudo aquillo voava pelos pedregaes das estradas primitivas!

Chegámos á Praça, hoje, do Principe Real, beijámos a mão á dona da casa, démos umas quantas voltas de valsa a dois tempos, que então começavam, e sobre as duas da noite voltavamos ao turbilhão da festa de Carnide. Quem diria a Gaspar Schindler, então solteiro, que um dia a sua filha primogenita, hoje condessa de Carnide, havia de casar com o filho morgado d'aquella casa, então um rapazote.

Jesus! Maria!... Estou tão velho que, ao balbuciar estas «Memorias», se me afigura, ás vezes, que resuscitei!

Emfim, ao cabo de uma longa vida, já noite cerrada, velem-nos as recordações, ultimas favillas das chammas crepitantes da mocidade!

Monte, 1907.

# QUADRILHEIROS NO ALEMTEJO

Nos primeiros dias de março de 1854 estava eu em Leiria, hospede do meu amigo Antonio Xavier Rodrigues Cordeiro. A Casa das Córtes, luminosa e serena, como a consciencia de seus habitadores, ficava n'um ponto encantador d'aquella fertilissima paizagem regada pelo Liz e o Lena. No fechado dos pomares e das balsas, os rouxinoes, logo aos assomos da primavera, eram tantos e tão insignes artistas como os do Choupal de Coimbra. A mãe de Xavier Cordeiro, já avançada em annos, senhora de

raro espirito, conservou a sua lucida intelligencia até passados os noventa. Filhos, netas e bisnetos não desmentiram, nem lhe desmentem a raça.

A 17 de março, o meu hospede e eu, fomos passar o dia á Batalha. Pelas duas da tarde descobrimos dois cavalleiros. Adeante vinha um a largo passo de estrada, muito senhor de si e lépido. Era um cego, cego que dava torrentes de luz aos outros! A. F. de Castilho.

Acompanhava-o seu filho primogenito, Julio, actual visconde de Castilho, que estava nos primeiros dias da adolescencia. Não visitara nunca o convento de Santa Maria da Victoria. Apesar da edade, já o seu elevado espirito de artista e de archeologo, que havia de produzir tantos livros admiraveis, lhe andava a ferver dentro d'aquelle peito, onde bate um dos corações mais generosos e honrados que tenho conhecido na minha longa vida.

Vendo-se na maravilhosa fabrica, o seu alvoroço foi tal que ia dando uma tragedia. Aqui m'o diz elle n'uma carta:

«O nosso encontro na Batalha foi a 17 de março de 1854. Lembro-me bem! Salvaste-me a vida no coruchéo da cegonha.»

Com effeito, por um momento, pude evitar que se não precipitasse.

A. F. de Castilho tinha vivos todos os filhos: quatro rapazes e uma filha. Hoje restam dois: o visconde, auctor da *Lisboa Antiga,* e Augusto, um dos nomes mais brilhantes da tradicional e gloriosa marinha portugueza.

O morgado do talento, n'aquella familia, deu para todos. Ida, a filha unica, poderia ter sido uma das notaveis escriptoras do paiz. Possuia grandes dotes de intelligencia e primorosa educação litteraria. Diminuitiva de estatura, proporcionada e distincta, olhos de extranha belleza, suggestivos e arrebatadores. Cerrou-os na flôr da vida. Dediquei á sua memoria o primeiro soneto que fiz. Como tudo isto são recordações, aqui o transcrevo:

## Ida

Não morreste, que eu vejo-te sorrindo
N'um raio de luar pallido e frio,
Na flôr agreste do pomar sombrio,
Na estrella a rutilar no azul infindo!

Não morreste! Sereno refulgindo,
Teu olhar transparente como o rio,
Batido dos clarões do sol do estio,
Nas alturas do espaço inda é mais lindo!

Não morreste! Graciosa como outr'ora,
Vibrando, a tua voz, ó Ida, ó Ida,
Nas harpas dos cyprestes canta agora!

Viverás, luz e sombra, morte e vida,
Emquanto houver no céo rosas da aurora,
E no campo um botão de margarida!

Castilho e Julio iam passar um mez a Leiria, hospedando-se em casa de um amigo d'elles e meu, o eminente escriptor D. Antonio da Costa de Macedo.

Castilho abriu o seu Curso Normal. Logo que chegou a Lisboa, partiu para o Porto, a dar o terceiro Curso; do Porto para Coimbra, a leccionar o quarto. Este foi uma batalha campal, em que elle se bateu valentissimamente, com a palavra, contra o conselho superior e grande numero de lentes.

No meio das refregas mais renhidas, as replicas e os epigrammas em braza fuzilavam a cada passo. Ninguem n'esse genero, nem o proprio Bocage, lhe levava a melhor. Creio que estão colligidos parte dos seus ditos; se fossem todos dariam um volume. Citarei dois apenas que ouvi em Coimbra, pouco depois de lá haver estado o grande poeta. Embora sejam co-

nhecidos de muitos, não perdem com a publicidade que lhes dou agora.

Filippe de Quental, adoravel tio de Anthero, discipulo e amigo de Castilho, era, n'aquelle momento, seu secretario. Uma noite esperava-se a resposta do Conselho dos Decanos ao pedido que o poeta fizera de uma sala para o seu Curso Normal. Estavam reunidos, não sei aonde, e os ouvintes eram numerosos. Castilho pediu ao secretario que tivesse a bondade de lêr o officio.

Logo depois das primeiras palavras vinha esta phrase:

—«O Conselho, tendo pensado maduramente...»

Castilho atalhou:

—Perdão. Maduro é coisa que elle nunca foi; passou de verde a pôdre.

Entre os signatarios havia um chamado Antoninho. No dia seguinte Castilho vinha pela Sofia, conversando animadamente com alguns amigos, quando um bacoro se lhe metteu entre

os pés, aos pulos, e dando grunhidos arrepiadores. O poeta tropeçou, ia a cahir, mas, tendo-se nas pernas vigorosas, exclamou:

— Tirem-me d'aqui este Antoninho!

No anno seguinte — 1855 — na propaganda do ensino, que foi para elle uma santa cruzada, partiu até o Rio de Janeiro. Essa viagem, nos vapores d'aquella epocha, não era precisamente como as que se fazem hoje nas ilhas encantadas e fluctuantes, que me levam os olhos quando as vejo sahir por essa barra fóra. A ida ao Rio de Janeiro deu-lhe duas odes que valem um poema.

Em abril, acompanhados da symphonia dos rouxinoes, ao romper da alvorada, sahimos das Córtes para Lisboa.

Xavier Cordeiro era um camarada impagavel. Tinha 35 annos, e eu havia feito 25 em março. A mocidade não pode sentir o que ha

de mordente n'esta recordação para os que chegam ás ultimas ondas da vida.

Cordeiro mandara vir cavallos do Pratas, de Coimbra, e adeante direi por quê. Um pouco depois de passarmos Alcoentre, já noite, na aberta de um pinhal vimos uma fogueira, e acampado um bando que eu julguei de ganhões. O Botão de Rosa, nosso arrieiro e velho conhecido, metteu subitamente o cavallo á aberta onde estavam os homens. Cordeiro, que havia muito conhecia aquellas estradas, viu logo o que era: era uma quadrilha de ladrões. Por isso mandara vir arrieiro do Pratas, que trazia salvo-conducto.

O dia fôra calmoso, o caminho quasi sempre impervio, o almoço leve. Quando nos approximámos de Villa Nova, termo da viagem por terra, entrou-nos alma nova no corpo. Os cavallos, sentindo o aroma do matto dos fornos

accêsos, estugaram o passo, e, ouvindo a voz do curador (moço da estalagem que tratava do gado), romperam em relinchos alegres e marciaes. Podiamos cear e dormir socegados; o vapor partia para o Terreiro do Paço pelo meio dia, e lá chegariamos passadas as cinco. A viagem era um pouquito morosa; de Leiria a Lisboa dois dias, porém tão variada e pittoresca que nem lhe faltou um bando de salteadores.

Os ladrões... de estrada em Portugal são hoje uma lenda remota. N'aquelle tempo ninguem aventurava um passo, d'este Monte em que vivo, para Setubal, Azeitão, Calhariz da Arrabida, Cezimbra, sem se entender com o Antonio Deitado sobre o salvo-conducto.

De todos os assaltos a viajantes no Alemtejo o mais sombrio e nefando foi quando eu era

ainda muito rapaz. Tornou-se notorio em todo o paiz.

Um lavrador abastado, diziam que das proximidades de Monte-mór, bello e destemido rapaz, veiu passar com a noiva uma temporada em Lisboa. Fiando-se em si e em dois creados decididos, não quiz que o acompanhassem soldados de cavallaria.

Correu a viagem até á capital sem nenhum mau encontro. A noiva era tão galante que prendeu as attenções de todos a primeira vez que se apresentou no Passeio Publico. Regressaram ao Alemtejo.

Pouco antes das Vendas Novas cahiu sobre elles uma quadrilha truculenta, e tão subita, e com tal impeto, que o marido e os dois famulos foram immediatamente subjugados e maniatados. Deu-se então um lance indescriptivel. Os scelerados, como a soldadesca desenfreada em praça tomada de assalto, ultrajaram a desventurada senhora nas sevicias da ferina brutalidade de que só é capaz o homem. A senhora, quatro ou cinco dias depois, estava morta.

O marido, n'aquelles momentos — n'aquelles seculos! — fixou as feições dos tigres nas sombras do inferno da sua alma!

O caso rebentou em Lisboa, e teve grande echo, apesar de ser n'um tempo em que eram quasi diarios pavorosos crimes.

A rainha D. Maria II, que prezava a sua honra e a de seu marido, como mulher honestissima que era, revoltou-se com o terrivel attentado, e fez saber áquelle homem que podia contar com o seu indulto em todas as circumstancias.

O alemtejano possuia meios; organisou uma partida de homens destemidos e correu com elles a monte em busca dos lobos cervaes.

Uns diziam que os scelerados eram quinze, outros vinte.

Fossem os que fossem, quantos agarrava quantos mutilava, pelas proprias mãos, com uma navalha de barba, e depois cosia-os a punhadas.

Dois fugiram para Hespanha. Lá foi, lá os descobriu e lhes deu egual fim.

Não ha coração, por mais humano, que não perdôe o sangue e a ferocidade d'aquella vindicta.

Em 1858 as coisas chegaram a ponto que um dos generaes mais valentes do exercito, Joaquim Bento, barão do Zezere, sem ser ostensivamente, se incumbiu de desinfestar o paiz, principalmente o Alemtejo, que se ia tornando uma Calabria. A batida começou entre Palmella e Setubal e não foi das menos asperas. A quadrilha grande, e valentes os quadrilheiros. Mataram um soldado, feriram dois, e metteram-se n'umas brenhas fechadas, como javalis amanchados. Deitaram-lhes fogo por todas as sahidas e raros escaparam. Em pouco tempo os montados e matagaes do sul estavam limpos.

O ultimo bandido celebre — esse passados annos — cahiu nas mãos da justiça: João Brandão, de Midões.

Não ha muito ainda que a lenda o dava como vivo e riquissimo na Africa occidental.

Entre aquelle tempo e o de hoje — que abysmo!

Monte, 1907.

# PRIMEIRO DE DEZEMBRO

A aurora marcial e sagrada do *Primeiro de Dezembro,* em Portugal, sumiu-se, ha muito, nos turbilhões de fumo do carvão de pedra.

Os valles e os montes emmudeceram.

O operario não vê essa alvorada crystallina senão no passo tardio do caminho da fabrica ou officina.

Um dia, em todos os angulos d'esta nação, com a estrella de alva, os peitos redimidos da tyrannia, bradavam desafogados e jubilosos:

«Somos livres e Portuguezes!»

Cessaram os hymnos triumphaes. Os clarins da Fama pertencem á velha rhetorica. Hoje, na terra e no mar, ouve-se apenas o silvo agudo e arrepiador das machinas potentes.

O tempo é dinheiro. O enthusiasmo uma futilidade; a recordação das glorias passadas um pueril devaneio.

Fôram-se os heroes e os deuses.

Os templos desabaram. Ha só um templo: Templo de ouro, que manda o beijo frio do egoismo á humanidade.

A Patria acabou.

Não para mim, que sou teu filho e que te adoro, ó meu paiz, ó minha Patria!

Monte, 1906.

# A MINHA NOIVA

—

Sessenta e cinco annos — vou fazêl-os d'aqui a muitos poucos dias — e estou namorado, perdidamente enamorado!

Que desgraça!

Aquelle privilegiado espirito que escreveu as *Pupillas do Senhor Reitor*, nas primicias do seu peregrino talento fez um delicioso conto, onde apparece um velho apaixonado por uma esbelta rapariga. A rapariga ri-se d'elle. A mim não me succede outro tanto. Sou correspondido,

com a effusão do amor sincero nos effluvios de um coração virgem!

A minha noiva, sendo de alegria exuberante, tem, de raro em raro, nuvens que lhe toldam as pupillas crystallinas.

Nuvens?... uma neblina como a que nas manhãs serenas de primavera se ergue, ao romper do sol, do fundo dos valles e envolve a corola perfumada de uma mosqueta bravia.

Tem olhos garços. Ás vezes, á luz crúa do sol, faiscam como esmeraldas. Escuras e longas as pestanas; a testa pequena, oval e polida; o nariz delicado, com as azitas transparentes e vincadas. Uma pontinha de genio, muito leve. A bôcca, botão de rosa, que fala e canta, deixando curvas luminosas no azul diaphano. O mento boleado e ligeiramente fendido a meio.

Um pouco proeminentes as maçans do rosto, o que lhe assignala mais as olheiras moradas. Estas graciosas olheiras não teem o toque sensual, mas a sympathica melancholia das saudades agrestes.

Ella, a minha adorada, como é alegre durante o dia! O sol, os campos, as abelhas, os passaros, entontecem-na! É radiante como o sol, balsamica como as flôres, zumbidora como as abelhas de oiro, e bate as azas e gorgeia como as aves do céo!

Onde fui eu desencantar-te, e amar-te, e adorar-te, delirio da minha alma!

A tua voz é um idyllio: Theocrito emmudeceria ouvindo-te.

Tenho feito versos a tantas mulheres, só a ti não!

Qual será o lyrico que se atreva a improvisar um soneto aos teus olhos e uma anacreontica á tua bôcca?

Apelles não acharia na Grecia tintas que dessem o branco-mate, levemente nacarado das tuas faces, nem o tom das ondas dos teus cabellos fulvos!

Que admira que eu enlouqueça por ti, lyrio, que me embriagas com aromas ethereos! Quando o sol referve no azul sem mancha, e bate

por essas chapadas nos relvões verdejantes, ella tem impetos de jubilo e não dissimula a sua paixão; deita-se-me nos braços, beija-me com frenesi e diz sempre:

— Tu és os meus adorados amores!

Esta construcção é da sua grammatica peculiar. Reage energicamente contra a disciplina dos livros, mas á falta de erudição sobra-lhe colorido e originalidade. Nascida e creada no campo, ainda assim é fraca em agronomia. Ha dias perguntou-me seguidamente:

— Quando abrem as arvores? Quaes abrem primeiro? As gingeiras? Gosto tanto de ginjas e são tão bonitas!... Ainda hei de fazer d'ellas uns brincos.

Estou já a vêl-a, com os rubins pendentes das orelhas recortadas pelo buril do genio, no marfim mais fino!

As tardes, quando vamos pelos altos do casal e que o sol se afunda no mar, beijando a flôr da onda, ella fica pensativa e triste, tão triste que lhe estremece uma lagrima nos olhos,

como orvalho ao cahir da noite no calix de uma violeta.

Clarão da minha vida, futura e risonha companheira dos meus annos tardios, com o sol que se esconde lá na curva do mar, que Deus te deite a sua benção e tenhas sempre dias serenos e immaculados como a tua virtude! Os meus annos desfolham-se, mas ao sôpro da tua primavera resurjo á mocidade, amando-te! O amor faz milagres; tu és o ideal e dás-me o infinito n'um beijo!

Apanhei na horta um pintasilgo de cabeça vermelha como um cardeal. Ella não tinha senão uma gaiolita de canna. Sonhou com uma gaiola doirada.

Hontem fui á cidade e realisei-lhe o sonho. Trouxe-lhe a gaiola doirada. Deitou-se a mim aos beijos, e proferiu a sua phrase suprema:

— Tu és os meus adorados amores!

— Sou; mas ainda me não déste o — Sim. Quando casas commigo?

Poz-se nos bicos dos pés; levou o indicador

da mão direita á covita da barba; hesitou momentos e respondeu solemnemente:

— Quando fôr mais maior.

Tem cinco annos a minha noiva!

Monte, 1895.

# ERRATAS

Pag. 215, lin. 18, onde se lê: ...voltou-lhe o peito redondo, deve lêr-se: voltou-lhe o peito amplo.

Pag. 295, lin. 19, onde se lê: femininos, deve lêr-se: fescenninos.

Pag. 296, lin. 11, onde se lê: 1893, leia-se: 1883.

Pag. 364, lin. 22 e pag. 365, lin. 1, onde se lê: concorria a familia, deve lêr-se: concorria a familia Sá, em cuja casa, no Pinheiro, se representou pela primeira vez o *Frei Luiz de Sousa*.

Pag. 423, lin. 20, onde se lê: cosia-os a punhadas, deve lêr-se: cosia-os a punhaladas.

# OBRAS DO MESMO AUCTOR

| | | |
|---|---|---|
| Poesias (esgotada) | 1 | vol. |
| Versos | 1 | » |
| Digressões e novellas | 1 | » |
| Canções da tarde (esgotada) | 1 | » |
| Cartas dos Açores (idem) | 1 | » |
| Flôres agrestes (idem) | 1 | » |
| Paizagens | 1 | » |
| Cantos e satyras | 1 | » |
| Sob os cyprestes | 1 | » |
| Portuguezes na India | 1 | » |
| Hoje — Satyras, canções e idyllios | 1 | » |
| Lazaro consul (esgotada) | 1 | » |
| O pavilhão vermelho (idem) | 1 | » |
| O Marquez de Salisbury (idem) | 1 | » |
| PAQUITA — Poema completo em XVI cantos | 1 | » |
| Amor virgem n'uma peccadora — Comedia em um acto | 1 | » |
| MEMORIAS — Tomos: I, II e III | 3 | » |

## VERSÕES

| | | |
|---|---|---|
| Hamlet | 1 | » |
| Mercador de Veneza | 1 | » |
| Ruy Blas | 1 | » |
| Graziella | 1 | » |

### No prelo

| | | |
|---|---|---|
| Satyras | 1 | » |

### A entrar no prelo

| | | |
|---|---|---|
| No fim da colheita | 1 | » |

**Monumentos ineditos publicados pela Academia Real das Sciencias sob a direcção do socio de merito R. A. de Bulhão Pato**

| | | |
|---|---|---|
| Decada XIII de Antonio Bocarro | 2 | » |
| Livro das monções | 4 | » |
| Cartas de Affonso de Albuquerque | 3 | » |

### No prelo

| | | |
|---|---|---|
| Cartas de Affonso de Albuquerque | 4.º | » |

PQ 9261 B8Z52 t.3

Bulhão Pato, Raymundo Antonio de

Memorias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY